

Daniela Tonello Levy

**“JUDEUS E MARRANOS NO BRASIL HOLANDÊS -
PIONEIROS NA COLONIZAÇÃO DE NOVA YORK”
(século XVII)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, sob orientação da
Prof. Dra. Anita Waingort Novinsky

São Paulo
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEDICATÓRIA

Para Beto,
companheiro de todas as horas.

Para Sophia,
Que ela saiba levar sua “tarefa até ao anoitecer”!

AGRADECIMENTOS

Desde o início das minhas pesquisas, ouvia sempre a mestra dizer: “Vou te fazer uma grande judia!”

Após três anos, acredito que ela tenha, pelo menos, me colocado no caminho! Pela generosidade, dedicação e carinho, agradeço a Professora Dra. Anita Novinsky, por ser muito mais que uma orientadora.

Agradeço também a Dra. Lina Gorenstein, amiga e companheira de trabalho, pela inestimável contribuição, sem sua ajuda a realização desta dissertação teria sido muito mais difícil.

Por último, gostaria também de agradecer a todas as pessoas que de alguma forma colaboraram para que esta pesquisa pudesse ser concluída.

“...Aquele que levou sua tarefa até ao anoitecer-
aquele que acreditou em um mundo melhor, na
eficácia do bem, apesar do ceticismo dos homens
e apesar das lições da história, aquele que não se
desesperou. Aquele que não procurou nem
distração, nem suicídio, que não fugiu da tensão na
qual vive como responsável, o único que merece,
talvez mais adequadamente, o nome de
revolucionário”.

Levinas, Emmanuel¹

¹ Levinas, Emmanuel. *Do Sagrado ao Santo- cinco novas interpretações Talmúdica..* Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2001

RESUMO

Os holandeses ocuparam durante 24 anos o nordeste brasileiro: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Itamaracá. (1630-1654). Nesse período, Pernambuco se transformou numa verdadeira metrópole, com uma vida cultural intensa, onde poetas, cientistas e filósofos tornaram o Brasil num centro intelectual único na América do Sul. Nesse contexto, os judeus puderam constituir uma comunidade com escolas, sinagogas e cemitério, dando sua contribuição ao enriquecimento da vida cultural da região.

No ano de 1654, os portugueses reconquistaram o Nordeste e os holandeses foram expulsos. Junto com os holandeses, foram também expulsos cerca de 600 judeus, pois no império português só a religião católica era permitida.

Após sofrerem várias vicissitudes durante a viagem, vinte e três brasileiros; homens, mulheres e crianças, conseguiram chegar à Nova Amsterdã, atual Nova Iorque.

O início da vida foi difícil. Nova Iorque era então uma insignificante vila, semideserta, governada por um calvinista fanático, que impôs sérias dificuldades aos recém-chegados. Depois de numerosas atribulações, os vinte e três judeus conseguiram sobreviver exercendo um pequeno comércio que logo se expandiu.

Depois da guerra pela independência norte-americana, os descendentes dos sefaraditas alcançaram plena cidadania. A religião deixou de ser empecilho. Os judeus não eram mais uma minoria “tolerada”, mas cidadãos norte-americanos plenos.

Os “brasileiros” e seus descendentes espalharam-se por diversas regiões dos Estados Unidos, e se sobressaíram na luta pelos direitos civis, pela tolerância e liberdade. Os Henrique, os Lucena, os Andrade, os Costa, os Gomes, os Ferreira ajudaram a construir um novo mundo de cidadãos livres e iguais.

ABSTRACT

The Dutch invaded and occupied the Brazilian Northeast (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte and Itamaracá) for 24 years (1630-1624); In this period, Pernambuco evolved into a real metropolis, with an intense cultural life, where poets, scientists and philosophers transformed Brazil into an intellectual center unique in South America. In this context the Jews were able to constitute a community with schools, synagogues and a cemetery, and to give their contribution to the enrichment of the cultural life of the region.

In the year of 1654 the Portuguese conquered the Northeast and expelled the Dutch. With them were also expelled about 600 Jews, because in the Portuguese Empire only Catholics were allowed.

After a dangerous voyage, 23 jews from Brazil, men, women and children were able to arrive to New Amsterdam, today New York.

The beginning of life in North America was hard. New Amsterdam was a small village, hardly populated and ruled by a fanatic Calvinist that imposed serious difficulties to the newly arrived. After various vicissitudes, the 23 sephardim were able to survive, by a small merchant business that soon grew up.

After the American war of Independence, the descendants of these Jews obtained their citizenship. The religion was not anymore an obstacle. Jews were not anymore a "tolerated" minority, but North Americans citizens.

The "Brazilians" and their descendants sprayed for various regions of the United States and were important in the struggle for the civil rights, for tolerance and

freedom. The Henrique, Lucena, Andrade, Costa, Gomes and Ferreira helped to build a new world of free and equal citizens.

SUMÁRIO

Introdução	11
------------	----

Parte I – Recife

Cap I – Os Holandeses no Brasil	27
--	----

1. A Invasão- Motivações materiais e ideológicas	27
--	----

2. Judeus portugueses em Amsterdã	34
-----------------------------------	----

Cap II- Cristãos- novos e judeus em Pernambuco	41
---	----

1. A vida cotidiana dos judeus no Recife	41
--	----

2. A organização judaica e os Estatutos da Congregação <i>Tzur Israel</i>	51
---	----

3. A Vanguarda do pensamento judaico no Novo Mundo	56
--	----

Cap III - Conflitos entre judeus, católicos e calvinistas- Uma difícil coexistência	64
--	----

1. O anti-semitismo Católico e Reformista	64
---	----

2. O Santo Ofício e sua penetração no território holandês	70
---	----

Cap IV- O Início de um Novo Exílio para os Judeus	78
--	----

1. A Guerra	78
-------------	----

2. A "Expulsão"- Uma revisão historiográfica	86
--	----

3. Um vagar sem porto	93
-----------------------	----

Parte II – Nova Amsterdã

Cap I – O Árduo Recomeçar	103
1. Vicissitudes e adaptação	103
2. Extratos de uma vida: o pioneiro Asser Levy	119
3. Os “Indesejáveis”	126
Cap II- Os primórdios de uma comunidade	135
1. A vida judaica	135
2. Atividades profissionais	152
Cap III- O Legado dos descendentes Luso-brasileiros	169
Considerações Finais	176
Bibliografia	182
Anexo I – Lista com os nomes da Congregação <i>Tzur Israel</i> do Recife	200
Anexo II- Folha do livro das Atas da Sinagoga <i>Tzur Israel</i>	
Anexo III- Senhores de engenho na colônia holandesa do Brasil	
Anexo IV- Tabela referente aos judeus sepultados no Recife 1630-54	
Anexo V- Cartas de conteúdo Anti-semita no Recife holandês	
Anexo VI- Carta do governador Stuyvesant contra a permanência dos judeus em Nova Amsterdã	
Anexo VII- Carta anti-semita do reverendo Megapolensis em Nova Amsterdã	
Anexo VIII – Censo de Nova Amsterdã em 1655	
Anexo IX - Lista dos integrantes da Congregação Shearith Israel de Nova York	
Anexo X- Modelo de contrato de casamento judaico do século XVII	

INTRODUÇÃO

Quando o tema “Judeus e Marranos no Brasil Holandês - pioneiros na colonização de Nova Iorque (século XVII)” nos foi apresentado pela professora Anita Novinsky, a empatia foi imediata. Imaginar que judeus que viviam aqui, no Recife, foram os responsáveis pela formação da maior comunidade judaica da diáspora, nos despertou o desejo de conhecer mais sobre esses homens, suas vidas e os desafios enfrentados para que alcançassem sucesso nessa empreitada.

Este trabalho pretende retratar esse período da história dos judeus sefarditas na sua peregrinação pelo mundo, da Holanda para o Brasil e do Brasil para Nova Amsterdã, uma experiência de vinte e quatro anos no nordeste brasileiro, um penoso êxodo e a tentativa de recuperar uma existência sem esperanças. Apesar da dureza das condições enfrentadas construíram uma comunidade que se tornaria, séculos depois, a maior da diáspora judaica - Nova Iorque.

Procurou-se, na medida do possível, reconstituir a vida material e espiritual nas duas colônias: Mostraremos como a historiografia apresentou os fatos que levaram os judeus rumo a outros caminhos após a capitulação holandesa no Recife. O êxodo que levou os judeus a Nova Amsterdã, os percalços desse caminho, a interferência espanhola na tentativa de remetê-los para a Inquisição, o apoio holandês e como outros governos se posicionaram diante dos acontecimentos. Faremos uma breve descrição das dificuldades que tiveram para organizar-se numa nova comunidade e a luta contra o anti-semitismo do governo holandês local. Serão mostrados alguns aspectos dos esforços desses judeus, cristãos novos e seus descendentes para criarem no novo solo uma comunidade onde pudessem gozar de plena cidadania.

Algumas questões são fundamentais para a compreensão desse processo histórico, tais como: Quais foram as razões que levaram os judeus de Amsterdã para o Novo Mundo? Como se deu a organização da primeira comunidade judaica da América? Como foi a coexistência entre judeus, católicos e calvinistas? Qual a influência de uma nova visão de “cultura” nos trópicos? Como velhos mitos antijudaicos foram revividos no período, ativando o anti-semitismo católico e calvinista? Houve perseguição de judeus e cristãos novos em Pernambuco pela Inquisição? O que aconteceu com os judeus ao término da Guerra Luso-Holandesa? Como se deu a trajetória dos judeus do Brasil para Nova Amsterdã? Qual foi a contribuição dos judeus do Brasil e seus descendentes para o progresso político e social de uma nação em construção? E uma questão fundamental - como a historiografia tradicional judaica e não judaica analisou e interpretou o êxodo dos judeus do Brasil?

Para tentar responder e refletir sobre as questões propostas, buscaremos reunir informações dispersas entre os diversos autores que estudaram o período.

A primeira invasão holandesa ao Brasil se deu na Bahia, em 1624, sendo vencidos um ano depois. Seis anos mais tarde, em 1630, regressaram ao Brasil e invadiram Pernambuco. Os cristãos-novos portugueses que haviam se refugiado na Holanda, e retornado ao judaísmo, acompanharam os holandeses nessa aventura¹. Havia judeus, em Amsterdã, cujos interesses econômicos coincidiam com as ofertas que lhes faziam os holandeses. Engajados em diversos ramos do comércio e na

¹ Mello, José Antônio Gonsalves de. Gente da Nação: Cristãos Novos e Judeus em Pernambuco, 1542-1654. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana. Recife, 1996.

Companhia das Índias Ocidentais, viram na nova região conquistada oportunidade de crescer e progredir economicamente.

No nordeste brasileiro, os holandeses proporcionaram aos judeus uma relativa liberdade religiosa que lhes permitiu praticar suas tradições. Foi possível aos judeus e cristãos-novos sefaraditas constituir em Recife a primeira Congregação Judaica no Novo Mundo. Cristãos-novos portugueses já viviam na região há várias gerações, e muitos mantinham sua antiga religião judaica em segredo. Influenciados pelos judeus recém-chegados da Holanda, muitos cristãos-novos deixaram suas práticas clandestinas e constituíram com estes duas congregações: a *Tzur Israel* e a *Maguen Abraham*.

A ocupação holandesa em Pernambuco representou um momento original na história do Brasil Colonial. O nordeste brasileiro transformou-se em um centro urbano e dinâmico, Recife foi a primeira cidade no Brasil a ter um projeto urbanístico. A cidade tornou-se cosmopolita com a presença de ingleses, franceses, escoceses, judeus e outros europeus que em parte se miscigenaram com a população local.

Portugueses cristãos-novos, judeus e católicos, mamelucos, índios, africanos e holandeses coexistiram em Pernambuco. Apesar das íntimas relações que judeus e cristãos-novos mantinham com diversos grupos étnicos, documentos da época revelam que a convivência nem sempre se deu de maneira pacífica. Cronistas portugueses e holandeses expressavam continuamente seu antagonismo, principalmente contra judeus, contra sua forma de vida, mas principalmente contra suas atividades profissionais. Apesar disso, é importante notar que considerando o tempo e o fanatismo da época, a convivência entre judeus e cristãos foi muito mais amigável do que em outras regiões, sendo íntima e solidária entre as camadas mais humildes da população.

No ano de 1637, a Companhia das Índias Ocidentais enviou ao Brasil um novo governador – Maurício de Nassau, que pertencia a uma geração portadora de uma nova mentalidade. Nassau compreendeu a importância de favorecer a incipiente burguesia, e acreditava que uma relação pacífica entre os diferentes grupos religiosos só poderia trazer benefícios ao seu Estado. No início de seu governo, mostrou-se inclinado aos judeus e manteve com eles íntimas relações. Demonstrou em diversas ocasiões uma extrema confiança nos judeus e compreendeu que cada povo tinha apego à sua origem - sua língua, seus costumes e suas tradições, e que estes vínculos não podiam ser apagados por imposições políticas.

No processo de fortalecimento da burguesia, os judeus desempenharam um papel de destaque. O comércio com o norte da Europa transformou a economia nordestina. Os holandeses, que no século XVII representavam a maior potência marítima europeia, viam nos judeus úteis aliados, pois possuíam contatos internacionais e uma rede de comunicações, que servia de valioso elemento para o desenvolvimento do comércio internacional.

Sob o governo de Nassau floresceu uma intensa atividade intelectual e, pela primeira vez, foi criado um interesse voltado para a ciência e cultura. Artistas, botânicos, médicos procuraram desvendar os segredos e a beleza da região. A participação dos cristãos-novos na criação dessa nova vida cultural foi única e pioneira na América colonial.

O período de liberdade durou poucos anos. Com a separação entre Portugal e Espanha, os portugueses se organizaram e reconquistaram o território holandês. Após 9 anos de guerra, foi assinado em 26 de janeiro de 1654 um acordo

de capitulação entre o exército holandês e o exército luso-brasileiro. Derrotados, os holandeses tiveram o prazo de três meses para deixar o Brasil.

Este acordo atingiu diretamente a população judaica que com a retomada do território pelo governo português, passava para a alçada do Santo Ofício da Inquisição. Famílias optaram por deixar o Brasil, suas propriedades e negócios.

As opções eram difíceis. Segundo as Atas da Congregação *Tzur Israel* do Recife, nessa região viviam 150 famílias judias². Uma parte dessas famílias saiu do Recife em navios que retornaram para a Holanda. Outros tomaram rumos diferentes, seguiram para o Caribe, onde os refugiados brasileiros puderam reconstruir sua vida judaica. Há notícias de que houve navios com passageiros judeus que seguiram para a Inglaterra e uma fragata que foi para a América do Norte. Assim, três destinos diferentes marcaram a saída dos judeus do Brasil: Caribe, Inglaterra e Nova Iorque³.

Foram publicados diversos estudos sobre o nordeste brasileiro abordando o tema dos judeus. Entretanto, sobre o papel que os judeus do Brasil representaram na colonização de Nova Amsterdã (hoje Nova Iorque), sabemos pouco. O êxodo dos judeus e cristãos novos reconvertidos ao judaísmo de Recife para Nova Iorque ainda está envolto em lendas. As informações são dispersas, e as obras editadas apresentam numerosas lacunas.

Este trabalho pretende, na medida do possível, preencher algumas dessas lacunas e mostrar que da mesma forma que os sefaraditas contribuíram para o desenvolvimento cultural e científico na colônia do Recife, o fizeram em Nova Amsterdã. Suas relações comerciais ajudaram a fomentar a economia da região.

Após enfrentar enormes dificuldades na viagem à América do Norte, o grupo de judeus que deixou Recife no navio Valk, enfrentou hostilidade no porto de Nova

² Wiznitzer, Arnold. Os Judeus no Brasil Colonial. Ed. Pioneira. São Paulo, 1966.

³ Wiznitzer, op. cit

Amsterdã. Os exilados do Brasil sentiram a oposição e o anti-semitismo dos governantes, que não queriam que os judeus se estabelecessem na região. A política de tolerância religiosa praticada pela Companhia das Índias Ocidentais no Brasil não se repetiu em Nova Amsterdã, onde o fanatismo religioso do governador Stuvesant e o receio de concorrência comercial por parte da pequena população impôs aos recém-chegados uma vida marginalizada.⁴

Gradativamente, entretanto, os judeus adquiriram direitos, que não foram concedidos facilmente pelos colonos holandeses em Nova Amsterdã, mas foram impostos por autoridades superiores de Amsterdã.

Contudo, o suporte político recebido da Holanda não pode ser superestimado, apesar de os judeus de Amsterdã terem grande influência para pressionar o governo holandês em favor de seus companheiros nas colônias. Outros interesses estavam em jogo, como por exemplo, o desejo e a necessidade de encontrar novas regiões para onde os judeus humildes de Amsterdã pudessem ser enviados. Podiam servir como agentes comerciais e abrir novos mercados para os ricos comerciantes holandeses.

Em 1660, Nova Amsterdã passou para a Coroa inglesa, e mudou seu nome para Nova Iorque. O governo inglês, desde 1655, manteve uma política de tolerância com os judeus. Menassés ben Israel, rabino da sinagoga de Amsterdã negociou com Oliver Cromwell a readmissão dos judeus na Inglaterra, e essa política estendeu-se a todas as suas colônias.

Sob o domínio dos ingleses, os judeus também não alcançaram a igualdade civil almejada. A discriminação continuou, foram impedidos de ocupar cargos eletivos, participar como membros de júri e praticar sua fé publicamente.

⁴ Marcus, J. The colonial American Jew

Levou anos para que os judeus de Recife conquistassem seu espaço nessa nova região do mundo. Suas atividades, suas vidas e seus destinos constituem uma continuidade da história do Brasil.

Fontes

Inicialmente fizemos um levantamento da bibliografia sobre Invasão Holandesa no Brasil e a presença judaica nesse contexto, realizados na biblioteca central da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Instituto de Estudos Brasileiros e na biblioteca Anita Novinsky.

Realizamos uma investigação sobre a população judaica que deixou o Brasil em 1654, na tentativa de identificar seus nomes e compara-los com os nomes dos que chegaram a Nova Amsterdã no mesmo ano. Essa investigação contou com o auxílio dos arquivos históricos da Holanda e do Brasil.

A pesquisa genealógica contribuiu na procura dos pioneiros através de seus descendentes. A análise e o estudo de certidões de casamento, registros oficiais e registros das sinagogas realizados por Gonsalves de Mello e Rabino David Weitman no Brasil, Jacob R. Marcus e Rabino Marc Angel, nos Estados Unidos também colaboraram nesse trabalho. Tivemos a oportunidade de fazer uma segunda leitura dessa documentação.

Partimos para a reconstituição da vida dos judeus em Recife, analisamos documentos da administração pública da Companhia das Índias Ocidentais, cartas do governo de Recife ou de predicantes calvinistas; relatórios oficiais do governo das colônias e do aparato burocrático. Os nomes dos judeus que viviam no Brasil holandês foram investigados através das Atas da Sinagoga.

O estudo dos processos inquisitoriais de Miguel Francês, Issac de Castro e dos prisioneiros do Rio São Francisco, cedidos por Anita Novinsky, de seu arquivo particular, cópias microfilmadas trazidas diretamente dos arquivos da Torre do Tombo em Portugal, contribuíram para o esclarecimento das relações políticas internacionais e o papel da igreja nessas relações, além de nos revelar a mentalidade da época.

Para aprofundar o conhecimento acerca do modo de vida dos judeus na formação da comunidade norte-americana foram examinadas certidões de casamento; inventários de bens, testamentos, mapas da época, além de cronistas contemporâneos do século XVII.

As fontes primárias, como os documentos e manuscritos (transcritos, organizados e impressos), foram pesquisados na American Jewish Historical Society, YIVO Institute for Jewish Research e American Sephardi Federation, localizados no Center for Jewish History e na New York Public Library de onde pudemos extrair documentos do governo holandês de três importantes coleções: a Samuel Oppenheim Collection, O'Callaghan's Collections e New Netherland Papers. As pesquisas foram completadas por documentação microfilmada obtida na Jewish National and University Library of Jerusalém.

A história oral colaborou para este trabalho. Entrevistamos uma descendente dos pioneiros sefaraditas, sra. Ruth Hyman A Schulson, que relatou um pouco da história de sua família. Sua colaboração não pode ser mais expressiva devido a sua dificuldade de locomoção e expressão, causada por problemas de saúde.

Comentário bibliográfico

Diversos autores brasileiros e holandeses escreveram sobre o período em que os holandeses ocuparam o nordeste do Brasil, 1630-1654, principalmente:

Arnold Wisnitzer, José Antônio Gonsalves de Mello, Charles Boxer, Evaldo Cabral de Mello e Anita Novinsky. Suas pesquisas mostraram uma época singular na história do Brasil, quando judeus e cristãos-novos, chegados diretos da Holanda, construíram uma pequena comunidade, sob os moldes da comunidade judaica de Amsterdã. A tolerância de um lado e os conflitos religiosos de outro criaram tensões que futuramente os levaram a um novo exílio.

Arnold Wiznitzer tratou minuciosamente sobre a ocupação holandesa no nordeste brasileiro e a formação da primeira comunidade judaica da América, apresentando os nomes dos integrantes da Comunidade *Tzur Israel*. Cada personagem destacado por Wiznitzer é retratado com breve biografia ao fim de sua obra, “*Os Judeus no Brasil Colonial*”. A vida cotidiana, as dificuldades enfrentadas, a intensa vida cultural e as atividades comerciais foram abordadas de modo pioneiro. Em seu artigo, “*The Exodus from Brazil and Arrival in New Amsterdam of The Jewish Pilgrim Fathers, 1654*” descreve a viagem dos judeus após deixar Recife rumo à Nova Amsterdã. Apresentou uma relação dos nomes dos prováveis “pioneiros”, como são chamados os judeus que nesses primórdios desembarcaram na América do Norte. A lista apresentada por Wiznitzer foi questionada por Egon e Frieda Wolff, em A “*Odisséia dos Judeus do Recife*”, no qual consideram duvidosas as fontes usadas por esse autor. Entretanto, os Wolff terminaram seu livro sem apresentar uma justificativa para sua contestação. Até hoje, nenhum documento conhecido prova que Wiznitzer estava equivocado. Sobre essa polêmica trataremos no capítulo referente a travessia dos judeus à Nova Amsterdã.⁵

⁵ Wisnitzer, Arnold. *Os Judeus no Brasil Colonial*. Ed. Pioneira. São Paulo, 1966.;----- *The Exodus from Brazil and Arrival in New Amsterdam of The Jewish Pilgrim Fathers, 1654*. American Jewish Historical Society, vol 44, 1954;----- *The Members of Brazilian Jewish Community 1648-1653*. Publications American Jewish Historical Society, vol. 42, 1953; Wolff, Egon e Frieda. *A Odisséia dos Judeus do Recife*. Centro de Estudos judaicos. São Paulo, 1979

Dois autores pernambucanos, José Antônio Gonsalves de Melo e Evaldo Cabral de Mello escreveram exaustivamente sobre o Recife holandês. Gonsalves de Mello, no livro *Gente da Nação* conta sobre a vida dos cristãos-novos desde o século XVI, sobre a perseguição inquisitorial e seus agentes, até a chegada dos holandeses. Baseou-se no livro das Atas da Congregação judaica *Tzur Israel* e traçou uma biografia dos integrantes dessa congregação. O anti-semitismo tanto dos católicos como dos calvinistas são destacados pelo autor. Em “Gente da Nação” relatou que após o acordo de capitulação entre portugueses e holandeses, o general responsável pela operação encarregou a igreja de realizar um censo dos judeus que deixavam a região, mas esse documento desapareceu. Este fato impossibilita-nos de conhecer exatamente quantos judeus deixaram o Recife⁶.

Evaldo Cabral de Mello em seu trabalho sobre a Insurreição Pernambucana traça um panorama das relações econômicas, políticas e militares envolvidas nessa ocupação. Ressalta a guerra e a importância do açúcar, como objeto de manutenção social, política e econômica. Segundo o autor, a restauração foi todo o tempo financiada pelo açúcar, através do pagamento de impostos. Mostra como a violência da luta atingiu a população pernambucana, trazendo fome e doenças. Esclarece o conflito de interesses entre os proprietários dos engenhos confiscados pelos holandeses e os novos proprietários luso-brasileiros⁷.

Anita Novinsky combate os mitos da historiografia clássica e contribui para entendermos as relações entre os cristãos-novos que moravam no Brasil e os judeus que chegaram da Holanda. Mostra que muitos cristãos-novos permaneceram

⁶ Melo, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação: Cristãos Novos e Judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana . Recife, 1996.

⁷ Mello, Evaldo Cabral de. *O Negócio do Brasil- Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669*. Ed. TOPBOOKS. Rio de Janeiro, 1998;----- . *Olinda Restaurada- Terra e açúcar, 1630/1654*. Rio de Janeiro, Forense, São Paulo, EDUSP, 1975

ao lado dos portugueses durante a invasão e não se adaptaram à ortodoxia judaica trazida pelos judeus de Amsterdã. Através de seus estudos podemos compreender o que chamou de “homem dividido”, assim como a dificuldade de adaptação do cristão-novo tanto entre os judeus como entre cristãos⁸.

Um alemão, Hermann Watjen, na obra *O Domínio Colonial holandês no Brasil* relata o fanatismo dos predicantes calvinistas, que levou discórdia e intolerância entre católicos, protestantes e judeus, sobre a expulsão dos jesuítas do nordeste holandês e o crescente anti-semitismo por parte dos pastores calvinistas. Descreve a utilização da panfletagem para incitar episódios de violência e discriminação. Ressalta que o anti-semitismo estava ligado a motivos econômicos e nos dá exemplos de cristãos-novos, principalmente senhores de engenho, que durante a invasão holandesa optaram pela facção e ficaram ao lado da portuguesa⁹.

Foi o cronista contemporâneo, Padre Antônio Calado, o autor da obra mais anti-semita de todo esse período. Responsabiliza todos os judeus pelos problemas enfrentados no Recife do século XVII, tais como: prostituição, estupros, corrupção, deslealdade nos negócios, violência urbana. Chega a comparar Recife à cidade bíblica da “perdição”, *Sodoma e Gomorra*. Acusa os cristãos-novos de colaborar com o invasor holandês facilitando a ocupação¹⁰.

Sobre os judeus na Colônia Holandesa de Nova Amsterdã, os principais autores foram: Samuel Oppenheim, Jacob Rader Marcus, Leo Hershkowitz e David de Sola Pool.

⁸ Novinsky, Anita. *Cristãos Novos na Bahia: A Inquisição*. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1992.; _____ “A Historical Bias: The New Christians contribution of the dutch invaders of Brazil (17 Century)” “The fifth World Congress of Jewish Studies”, Jerusalem, 1972 p.141-154

⁹ Waitjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*. Rio de Janeiro. CEN, 1938

¹⁰ Callado, Padre Manuel. *O Valoroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1987 v.1

Samuel Oppenheim foi um dos pioneiros nos estudos sobre a chegada dos judeus na América do Norte. Através de cronistas e documentação oficial do governo, tais como cartas, petições, inventários, relatórios portuários, Oppenheim narra a história da saída dos judeus do Recife e sua chegada em Nova Amsterdã. Revelou o anti-semitismo do governador da colônia, Peter Stuvesant, através da publicação das cartas trocadas entre este e a direção da Companhia das Índias Ocidentais. Foi a partir dos documentos colecionados por esse historiador que outros autores deram continuidade às pesquisas nessa região.¹¹

Jacob R. Marcus, entretanto, é o historiador que mais minuciosamente se deteve sobre a história judaica na América do Norte. Descreveu como era a organização social, econômica e política nas colônias judaicas da América, Estados Unidos, Canadá e Caribe, do século XVI ao século XVIII. Trata dos primórdios da colonização de Nova Amsterdã, sobre a intolerância do governo colonial, os diversos entraves entre os judeus e o governo, decorrentes do que chama de “judeofobia”, dando exemplos de processos judiciais. Mostra as lutas dos judeus para permanecerem e manterem uma vida comunal judaica. As rivalidades econômicas e as constantes disputas legais enfrentadas são retratadas. O autor nos conta que depois de superados diversos obstáculos, os judeus puderam diversificar suas atividades profissionais em diferentes áreas e viver segundo as leis judaicas.¹²

A sinagoga, como centro da vida comunitária, sua organização de acordo com os rituais dos judeus portugueses e a importância dos ritos religiosos na vida cotidiana são descritos por David de Sola Pool, que também faz referência à localização e ao mapa do cemitério judaico, o segundo mais antigo da cidade de

¹¹ Oppenheim, Samuel *The early History of the jews in New York. 1654- 1664. Some New Matter on the Subject in Public at American Jewish Historical Society v. XVIII* , 1909

¹² Marcus, J. *The Colonial American Jew* v.1. Wayne State University Press. Detroit, 1970

Nova Iorque, além dos nomes portugueses encontrados nas lápides. Suas pesquisas levam em consideração um censo realizado por representantes do governo holandês em 1655 e mapas contemporâneos e indicam o local exato onde viviam os exilados de Recife, apontando a rua, a casa e os vizinhos. Pool traça um paralelo entre o estabelecimento dos judeus em Nova Amsterdã e na Inglaterra nos anos de 1654 e 1655, afirmando que muitos judeus que deixaram o Brasil holandês seguiram também para a Inglaterra, após o acordo firmado entre o Rabino Manassés ben Israel e Cromwell, mas não apresenta o nome das pessoas que ingressaram no território inglês.¹³

Quem eram os vinte e três judeus pioneiros em Nova Iorque é uma questão que instiga muitos historiadores. No livro *New Amsterdam's Twenty –Three Jews-mith or reality*, Leo Hershkowitz levantou uma hipótese de quem seriam esses vinte e três judeus. Analisou seus nomes conforme aparecem nos documentos de Nova Amsterdã no ano de 1654 e 1655 e compara-os com documentos coloniais do Recife. Narra a chegada de novos judeus nos anos seguintes à chegada dos pioneiros. Destaca a importância dos líderes da comunidade judaica e suas principais realizações, dando um enfoque especial a Asser Levy. Publicou inventários dos primeiros judeus de Nova Iorque e do próprio Asser Levy, permitindo a compreensão de sua rede de parentes e suas atividades econômicas.¹⁴

Os principais autores teóricos que embasam este trabalho são : Marx Weber, Pierre Bourdieu, Anita Novinsky , Léon Poliakov e Peter Burke.

Através de Marx Weber e Pierre Bourdieu, pudemos analisar sociologicamente o simbolismo das estruturas de poder, o papel econômico e

¹³ Pool, David de Sola. *Portraits etched in Stones : Early Jewish Settlers, 1682-1831*. New York : Columbia University Press, 1955;-----and Tamar de Sola. *An Old Faith in the New World: Portrait of Shearith Israel 1654-1954*. New York: Columbia University Press, 1955

político da igreja e a eficácia da doutrina que reside na transfiguração que opera a ordem social criando uma segunda realidade falsa; a relação entre sistema simbólico, os sistemas de classes e o grupo de status que vai resultar em uma estrutura de poder, assim como a relação entre idéias e comportamento econômico; grupos de contestação do sistema dominante de poder, que gera uma luta entre dominantes e dominados.

Max Weber sugere que o foco de atenção para os historiadores sociais poderia ser o processo de interação entre acontecimentos importantes e as tendências por um lado, e as estruturas da vida cotidiana por outro. Ao estudar o campo religioso, Weber destaca o papel do profeta, que é um líder religioso aglutinador e que tem um importante papel de se contrapor à dominação burocrática legal.

Para a compreensão das restrições impostas aos judeus no século XVII, as palavras de Weber podem elucidar as relações

“O grupo que mantém posição privilegiada é caracterizado por um estilo específico da vida - o qual denomina honra de status - que deve ser seguido por todos aqueles que desejam pertencer ao círculo. As restrições sociais impostas por esses elementos são levadas a tal extremo, que o grupo acaba por tornar-se uma casta fechada, chegando mesmo a limiar os matrimônios normais entre seus membros. Os indivíduos excluídos do círculo sob falsa alegação passam a sofrer restrições sociais, sendo impedidos de receber títulos honoríficos ou ocupar cargos políticos.”¹⁵

Na opinião de Léon Poliakov, os mitos expressos sob a forma de preconceito racial envolvem sempre a condição de desigualdade, absoluta e incondicional, entre raças, independente das condições físicas de seu habitat e de fatores sociais. Identificando o grupo potencialmente suspeito, o grupo discriminador passa a agir por meio do terror e da coerção.¹⁶

Pierre Bourdieu introduz a noção de “hábito” de um grupo particular, estes hábitos levam as pessoas a uma propensão de selecionar respostas de um

¹⁴ HERSHKOWITZ, Leo. *New Amsterdam's twenty-three jews: Myth or Reality* in Hebrew and the Bible in America : the first two centuries. Ed. Shalom Goldman . Hanover and London: University Press of New England. 1993.

¹⁵ Weber, Max. “Classe, Status, Partido” em *Ensayos da Sociologia Contemporânea*, seleção e introdução de H. Gerth e C. Wright Mills, Barcelona, Editora Martinez Roca, 1972, pp230 e232

¹⁶ Poliakov, Léon, *O mito Ariano*, trad. Luiz João Gaio, São Paulo, Perspectiva, 1974

repertório cultural particular, de acordo com as demandas de uma determinada situação ou de um determinado campo.¹⁷

Anita Novinsky dá uma maior contribuição para entendermos a mentalidade do marrano, afirmando que o este não consegue encontrar seu papel social, não se encontra no Cristianismo, tampouco no Judaísmo ortodoxo trazido pelos rabinos de Amsterdã, retoma ainda o conceito de Spinoza da *fluctuatio animi*:¹⁸

“Historiadores, antropólogos, filósofos, psicanalistas, têm refletido sobre o comportamento, e a ‘psiquê’ desses marranos, e as razões da sua tão longa sobrevivência. Edgard Morin, Yirmiyahu Yovel, Richard Popkin, António Damásio, Jean-Pierre Winter buscaram no marrano a chave para a compreensão do pensamento de alguns pensadores como Spinoza, Montaigne, Santa Tereza, Tirso de Molina e outros.

De Spinoza partiu a mais lúcida crítica contra o fanatismo religioso, numa época em que Portugal estava mergulhado no mais profundo obscurantismo. Sendo ele próprio descendente de judeus convertidos, Spinoza é hoje compreendido pelos seus biógrafos como marrano. E são unânimes os spinozistas em afirmar que somente é possível entender sua filosofia e sua mensagem sobre o mundo e a sociedade, se entendermos o seu destino como marrano¹⁹.”

O estudo da obra de Anita Novinsky colabora ainda para a compreensão do anti-semitismo no período. Sua interpretação sobre os meandros inquisitoriais e a influência na vida cotidiana do Brasil colônia torna possível a reconstituição da mentalidade do judeu, do cristão-novo e do marrano.

“... The history of simple, ordinary people, the thousands of descendants of the anussim who did not return to Judaism and for centuries, continued to lead ambiguous lives in the Portuguese Empire, has been neglected.... One thing is certain: the Jewish issue cannot be framed in a religious context. Marranos sometime lost their lives not because they were crypto-Jews, but because they were Jews.”²⁰

¹⁷ Bourdier, Pierre *Gênese e estrutura do Campo Religioso. A Economia das trocas Simbólicas*. Ed. Perpectiva, São Paulo, 1974

¹⁸ Novinsky, Anita. “A Sobrevivência dos judeus na visão de Baruch Spinoza : O exemplo da Paraíba”. In Vainfas, Ronaldo e Feitler, Bruno e Lage, Lana (Org.). *A Inquisição em Xeque- Temas. Controvérsias*. Estudo de casos. Ed. UERJ. Rio de Janeiro, 2006 pp 151-159

¹⁹ Novinsky, Anita *ibid.cit. apud* Edgard MORIN, *Mes démons*, Paris, Stock, 1994, pp. 151-152; Yirmiyahu YOVEL, *Spinoza and other heretics*, Princeton, Princeton University Press, 1988 (2 vols.); Richard POPKIN, *The Third Force in Seventeenth century*, Leiden, Brill, 1992, pp. 149-171; António DAMÁSIO, *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003 e Jean-Pierre WINTER, *Os Errantes da Carne, Estudos sobre a histeria masculina*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2001; Carlos GEBHARD, *Spinoza*, Buenos Aires, Ed. Losada, 1940.

²⁰ Novinsky , Anita. “Marranos and marranism – A New Approach. Jewish Studies. Volume 40. Journal

Segundo, Peter Burke o historiador em sua pesquisa deve “nadar com a corrente dos acontecimentos e analisar os fatos históricos da posição de um observador futuro, mais bem informado, combinando a análise das estruturas e a narrativa”. A narrativa deve ser densa o bastante, deve lidar com a seqüência dos acontecimentos, as “intenções” dos atores sociais, verificar que as estruturas muitas vezes podem atuar como freio ou acelerador desses acontecimentos, percebendo os conflitos latentes por trás dos fatos.²¹

Os autores auxiliam na compreensão da mentalidade dos agentes sociais das colônias holandesas e do Brasil Colônia no século XVII e conferem instrumentos de análise e reflexão historiográfica.

of The World Union of Jewish Studies. Jerusalém, 2000

²¹ Burke, Peter “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro.” In *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. Ed. UNESP. São Paulo, 1992

Burke, Peter, “A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa” in op. Cit.

Capítulo I: Os Holandeses no Brasil

1. A Invasão- Motivações materiais e ideológicas

No século XV, os países Baixos foram incorporados aos domínios da Espanha. Quando Felipe II assumiu o trono espanhol, colocou em prática uma política externa intolerante e contrária a outras práticas religiosas. A nobreza flamenga protestante reagiu e formou uma liga em 1564, liderando um movimento que culminaria na independência holandesa. Após combates, foi firmado um acordo de paz, chamado de Trégua dos Doze Anos (1609-1621), no qual a Espanha reconhecia a independência da Holanda. Após esse período, reiniciou-se uma guerra entre a Holanda e a Espanha.

A Holanda sempre teve boa relação econômica com Portugal, de quem comprava mercadorias orientais para revender nos outros países europeus. Em troca, recebia dos portugueses sal, açúcar e pau-brasil.¹

No período de 1580 a 1640, a situação sofreu uma transformação. Portugal passou por um período conhecido na história por União Ibérica. Quando o rei de Portugal, D. Sebastião, desapareceu na batalha de Alcacer Quibir, desencadeou-se uma crise dinástica na Coroa portuguesa, na medida em que o rei não possuía herdeiros.² Até a resolução do impasse, seu tio-avô, o Cardeal D. Henrique, assumiu o trono. A disputa ficou entre D. Catarina de Médicis, rainha da França, que se dizia descendente do antigo rei D. João III; D. Catarina, Duquesa de Bragança e sobrinha do Cardeal D. Henrique (a que reunia maiores direitos); Manuel Felisberto, Duque de

¹ Santos, João Henrique. "A Inquisição calvinista- O Sínodo do Brasil e os judeus no Brasil Holandês" *in Desvelando o Poder- Histórias de dominação: Estado, religião e Sociedade. Org. Angelo A Faria de Assis, Nara M. Carlos de Santana, Ronaldo S. Paes Alves. Ed. Vício de Leitura. Rio de Janeiro, 2007*

² O desaparecimento do corpo do rei D. Sebastião levou a muitas pessoas acreditar que um dia o rei voltaria para resgatar Portugal. A esse movimento chamou-se "sebastianismo", de caráter messiânico

Savóia e D. Antônio Prior do Crato, ambos sobrinhos do Cardeal-Rei; Alberto de Parma e Filipe II, Rei de Espanha, bisnetos de D. Manuel, O Venturoso.

Buscando uma solução para tal problema, D. Henrique decidiu convocar as Cortes. Antes da decisão das Cortes portuguesas, no fim de Junho de 1580, Filipe II invadiu Portugal com um forte exército para assegurar a sua coroação.

Na batalha de Alcântara em 25 de Agosto daquele ano, as tropas espanholas derrotaram o improvisado exército de resistência pacificando o país em dois meses.³

Filipe II reuniu as Cortes em Tomar, em Abril de 1581, onde foi solenemente jurado e aclamado rei de Portugal com o título de Filipe I. Dessa forma, todos os conflitos enfrentados pela Coroa Espanhola passaram a ser também da Coroa Portuguesa.

Com a subordinação de Portugal à Espanha, e com o estabelecimento da política repressiva de Felipe II contra a Holanda, a liberdade de comércio entre holandeses e portugueses foi prejudicada. Felipe II ordenou o confisco de todos os navios holandeses que estivessem nos portos de seus domínios na Europa, África, Ásia e América.

Nesse momento, Portugal dependia do financiamento e do auxílio técnico da Holanda para o refinamento e comercialização do açúcar brasileiro. A ocupação holandesa do nordeste brasileiro está inserida no contexto da guerra de independência dos Países Baixos contra a Espanha. A expansão colonial holandesa foi um instrumento vital, a medida que atingia as bases da riqueza e do poderio Ibérico

³ Mattoso, José (org.), *História de Portugal*, Lisboa, ed. Estampa, 1993, vol. 3.
Marques, Oliveira, *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 1983, vols. 1 e 2.
Oliveira, Antônio de. *Poder e oposição política em Portugal no Período Filipino, 1580 – 1640*. Lisboa, Difel, 1990.
França, Eduardo D'Oliveira, *Portugal na época da Restauração*, S. Paulo, Haucitec, 1997.
Matoso, Antônio G. *História de Portugal*, Lisboa, ed. Livraria Sá da Costa, 1939, vol. II.

O comércio, a refinação e a distribuição do açúcar, durante o século XVII eram de grande importância para a economia holandesa, apesar de, segundo Evaldo Cabral de Mello, não ser um comércio típico holandês, mas uma atividade largamente realizada pela comunidade sefardita portuguesa estabelecida na Holanda. Estima-se que em Amsterdã havia 29 refinarias em funcionamento no período. Os judeus estiveram desde o início envolvidos no financiamento e operação dos engenhos, além da comercialização.⁴

Nos anos entre 1609 –1621, período de relativa trégua entre a Espanha e os Países Baixos, cerca de 1.000.000 de arrobas de açúcar chegaram as refinarias holandesas. Como resultado, os holandeses obtiveram um grande conhecimento acerca do litoral brasileiro, dos portos e das condições econômicas e sociais da América, fatores importantes para a execução dos ataques à Bahia e Pernambuco.⁵

Em 1621 foi criada a Companhia das Índias Ocidentais, no mesmo ano em que dava reinício um estado de guerra entre os Países Baixos e a Espanha. Essa Companhia era formada principalmente por comerciantes calvinistas vindos dos Países Baixos espanhóis. Visava a manter o monopólio do comércio com as Américas, parte da África, e especialmente o controle do comércio com o Brasil.⁶

Após a União Ibérica, a invasão do nordeste brasileiro tornou-se inevitável, visto que a Holanda vinha sofrendo sucessivos embargos aos seus navios em portos

⁴ A Holanda comprava o açúcar em estado bruto de Portugal, refinava e distribuía para o resto da Europa. Os judeus, em contato com parentes cristãos-novos portugueses que residiam em Portugal e no Brasil trabalhavam como intermediários nas transações comerciais, devido à facilidade de sua rede comercial. Mello, Evaldo Cabral. O Brasil e os Holandeses. 1630-1654. org. Paulo Herkenhoff . Ed. Sextante Artes, Rio de Janeiro, 1999

⁵ O fato deve-se principalmente a íntima relação entre cristãos-novos proprietários de engenho no Brasil e homens de negócios judeus da Holanda. Muitos já haviam vivido no Brasil em companhia de parentes e depois regressaram a Amsterdã.

⁶ Mello, Evaldo. Op. Cit.

Ibéricos. Por isso, a conquista do nordeste brasileiro foi uma ação planejada de acordo com os interesses dos Países Baixos.⁷

A escolha do Brasil como primeira região a ser invadida explica-se por diversos fatores. Além do motivo já citado acima, o Brasil era um ponto fraco do império espanhol, pois a Espanha no momento estava mais preocupada com suas próprias colônias do que com as possessões portuguesas. Havia uma facilidade de penetração nos núcleos urbanos por estarem próximos ao litoral, o Brasil ainda serviria como base de operações contra as frotas espanholas do Prata e as navegações portuguesas para as Índias. Havia também a possibilidade de grandes lucros com o açúcar e o pau-brasil.⁸

Desde 1600 os holandeses marcavam sua presença no território colonial do Brasil, possuíam duas fortificações de madeira na margem oriental do rio Xingu, os fortes Oranje e Nassau, fundado por mercadores de Zeeland. De 1601 a 1622, fundaram uma colônia com 150 holandeses nas margens do rio Jenipapo, cuja atividade era o comércio com os nativos.⁹

A primeira grande investida de ocupação do nordeste brasileiro ocorreu no dia oito de maio 1624, quando chegou à Bahia uma expedição da Companhia das Índias Ocidentais composta por 26 navios e 3.300 homens, sob o comando do Almirante holandês Jacob Willekens, o vice Almirante Pieter Heyn e o comandante Jan Van Dorth.

⁷ É costume designar a República das Províncias Unidas dos Países Baixos por Holanda, que era a mais importante das sete províncias unidas que formavam a Confederação. Por isso, neste trabalho são utilizadas as duas expressões, Países Baixos quando me refiro a toda a Confederação e Holanda ao me referir especificamente a mais importante província.

⁸ Idem

⁹ Santos, João Henrique. Op. cit. O autor baseou-se nos registros do historiador Johannes de Laet. in Laet, Johannes de, *laerlyck verhael van de verrichtinghen der Geoctroyeerde West-Indische Compagnie*, 2ª ed., 4 vols., Haia, 1931-1937

O combate durou somente algumas horas, os holandeses conquistaram os dois principais fortes, o que causou pânico nas tropas portuguesas na Bahia, que desertou.

A população, assustada, fugiu para a floresta que cercava a região, especialmente o bispo D. Marcos Manuel Teixeira (responsável pelas atividades inquisitoriais da capitania).¹⁰

Uma das primeiras resoluções holandesas foi a declaração de uma política de tolerância religiosa e proteção oferecida aos residentes da cidade. Essa prática encorajou quase 200 refugiados a retornar a capital. Foi esse que levou a historiografia a construir um mito sobre a colaboração dos cristãos-novos na invasão holandesa do nordeste do Brasil.

Sobre o auxílio dos cristãos-novos aos holandeses durante a invasão, os trabalhos de Anita Novinsky nos mostram que muitos cristãos-novos lutaram até a morte para defender o território lusitano dos protestantes reformados. Mateus Lopes Franco, Diogo Ulhoa, Domingos Alvarez de Serpa, entre outros, que auxiliaram financeiramente nos socorros da capitania, guerreando lado a lado com os portugueses e inclusive criando planos e estratégias de defesa.¹¹

Documentos da época, como os inquéritos realizados pela igreja católica para verificar os nomes das pessoas que haviam desertado para o inimigo durante a ocupação da Paraíba, registram que das oitenta pessoas denunciadas no documento, oito eram membros do clero católico, quarenta e oito eram cristãos-velhos e somente vinte e quatro eram cristãos-novos. Portanto, a ênfase dada pela historiografia sobre a cooperação dos cristãos-novos com os holandeses é parte de um processo discriminatório e resultado do preconceito fortemente enraizado contra

¹⁰ Wiznitzer, op. cit.

¹¹ Novinsky, Anita. *Cristãos Novos na Bahia*. Ed. Perspectiva, 2ªed., São Paulo, 1992;

os judeus, que foi repassado aos seus descendentes. Além disso, pessoas como o Padre Antônio Vieira, testemunha ocular da época, nunca fez nenhuma menção a este fato em seus escritos.¹²

O governo holandês na Bahia durou pouco, aproximadamente um ano, a milícia que tinha fugido da cidade em 9 de maio começou a se organizar sob a liderança do bispo Dom Marco Teixeira. A cidade foi cercada por todos os lados, dando início a uma luta de guerrilha.

No dia 29 de Março de 1625 uma expedição portuguesa, que contava com 52 navios e 16.566 homens, se juntou a milícia local e em Primeiro de Maio de 1625 os holandeses se renderam.¹³

Quando os vencedores, portugueses, entraram na Bahia encontraram 1.919 holandeses, 600 negros e poucos cristãos-novos portugueses. Foi então decretado pelo poder civil, ordem de prisão a todos os rebeldes que tinham colaborado com o inimigo.

Foram presos os hebreus Diogo Lopes de Abrantes, Manuel Rodrigues de Azevedo, Luis Martins, Francisco de Morin e Antônio de Matos.

Outras pessoas de origem judaica foram presas: Diniz Bravo, Pascoal Bravo, Manuel Rodrigues Sanches, Duarte Alvarez Ribeiro.

Os réus confessaram sob tortura e tiveram as seguintes sentenças:

Diogo Lopes de Abrantes Manuel Rodriguez de Azevedo, Luis Martins, Francisco de Morin e Antônio de Matos foram sentenciados à morte por enforcamento. Diniz Bravo e Pascoal Bravo e seus parceiros foram considerados inocentes. As propriedades dos condenados foram confiscadas.

¹² Novinsky, Anita. Historical Bias - The new Christian Collaboration with Dutch Invaders of Brazil. The Fifth World Congress of Jewish Studies, 1969

¹³ Wiznitzer, op. cit

A primeira expedição holandesa terminou após um ano em completa derrota e desastre econômico. Paraíba, Rio Grande do Norte e cabo de Santo Agostinho também experienciaram o fracasso¹⁴

Mas os objetivos holandeses não tinham chegado ao final, a Bahia serviu de aprendizado para que na próxima incursão, em 1630, tivessem êxito.

¹⁴ Wiznitzer. Op. cit.

2. Judeus portugueses em Amsterdã

No fim do século XVI e início do século XVII, cristãos-novos portugueses, fugindo da perseguição inquisitorial, buscaram um novo lugar para viver, onde pudessem praticar sua religião livremente. Seguiram para Amsterdã, Roterdã, Hamburgo, Bordeaux, Itália, Norte da África e Levante (Turquia) onde fundaram as primeiras comunidades sefaraditas dessas regiões. Os diferentes ramos da diáspora mantinham entre si dinâmicas relações econômicas, sociais e culturais e estavam marcados por constante mobilidade geográfica, social e religiosa.

Após 1609, com a “Trégua dos Doze Anos” entre a Espanha e a Holanda, que colocou fim ao embargo espanhol ao transporte marítimo e ao comércio holandês com Portugal, as possibilidades de desenvolvimento se abriram na Holanda para os cristãos-novos portugueses.¹ Neste momento, Portugal era regido pela coroa espanhola, o que implicava na extensão dos desafetos espanhóis para os portugueses.

A comunidade sefaradi de Amsterdã era formada, em sua grande maioria, por cristãos-novos e seus descendentes que haviam fugido da Península Ibérica para retornar ao Judaísmo e estavam distantes do mundo judaico há várias gerações. Os sefaraditas que fundaram a comunidade de Amsterdã tiveram que enfrentar uma nova classe de problemas existenciais. O primeiro deles foi a redefinição de sua própria identidade judaica e as delimitações dos contornos de sua identidade. Ao

¹ Bodian, Miriam. *Hebrews of the Portuguese Nation- Conversos and Community in early Modern Amsterdam*. Indiana university Press. Michigan, 1999.

mesmo tempo em que haviam desenvolvido uma profunda crítica ao Cristianismo, já haviam adotado alguns dos símbolos cristãos.²

Há uma grande semelhança entre a sociedade judaica ibérica de Amsterdã e as outras comunidades sefarditas. Todas consideravam a conservação de uma *Halachá*, lei judaica, como um ideal fundamental que conferia legitimidade à existência e ao funcionamento de suas instituições. Todas preservavam a certeza de um vínculo judaico universal de destino comum. Uma leitura atenta dos registros das atas das comunidades revela um alto grau de similaridade em suas regras e estatutos. A estrutura organizacional da comunidade de Amsterdã caracterizou-se principalmente pelo seu apego às tradições judaicas.³

Com a chegada dos homens de negócio conversos em Amsterdã, a comunidade judaica foi se organizando. Uma parte retornou ao Judaísmo, mas a dificuldade foi enorme, pois após viverem várias décadas em um mundo clandestino, onde os costumes e tradições judaicas herdados de seus antepassados misturavam-se às tradições cristãs, criou-se uma grande lacuna, que só foi preenchida com a chegada de rabinos do leste europeu, que tinham a missão de ensinar a religião aos recém-chegados. Muitos cristãos-novos assinavam nos documentos oficiais seus nomes cristãos junto com o nome judaico, demonstrando a simbiose cultural que experienciavam.

Construíram um cemitério em 1614, uma imprensa judaica e instituições de assistência a viúvas, doentes e órfãos vítimas da Inquisição, chamada *de Santa Companhia de dotar orphas e donzelas pobres*, conhecida como *Dotar*.

² Kaplan, Yosef. *Judios novos en Amsterdam- Estudio sobre la historia social e intelectual del judaismo sefardí en el siglo XVII*. Gedisa editorial. Barcelona, 1996

³ Kaplan, op. cit.

Por vezes, o número de refugiados inquisitoriais em busca de auxílio era tão extenso que sobrecarregava as organizações assistenciais. Nesse caso, o contingente era enviado às comunidades da Itália, Turquia ou Américas.

Uma grande sinagoga foi construída em 1672, quando a comunidade contava com 7.500 judeus em uma população de 200 mil habitantes, representando 3,5% da população.

Havia uma administração comunal centralizada que era dirigida por sete oficiais escolhidos entre a elite mercantil. Os estatutos baseavam-se nas regras adotadas pela comunidade judaica de Veneza. O Conselho de oficiais, ou *Mahamad*, tinha autoridade para resolver todas as questões e aquele que não cumprisse a sua decisão seria penalizado, em alguns casos até banido. Era também de sua responsabilidade os investimentos em bem-estar social e educação.

A política nos Países Baixos era centralizada em um governo provincial. Havia autonomia das províncias, que eram soberanas dentro da federação. Os Estados Gerais, uma espécie de parlamento, eram autorizados a sancionar apenas o que as assembleias locais das províncias aprovassem. Cada província possuía seu próprio *Stadhouder*, que era um procurador do rei, acumulava as funções de governo e chefe militar. O *Stadhouder* não precisava ser príncipe da casa de Orange ou mesmo pertencer à linha dinástica. As cidades possuíam ainda, um conselho eclesiástico, mas o seu poder era limitado pelo governo laico, o que favoreceu a política de tolerância religiosa.⁴ Para os judeus assegurarem seu *status* deveriam se reportar aos Magistrados de Amsterdã, representantes da classe mercadora holandesa, que se auto-intitulavam regentes.

⁴ Shama, Simon. O desconforto da riqueza- cultura holandesa na época do ouro. Companhia das Letras. São Paulo, 1992

Os regentes aplicavam uma política de tolerância aos judeus. Havia tensão entre calvinistas, anabatistas e luteranos, ou ortodoxos calvinistas e liberais. A oposição aos católicos era mais forte do que a discriminação em relação aos judeus. Quando havia um alagamento na cidade ou algum outro desastre natural, as acusações dirigiam-se contra os católicos e não contra os judeus. Os católicos eram associados a um papado demonizado. Os judeus eram lembrados como hebraístas⁵. Mas havia aqueles que ofereciam resistência aos chamados “estrangeiros”, e o anti-semitismo medieval era preservado nas tradições cristãs. Este fato deve-se principalmente ao receio da concorrência econômica oferecida pelos judeus e cristãos-novos.

A estrutura social da comunidade judaica de Amsterdã era composta por: eruditos rabinos, tais como Joseph Pardo, Isaac Uziel e Saul Levy Mortera, que produziam tratados, sermões, poesia, literatura; uma classe média formada por médicos, advogados e engenheiros; uma classe humilde, que cresceu, principalmente após a chegada de askenazitas analfabetos que fugiam da “Guerra dos Trinta Anos” que devastou os estados alemães, e a elite mercadora.⁶

A economia holandesa era altamente urbanizada e baseava-se sobretudo no comércio de cereais, vinho, bacalhau, materiais para construção naval e no transporte marítimo desses gêneros, além dos produtos necessários para abastecer o mercado interno⁷. Essa economia ficava a cargo dos chamados mercadores, que eram de fato grandes empreendedores da atividade comercial. Atuavam nos negócios internacionais, na multicultural bolsa de valores de Amsterdã, no transporte marítimo e terrestre de mercadorias, na fabricação de produtos e na corretagem ou, muitas vezes, na combinação dessas atividades. Os principais produtos por eles

⁵ Bodian . Op. Cit.

⁶ idem

comercializados eram o açúcar, o tabaco, as especiarias e os diamantes, comercializando quase que exclusivamente com Lisboa, Porto e Madeira, apesar de ainda estarem à margem do comércio de produtos essenciais como cereais do Báltico, peles de Moscóvia, ferro e cobre da Suécia.

As guildas, estrutura das artes e ofícios de Amsterdã, até o fim do século XVII, tentaram impedir a participação judaica, limitando o número de judeus em cada setor. A guilda dos cirurgiões e dos corretores admitia poucos judeus, já a dos livreiros e dos peixeiros não tinha restrições. Tais obstáculos não impediam que dentro da economia judaica houvesse grande diversificação. Com o passar do tempo, no início do século XVIII, podia-se encontrar judeus no comércio de tecidos, porcelanas, no ramo de tabernas e estalagens, ourivesaria e na fabricação de queijos.⁸

Em Amsterdam, parte dos cristãos-novos e judeus dedicavam-se ao comércio de açúcar, sendo favorecidos nessa área graças a sua rede internacional de comércio. Os judeus dessas comunidades, através do contato com parentes espalhados pelo mundo, tinham fácil acesso às áreas produtoras das colônias transatlânticas portuguesas.

Um exemplo dessa rede era a Família Milão. Nessa família o patriarca era um cristão-novo português que se encontrava baseado em Portugal, enquanto que dois dos seus filhos estavam em Pernambuco e seu cunhado em Amsterdã. Seus filhos mandavam o açúcar para o pai em Portugal, que por sua vez mandava para o cunhado em Amsterdã, que refinava e distribuía para o resto da Europa.

Economicamente, os judeus representavam uma parcela importante da sociedade, 13% dos depositantes do banco de Amsterdã eram judeus. Os negócios

⁷ Melo, Gonçalves. Op. cit.

⁸ Schama, op. cit. pp583

eram regidos pelas leis governamentais do país, a comunidade judaica não possuía em seu código de regras nenhum item referente a questões econômicas.

Nas sinagogas eram proibidos assuntos de negócios; era um ambiente reservado a questões morais. Era ali que a sociedade sefaradi preocupava-se com a manutenção da tradição judaica frente às tendências que se manifestavam em diferentes esferas da vida social de seus membros.⁹

As famílias de homens de negócio judeus-portugueses funcionavam como verdadeiros clãs. O casamento era usualmente endogâmico. Suas vidas foram retratadas por diversos pintores holandeses, tais como Romeyn de Hooghe, que pintou Isaac Nunes, Jeronimo Nunes da Costa e a família de Pinto .

Para o sefaradi de Amsterdã, a adesão pública ao Judaísmo e a permanência dentro da comunidade judaica, significava também a possibilidade de preservar o capital familiar, apesar da dispersão e da distância que muitas vezes separavam membros da mesma família. A religião judaica servia como elemento unificador entre os ramos distantes da mesma família. A adesão ao Judaísmo facilitava o controle da fortuna familiar e tinha como função impedir sua dissipação¹⁰.

Apesar da importância econômica dos sefaradis na Holanda, entre 1614 e 1615 foram editadas leis para regulamentar a permanência dos judeus. Essas leis baseavam-se em três cláusulas:

- Os judeus não podiam de forma alguma caluniar nem maldizer a religião cristã e seu salvador.
- Estavam proibidos de fazer qualquer tipo de proselitismo. Essa medida não teve muito efeito, pois os próprios rabinos relutavam em aceitar apóstatas voluntários.

⁹ Kaplan, op. cit.

- Era proibida toda e qualquer ligação sexual ou conjugal de um judeu com uma cristã, com violentas penas para o infrator.

Em 1651, o rabino Menassés ben Israel, chefe da comunidade judaica, recebeu uma autorização do Conselho Eclesiástico de Amsterdã para publicar seus textos em outras línguas que não fosse o holandês. Apesar da tolerância demonstrada, a igreja Calvinista não poupou esforços para converter os judeus. A Universidade de Leiden tinha um professor cuja especialidade era travar discussões teológicas com os judeus, a fim de convencê-los sobre a superioridade da fé cristã.

Houve exceção, os estudiosos humanistas se empenhavam em reviver o hebraico como uma das três línguas clássicas indispensáveis e conseguiam atenuar as divisões entre as duas religiões, tendo em vista os interesses da comunidade erudita¹¹.

Os judeus de Amsterdã estavam empenhados em não se deixar absorver pela sociedade que os havia recebido, conservavam sua fluência em espanhol e português, mas aceitavam como membros tanto judeus quanto cristãos-novos, por um reconhecimento de que todos pertenciam à mesma identidade étnica e social. Deveriam, contudo, cumprir os preceitos da lei judaica e manifestar uma identificação interior com a *Torá*.

Segundo Yosef Kaplan, ao longo do tempo ocorreu uma profunda transformação na mentalidade, consciência e identidade judaica em Amsterdã. Os cristãos-novos se converteram em “judeus novos” e a comunidade que fundaram refletia o paradoxo processo de secularização que atravessavam, dando início ao processo de modernização no Judaísmo europeu.¹²

¹⁰ Kaplan op. cit

¹¹ Schama, op. cit p. 580-581

¹² Kaplan, op. cit. p. 48

Capítulo II- Cristãos-Novos e Judeus em Pernambuco

1. A vida cotidiana dos judeus no Recife

Os holandeses chegaram a Recife em 14 de fevereiro de 1630. A expedição contava com 56 navios, 7180 soldados e marinheiros e era comandada pelo Almirante Hendrick Corneliszoon Lonck. A tomada de Olinda, Recife e da ilha de Antônio Vaz foi rápida, em menos de um mês, no dia 03 de março, a conquista foi efetivada. Nos anos de 1633 e 1634 novas expedições foram responsáveis pela conquista da região de Porto Calvo e Sergipe.

Dentre as pessoas que vieram nos navios, havia muitos judeus atraídos pelo plano de ocupação holandesa. Este plano constava na entrega de passagens gratuitas ao Brasil, terras (a partir do terceiro ano que estivessem no Brasil devendo pagar uma porcentagem de 10% sobre a produção), tolerância religiosa e liberdade de crenças.¹

Para garantir esse pressuposto, a primeira atitude tomada pelo governo holandês em Recife foi a expulsão dos jesuítas e o fechamento dos seus conventos.² A situação entre jesuítas e holandeses se agravou quando o governo holandês interceptou uma carta da direção do colégio jesuíta de Pernambuco endereçada ao governo português na Bahia. O conteúdo dessa carta afirmava que

¹ Wiznitzer, Arnold. *Os Judeus no Brasil Colonial*. Ed. Pioneira. São Paulo, 1966.

Boxer, Charles *Os Holandeses no Brasil, 1624-1654*. São Paulo, Cia. Editora nacional, 1961.

² Watjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil- Um capítulo da história colonial do século XVII*, São Paulo, 1938.

os jesuítas faziam todo o possível para combater a heresia em Pernambuco. O governo holandês, prevendo a ameaça, expulsou jesuítas e franciscanos do Recife.³

Os judeus serviam de guias nas novas terras, além de intérpretes entre os holandeses e o povo de Pernambuco, pois tinham o conhecimento da língua portuguesa e holandesa, além de conhecer o país, o povo e sua economia. Prova disso, foi um judeu chamado Antônio Dias Paparobalos, que tinha sido negociante em Pernambuco e ao desembarcar junto com as tropas holandesas foi guia na entrada da província. Outros judeus, como Moyses Navarro, Antônio Manuel e David Testa, estavam entre os soldados judeus da expedição. Esses foram os primeiros soldados judeus de quem se tem registro na América. A expedição de ocupação contava também com soldados de outras nacionalidades, tais como: alemães, noruegueses, escoceses, entre outros, que eram contratados por um período de três anos.

Após o fim do contrato vários soldados pediram permissão para continuar no Brasil como cidadãos livres e independentes da Companhia das Índias Ocidentais. Eles passaram a realizar diversas atividades econômicas. Dentre eles destaca-se Moyses Navarro que obteve licença para comerciar com o açúcar e se tornou senhor de engenho e um dos mais ricos e importantes judeus no Brasil holandês. Navarro adquiriu seu engenho em leilão, após a invasão dos holandeses. No começo da ocupação foram realizados vários leilões de engenhos que tinham sido abandonados por seus donos, que fugiram com medo da invasão.⁴

A grande oportunidade dos judeus foi no começo da ocupação holandesa, quando os holandeses não falavam português e os portugueses não falavam

³ Watjen, Hermann. Op. cit p. 346. Segundo o autor, somente os padres e freis das ordens jesuíta e franciscana foram expulsos do território ocupado, por conspirarem a favor do retorno do governo português. As outras ordens religiosas tiveram permissão para permanecer na região.

⁴ Wiznitzer. Op. Cit.

holandês, daí a necessidade de pessoas que fizessem a intermediação do negócio. Essas pessoas eram os judeus, que ganhavam uma porcentagem do negócio realizado.

Após alguns anos da ocupação holandesa, a participação judaica na atividade açucareira em Pernambuco foi crescendo. Sua maior participação era como financiadores da indústria do açúcar, corretores (faziam a negociação entre produtores e exportadores) e exportadores açucareiros.

Outro destaque foi na arrecadação de impostos, 63% dos negócios estavam nas mãos de judeus. Essa atividade acabou gerando certa hostilidade contra os judeus, pois quem devia não gostava de pagar.⁵

Os judeus e cristãos-novos estiveram presentes em outras atividades profissionais. Na área médica temos o Dr. Abraão de Mercado, que possuía uma clínica particular e vendia seus próprios medicamentos; o Dr. Manuel Nunes, o Dr. Musaphia e outro cirurgião judeu português que havia cuidado de alguns tripulantes que viajavam no mesmo navio que ele, entre outros cujo registro não se tem.

Na engenharia, destacou-se o cristão-novo Baltazar da Fonseca, que participou do consórcio holandês encarregado de construir a ponte entre Recife e a ilha de Antônio Vaz, ligando a periferia à cidade. Na ourivesaria temos o registro de Jacob Henriques e Isaac Navarro.⁶

Não é possível imaginar o desenvolvimento da economia Atlântica sem escravos e tráfico. Sobre a participação dos judeus no tráfico e comércio de escravos devemos esclarecer alguns pontos.

⁵ Wiznitzer, op. Cit.

⁶ Idem.

Mello, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação: Cristãos Novos e Judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana . Recife, 1996.

Tendências anti-semitas nos Estados Unidos divulgaram a idéia de que teriam sido os judeus os responsáveis pela introdução da escravidão na América, financiamento e organização do comércio Atlântico de escravos e do sistema escravista.⁷ No Brasil, as mesmas premissas foram sustentadas por José Gonçalves Salvador.⁸

Ao tratarmos desse fenômeno, em primeiro lugar é preciso considerar o contexto da Península Ibérica na época. Todo o sistema econômico estava apoiado na escravidão. O tráfico de escravos era um monopólio de agências governamentais, onde cristãos-novos eram barrados. Havia uma briga pelo monopólio do tráfico entre governos da Europa.

Durante três séculos, os conversos foram proibidos pelo governo espanhol de participar do tráfico de escravos, que era muito lucrativo. Nesse período a Espanha detinha o monopólio da entrega de escravos em suas colônias e nas colônias portuguesas, decorrente do contrato entre os dois territórios⁹.

Os cristãos-novos, às vezes, trabalhavam às margens das agências oficiais ou trabalhavam como intermediários. Esse fato fez com que a Espanha se recusasse a renovar o *assiento*, contrato de monopólio da entrega de escravos, com os portugueses.¹⁰

No Brasil, na colônia holandesa havia a necessidade de um grande número de escravos para o trabalho na lavoura e nos engenhos de açúcar. A participação

⁷ Jeffreis, Leonard. "Speech made on July 20 at the Empire state Black Arts and Cultural Festival in Albany". Publicado pelo New York Post an Account of a vitriolic anti-Semitism and Racist Speech. Agosto, 1991.

⁸ Salvador, José Gonçalves. *Os Magnatas do Tráfico Negroiro*. Ed. Pioneira/ EDUSP-1981, SP.

⁹ Davis, David Brion. *The Slave Trade and the Jews*. The New York Review of Books, dec. 22, 1994, p. 14-16

¹⁰ Kayserling, Meyer. *A história dos Judeus em Portugal*, São Paulo. Editora Pioneira, 1971

Drescher, Seymour. *The Role of Jews in the Transatlantic Slave Trade*, 1993

Drescher, Seymour. *From slavery to freedom: Comparative studies in the rise and Fall of Atlantic Slavery*. New York, New York University Press, 1999

judaica ficou restrita à negociação dos escravos que chegavam à colônia. Os lotes de escravos eram arrebatados em leilões e depois revendidos aos fazendeiros.

Os cristãos-novos donos de engenhos eram proprietários de escravos, como todo senhor de engenho da época. Corria um boato na colônia, de que os escravos preferiam senhores judeus a portugueses ou holandeses, pois os judeus lhes davam dois dias de descanso por semana, enquanto que os portugueses um só dia e os holandeses (com sua doutrina calvinista de valorização do trabalho) nenhum dia de descanso.¹¹

Nos inventários que constam dos processos inquisitoriais dos cristãos-novos brasileiros processados pela Inquisição e que foram levantados por Anita Novinsky em Portugal, nos arquivos da Torre do Tombo, em 129 inventários somente um cristão-novo possuía navio e talvez participasse do tráfico.¹²

Na segunda metade do século XVII, com o monopólio do tráfico detido pela Companhia das Índias Ocidentais, os judeus obtiveram um pouco do lucro do tráfico. Mesmo assim era ainda uma pequena parte, pois participavam passivamente (os judeus detinham uma pequena parte do passivo (1,3%) do capital da Companhia das Índias Ocidentais).¹³

Quanto à prática do Judaísmo é sabido que os judeus se reuniam nas casas de amigos para realizar o serviço religioso. Muitas dessas reuniões ocorriam na casa de Duarte Saraiva, importante judeu português que havia comprado terras onde foi aberta a rua dos judeus. Esta rua tornou-se a principal via de um importante bairro comercial. Os judeus mais prósperos viviam em sobrados de dois andares,

¹¹ Wiznitzer, op. cit

¹² Novinsky, Anita *Inquisição – Inventários de bens confiscados a cristãos novos*. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Livraria Camões, 1976.

¹³ Wiznitzer, op. Cit.. Hermam Watjen, utilizando o livro de subscrição de capitais da Companhia das Índias Ocidentais demonstra que de 1623 a 1626, 18 judeus participavam como acionistas da Companhia e somente um, Bento, possuía ações acima de 6.000 florins, quantia mínima para atuar

sendo o andar térreo seu comércio, com porta aberta para a rua e o segundo andar a residência.¹⁴ Foi na Rua dos judeus, que depois da expulsão dos holandeses passou a se chamar Rua do Bom Jesus, que a primeira sinagoga da Américas foi construída. O serviço religioso oficiado dentro de casas particulares era uma prática comum entre os judeus de Amsterdã e foi reproduzido no Brasil.¹⁵

Em junho de 1633 foi adquirido em Amsterdã por Isaac Franco e enviado a Duarte Rodrigues Mendes, no Recife, uma *Torah* (pergamínio religioso contendo o Antigo Testamento). Essa informação comprova que antes das duas sinagogas que se formaram, realmente existia uma assembléia em forma de sinagoga no Recife.

No primeiro semestre de 1636, a sinagoga *Kahal Kadosh Zur Israel* teve sua construção finalizada. Por volta de 1642, foi enviado de Amsterdã um rabino, Isaac Aboab da Fonseca, um dos quatro rabinos da congregação *Talmud Torah* de Amsterdã, para chefiá-la. Aboab da Fonseca nasceu em Portugal em 1605, era filho de ilustres homens versados na lei judaica, bisneto do último “*Gaon*” (máxima autoridade no ensino e interpretação da lei judaica) de Castela.¹⁶ Completou seus estudos em Amsterdã, onde aos 14 anos, devido a sua erudição, foi eleito oficiante litúrgico da Congregação *Nevéh Shalom*. Aos 21 anos tornou-se rabino da congregação *Beth Israel* de Amsterdã. Além de rabino era um pensador ilustre, escritor e poeta. Deixou-nos o primeiro poema escrito em hebraico da América, que transcrevemos no capítulo 5.2, referente à expulsão dos judeus do Recife.

Em 1637 foi organizada a segunda sinagoga, *Kahal Kadosh Maguén Abraham*, na Ilha de Antônio Vaz (funcionava na casa de um particular). Esta

entre os membros da diretoria. Portanto, os judeus não tinham condições de influir nas decisões da Companhia.

¹⁴ Silva, Leonardo Dantas. “*Zur Israel, Uma comunidade Judaica No Brasil*” in O Brasil e os Holandeses. Org. Paulo Herkenhoff. Ed. Sextante Artes, Rio de Janeiro, 1999.

¹⁵ Silva, Leonardo . op. Cit.

sinagoga tinha como líder espiritual o rabino Mosseh Rephael d'Águilar, reconhecido professor, um profundo estudioso do *Talmud*, poeta, exímio conhecedor da língua hebraica e autor de vinte e dois livros.¹⁷ Rephael d'Águilar nasceu entre 1615-1620, recebeu educação judaica e secular em Amsterdã e veio ao Brasil ainda jovem, no grupo liderado por Aboab da Fonseca. Através de seus manuscritos, é possível ver que dedicou parte do seu tempo a convencer os cristãos-novos a retornar ao Judaísmo. Correspondia-se com marranos de outras regiões da Europa, que lhe indagavam a respeito da fé judaica. Acusava a Inquisição de ser uma instituição aparentemente direcionada ao combate do Judaísmo, mas realmente interessada nos bens dos cristãos-novos.¹⁸

Concentravam-se em Recife eminentes sábios e estudiosos do *Talmud*, que se tornaram responsáveis pela educação das crianças. Duas escolas religiosas, a *Talmud Torá* e a *Etz Hayim*, funcionavam no prédio da sinagoga *Zur Israel*.¹⁹ Aconselhados pelo *mahamad*, o conselho rabínico de Amsterdã, as duas sinagogas acabaram sendo unificadas nos últimos anos do governo holandês, em 1648, e serviam cerca de 600 judeus da região.

No momento em que os judeus se constituíram como uma comunidade, as tradições humanísticas do Judaísmo foram lembradas. Havia uma preocupação muito grande com a população judaica carente, mensalmente os associados da sinagoga contribuíam com um donativo que era destinado a ajudar aos órfãos, viúvas, idosos e doentes. Planejavam também a construção de um hospital, que

¹⁶ Ramos, Frank dos Santos. "O Paradoxo da América Católica: Kahal Kodosh Zur Israel.- a primeira comunidade judaica legal no Novo Mundo" in *Desvelando o Poder- Histórias da dominação: Estado, Religião, Sociedade*. Ed. Vício de Leitura. Rio de Janeiro, 2007

¹⁷ Weitman Y, Rabino David. *Bandeirantes Espirituais do Brasil – séc. XVII*. Ed. Mayaanot , 2003

¹⁸ Idem. P. 84

¹⁹ Weitman, op. Cit.

sabemos funcionou por um breve período e teve sua existência documentada nos Estatutos da Comunidade de 1648.

A observância das leis dietéticas era cumprida, contavam, inclusive com a presença de um abatedor ritual de animais, Benjamin Levy, que recebia um salário mensal da sinagoga para exercer sua função fiscalizando e abatendo aves de acordo com as leis dietéticas judaicas.²⁰

Próximo à rua dos judeus ficava a praça dos judeus e a praia dos judeus. Afastado da cidade ficava o cemitério judaico, do qual recentemente foi encontrada a localização.²¹ Alguns dos judeus que possuíam imóveis na atual Rua do Bom Jesus e antiga Rua dos judeus, foram: Gaspar Francisco da Costa, Moisés Navarro, Abraão Azevedo e Duarte Saraiva.

No ano de 1645 o contingente da população judaica no Recife teve seu auge, a partir do censo realizado pelo governo holandês pode-se estimar que 1.450 judeus viviam no nordeste holandês, isto representava cerca de metade da população branca civil que consistia em 2.899 pessoas. Através do Livro das Atas da Congregação Zur Israel de Recife podemos perceber que esta população entrou em declínio, e no ano de 1648, temos 180 assinaturas de chefes de família pertencentes à Congregação; contando 3 pessoas por família temos o número de 720 pessoas aproximadamente.²²

A posição dos cristãos-novos que já moravam no Recife antes da chegada dos holandeses em relação à comunidade judaica que se formava, pode-se dizer que não teve uma uniformidade. Segundo Anita Novinsky, uma análise mais profunda da relação entre cristãos-novos e judeus nos mostra que os primeiros, em sua formação, na cultura, na psicologia eram portugueses. A marginalidade forçada

²⁰ Wiznitzer, op. Cit.; Weitman, *Bandeirantes espirituais- século XVII*. Ed. Mayaanot. São Paulo, 2003

²¹ Weitman, op. cit

lhes dava certa identificação, porém não lhes eliminou a condição de homens de uma mesma origem, de uma mesma língua, de um mesmo costume. Esse fato propiciou aos cristãos-novos um comportamento oscilante, ficavam divididos entre apoiar seus conterrâneos portugueses e sua origem judaica. Havia uma confusão recorrente no cristão-novo, porque depois de várias gerações vividas no Catolicismo, com costumes herdados dos antepassados judeus e vividos muitas vezes em segredo, oscilavam entre uma religião e outra.²³

Diversos são os exemplos dessa situação, como o caso de Manuel da Costa (na Paraíba) que quando falava com judeus dizia-se judeu, quando falava com católicos dizia-se católico e quando falava com holandeses dizia-se calvinista. Esse exemplo era comum entre as famílias de cristãos-novos, diziam-se católicos na Península Ibérica, judeus onde podiam, calvinistas onde precisavam. Temos que salientar, entretanto, que encontramos exemplos de marranos que carregavam com orgulho o fato de serem cristãos-novos, algumas menções desses marranos são pitorescas, costumavam dizer que preferiam ser uma mosca ou irem para o inferno do que serem cristãos-velhos.

O longo convívio com o Catolicismo condicionou os cristãos-novos para um comportamento sincrético, como por exemplo, a idéia da salvação individual, que não existia na filosofia judaica (só a idéia da salvação coletiva). Os cristãos-novos como os cristãos-velhos queriam se salvar, mas pela Lei de Moisés e não pela Lei de Cristo.

O cristão-novo vivia uma situação paradoxal, e apesar da existência de uma comunidade organizada, havia cristãos-novos que nunca se adaptaram a nenhuma religião, como havia aqueles que retornando ao Judaísmo encontraram sua

²² Wiznitzer, op. cit. pp 115

²³ Novinsky, Anita. Cristãos Novos na Bahia. Op. cit.

verdadeira identidade.²⁴ Entre estes estão os que retomaram ao Judaísmo submetendo- se inclusive, à circuncisão: Gaspar Francisco da Costa, Baltazar da Fonseca e seu filho, Vasco Fernandes Brandão e seus filhos, Miguel Rodrigues Mendes, Simão do Vale Fonseca, Simão Drago.²⁵

²⁴ Idem

²⁵ Silva, Leonardo Dantas. “Zur Israel, uma comunidade judaica no Brasil holandês “ op. cit

2. A Organização judaica e os Estatutos da Congregação *Tzur Israel*

Desde a Idade Média, os judeus possuíam na Península Ibérica comunidades autogovernadas inseridas e subordinadas ao governo regional. A auto-regulamentação permitia aos judeus organizar e cuidar de suas sinagogas, cemitérios, mediar litígios entre seus membros através das cortes rabínicas, tributar, multar e castigar os membros de sua Congregação e cobrar impostos para o Estado.

Com o tempo, muitas semelhanças na estrutura e nas formas comunitárias desenvolveram-se entre as congregações da diáspora sefaradi. Toda nova congregação possuía seu regulamento, diretoria, conselho e líderes eleitos entre os mais eruditos. Fazia parte também os oficiantes remunerados, tais como: o rabino, o juiz, o cantor e o professor.¹

Ao organizar a comunidade judaica na colônia holandesa do Recife, o primeiro passo foi redigir os estatutos que regulamentariam o funcionamento das sinagogas estabelecidas e serviria de parâmetro moral a essa comunidade.

Em 1648 o Conselho judaico, formado por Dr. Abraão de Mercado, Jacob Drago, Abraão de Azevedo, Jacob Navarro e David Dias reuniu-se a fim de eleger outros quatro membros da congregação para formar uma equipe que redigiria um regimento para as duas sinagogas em funcionamento. Os eleitos foram: Isaac Atias, Abraão Israel Dias, Jacob Valverde e Benjamim de Pina.

O regimento ou manuscritos dos Estatutos possuía 28 páginas, foi escrito em português do século XVII e ladino (língua utilizada nas orações dos judeus espanhóis, uma mistura de espanhol e hebraico). Centrou-se em quatro pontos

¹ Weitman, Rabino Y. David. *Bandeirantes Espirituais do Brasil*. Ed. Mayaanot, São Paulo, 2003

principais: a administração da comunidade, a justiça da comunidade, as finanças da comunidade e as rendas da comunidade.

Sobre a administração foi decidido que a direção caberia a um Conselho ou *Mahamad*, composto de quatro conselheiros e um tesoureiro. O Conselho seria eleito pelo *Mahamad* anterior e receberia um mandato de um ano, com um sistema rotativo que permitia que dois ou três membros fossem demitidos a cada seis meses e substituídos por novos eleitos. Os membros não poderiam ser reeleitos consecutivamente, somente com distância de um ano entre os mandatos. Os que se interessassem em concorrer para a posição deveriam residir na colônia, bem como ser praticante do Judaísmo e circuncidado há mais de um ano. Os encarregados da leitura do Pentateuco e os demais tesoureiros também deveriam ser eleitos pelo Conselho.²

Cabia ao *Mahamad* zelar pelas necessidades e segurança da comunidade. Para que alguém fosse aceito como novo membro, o Conselho deveria dar permissão para a circuncisão ou para o banho ritual, no caso das mulheres. Os criptojudéus que retornavam ao Judaísmo teriam que esperar um ano antes de se candidatar à diretoria, o que facilitava a integração de novos membros e incentivava o retorno ao Judaísmo, diferente do que ocorria na Holanda, onde o prazo era de três anos. Com relação aos escravos, somente os alforriados poderiam ser aceitos como novos integrantes.

Era função da diretoria da Congregação (*Mahamad*), nomear o corpo diretivo da instituição que administra o cemitério judaico (*Chevra kadisha*) e os diretores das escolas judaicas (*Talmud Torá e Etz Haim*). As escolas eram dirigidas por diretores e um tesoureiro eleitos. A instrução ficava a cargo do rabino Isaac Aboab da Fonseca

² Melo, Gonçalves. Op. cit pp.338

no ensino religioso e dos professores Samuel Frasão, Isaac Nahamias e Abraham Azuby no ensino laico.

O assento nas sinagogas era também distribuído pelo *Mahamad* e não poderia ser alterado.

Além das atividades relacionadas ao funcionamento das sinagogas, o Conselho tinha função jurídica dentro da comunidade, ou seja, deveria evitar disputas entre os judeus e resolver pendências entre os correligionários. Tinham o poder de aplicar multas a quem usasse de más palavras para agredir outra pessoa, a quem utilizasse de agressões físicas, desrespeitasse a sinagoga, apresentasse comportamentos morais inaceitáveis e promovesse escândalo público. Se houvesse alguma questão de dinheiro ou crime, os envolvidos deveriam se apresentar perante o Conselho, que julgaria os casos e aplicaria a multa cabível. As multas aplicadas eram destinadas à caridade. Se houvesse desconfiança de favorecimento a alguma das partes, em relação a algum membro do Conselho Judaico, este poderia ser substituído por uma audiência especial com os “homens bons” da Câmara Municipal, ou poderia pedir uma licença especial para que o caso fosse direcionado diretamente à justiça holandesa.³

A construção de outra sinagoga ficava proibida e a sinagoga de Maurícia subordinada à do Recife. Toda espécie de disputa com outras religiões também era proibida.⁴

Quanto à renda da Congregação, eram cobrados impostos duas vezes ao ano que serviam cobrir os custos com a manutenção da sinagoga, das escolas e do

³ “os Homens Bons” eram uma espécie de vereadores das Câmaras municipais, pessoas de grande influência política, geralmente ricos fazendeiros, e que no século XVII possuíam *status* de líderes regionais e precisar ter “sangue puro”. Sobre a “pureza de sangue” ver: Carneiro, Maria Luiza Tucci. Preconceito racial em Portugal e Brasil Colônia- Os cristãos novos e o mito da pureza de sangue. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2005

⁴ Melo, op. cit. pp. 339

cemitério. Diferentes taxas compunham o conjunto de impostos: o chamado “imposto da nação” que era uma porcentagem sobre as transações comerciais e serviços prestados; o tributo de emigração, cada pessoa que emigrasse para outra parte pagaria um valor determinado ao Conselho; contribuição de caridade e beneficência, além das multas aos causadores de problemas. É citado no artigo 28 que parte do dinheiro das multas cobradas era destinada aos pobres e outra parte à manutenção do hospital judaico. Ainda hoje não sabemos sobre a localização desse hospital, somente citado nesse artigo dos estatutos. Havia um fundo geral de solidariedade, que pagava desde enxovais para noivas órfãs e pobres até viagens emergenciais para a Holanda. Esse fundo também era destinado para que os mais necessitados tivessem uma ajuda mensal ou semanal para seu sustento.⁵

Todos os judeus moradores do Brasil holandês estavam sujeitos a esse regimento e deveriam inscrever seus nomes no livro das Atas. A assinatura no livro facilitava o controle do pagamento de impostos.⁶

As controvérsias sobre religião com cristãos eram proibidas, de acordo com o artigo 27 dos estatutos. Havia o receio de que polêmicas dessa natureza fossem prejudiciais à comunidade judaica, levando a confusões e problemas com a população e autoridades locais.⁷ Apesar da tolerância religiosa, a divergência sobre os dogmas cristãos era considerado blasfêmia e punido severamente com detenção e em casos extremos, morte pelos holandeses.

O livro dos Estatutos e Atas da Sinagoga Tzur Israel do Recife tornou possível uma melhor compreensão da organização e do funcionamento da comunidade judaica no Brasil holandês. O primeiro a mencionar sua existência foi J. Mendes dos Remédios, em 1911. Depois, o historiador judeu holandês Jacob da Silva Rosa fez

⁵ Weitman, op. cit. p. 15

⁶ Ver livro de Atas com as assinaturas dos correligionários em anexo

uma análise do documento em 1925, associando o nome dado para a sinagoga Rochedo de Israel à formação dos arrecifes na cidade do Recife. O documento foi integralmente transcrito e analisado por Arnold Wiznitzer em 1954 na língua inglesa, e em 2003 o Rabino David Weitman transcreveu para o português e publicou o manuscrito em sua obra.⁸ (ver anexo)

⁷ Weitman, op. cit p. 14

⁸ Remédios, Mendes. Os judeus portugueses em Amsterdã, Coimbra, 1911, Lisboa, 1990, Edições Távola Redonda; Rosa, J.S. Silva, Geschiedenis der Portugeesche joden te Amsterdam 1593-1925; Wiznitzer, Arnold. Publications of American jewish historical society, vol II, março e junho, 1953; Wiznitzer. Os judeus no Brasil Colonial, ed. USP, S. Paulo 1966 in Weitman, David. Bandeirantes Espirituais- Século XVII. Ed. Mayanot, São Paulo, 2003

3. A vanguarda do Pensamento Judaico no Novo Mundo

O único momento de luz em trezentos anos de obscurantismo religioso e político no Brasil, durante o qual foi possível para os judeus viverem em relativa liberdade e praticar seu culto religioso, foram os vinte e quatro anos de domínio holandês do nordeste brasileiro.

As conseqüências da política de tolerância que a Holanda estendeu ao Brasil foram ricas no campo cultural, permitindo que na colônia brasileira, pela primeira vez, se desenvolvesse a pesquisa científica, a produção literária e a criação artística. Os judeus desenvolveram no Brasil holandês uma intensa atividade intelectual, até sua expulsão definitiva em 1654.

Na última década do século XVI, com o intenso desenvolvimento da burguesia no norte da Europa, a Holanda possibilitou a seus cidadãos uma relativa liberdade religiosa, o que criou um verdadeiro movimento migratório de portugueses de origem judaica de Portugal para Amsterdã. Com a ocupação holandesa no Brasil, uma segunda corrente imigratória dos judeus portugueses ocorreu, mas desta vez os judeus portugueses deixavam Amsterdã em direção à nova colônia holandesa do Recife.

Apesar da relativa liberdade que a Holanda concedeu aos cristãos-novos já reconvertidos ao Judaísmo, a vida era difícil para os refugiados que, atraídos pelas oportunidades econômicas do Novo Mundo, afluíram gradativamente para a colônia holandesa no Brasil.

O Nordeste holandês desenvolveu-se econômica e financeiramente através do comércio internacional e criou-se uma verdadeira efervescência cultural.

Judeus, católicos e calvinistas puderam coexistir neste clima de tolerância longos anos, desenvolvendo íntimas relações comerciais.

Em Pernambuco, os judeus criaram uma comunidade inspirada nos moldes judaicos de Amsterdã. Demonstraram ter uma enorme criatividade tanto no campo da medicina como da literatura, lingüística, ciências, gramática, arquitetura, entre outros.

Em toda a história da América colonial em nenhum período encontramos uma mentalidade paralela. Um século antes do desenvolvimento do pensamento ilustrado na Europa, judeus na colônia holandesa do Brasil (1640-1654) já propunham uma política democrática, baseada na justiça e liberdade, nos moldes dos direitos humanos modernos.

Esses princípios nortearam toda a organização da comunidade judaica do Recife.

Nos estatutos da Congregação Rochedo de Israel, a primeira sinagoga das Américas, destacamos a defesa de ideais democráticos, através de representatividade, eleições e alternância dos membros.¹

Numa época em que a discriminação na Europa separava sefaradi e askenazi, nas *ascamot* - conjunto de resoluções e disposições emanado do conselho judaico (Mahamat) - não existia nenhuma diferenciação entre estes dois grupos, o que era uma inovação significativa para a época. No século XVIII, na França, por exemplo, judeus sefaraditas desfrutavam de alguns privilégios, uma vez que pertenciam a uma classe remediada e eram mais assimilados que os askenazitas, fechados em suas tradições.²

¹ Estatutos da Sinagoga Tzur Israel

² Johnson, Paul. A História dos Judeus

Na comunidade judaica do Recife, todos os membros recebiam o mesmo tratamento. As pessoas chamadas para lerem a *Torah*, na sinagoga, eram escolhidas por sorteio e não por distinção social. Entretanto, tinham certa prioridade os recém-convertidos ao Judaísmo ou os recém-chegados da Holanda.³

O “Conselho Judaico”, que era o órgão diretivo, exercia rigoroso controle sobre os aspectos legais da comunidade. Qualquer litígio entre seus membros era primeiramente analisado pelo Conselho, e só após seu consentimento era levado aos tribunais oficiais, nenhum judeu no Brasil holandês poderia, sem essa permissão, testemunhar contra outro judeu. Havia uma preocupação em manter a comunidade unida para reforçar sua defesa contra católicos e calvinistas.⁴

Podemos perceber no Recife holandês duas posturas religiosas: a primeira – dos judeus vindos da Holanda - voltados para a prática rígida da religião, e uma segunda postura, dos cristãos-novos brasileiros, que já viviam no Brasil há várias gerações e pouco conheciam sobre a religião judaica. Com a chegada dos judeus de Amsterdã muitos cristãos-novos se reconverteram ao Judaísmo, o que provocou conflitos emocionais.⁵

Segundo Anita Novinsky, “a mais importante contribuição dos cristãos-novos brasileiros ao pensamento ilustrado do século XVIII foi a crítica religiosa”, expressa na defesa do livre pensamento e na liberdade de crença. Esse fato se explica em grande parte pela repressão ao Judaísmo, praticado secretamente durante séculos.⁶

³ Os convertidos eram na verdade cristãos-novos retornados.

Weitman. Op. cit

⁴ Weitman, op. cit

⁵ **Novinsky, Anita** *O Homem dividido in Cristãos novos na Bahia: A Inquisição*. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1992.

⁶ Novinsky, Anita . *Marranos e a Inquisição: Sobre a rota do ouro em Minas Gerais in* *Judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Org. Keila Grinberg. Ed. Civilização Brasileira, Rio de janeiro, 2005

Desde a Antiguidade, os judeus se distinguiram dos outros povos por defenderem que todos os homens são livres, iguais e têm direito de criticar o poder⁷. Esses preceitos eram inadmissíveis no Império Romano, como o foram na Modernidade, onde a teoria do Direito Divino apregoava que o poder era absoluto e indiscutível, sendo os homens classificados de acordo com sua origem e classe social.

O governo holandês de Maurício de Nassau em Pernambuco favoreceu extremamente os judeus, e estes puderam expandir-se nos mais diversos campos.

Eruditos, poetas e cientistas judeus viveram no Recife Holandês. O renomado calígrafo Yehuda Machabeu e o Rabino Mosseh Rafael d`Aguilar, ambos deixaram em seus escritos a defesa da igualdade entre os homens e a liberdade da alma na concepção aristotélica.

Viveu nesse período no Brasil um poeta, Issac de Castro, cuja trágica história foi escrita por Elias Lipner e será mais bem detalhada em outro capítulo neste trabalho⁸. Era versado em literatura grega e latina, o auge da erudição na época, falava também o hebraico, francês, português, holandês e espanhol. Foi preso por agentes inquisitoriais na Bahia e enviado para a Inquisição de Lisboa. No cárcere, discutia com os clérigos sobre a veracidade de passagens do Novo Testamento. Debatendo com um diplomata francês, representante do ministro francês, Mazzarino, foi pressionado para aceitar a fé cristã. Isaac respondeu que poderia fazer qualquer coisa com base em motivos humanos, mas nada que ferisse os princípios de sua consciência.⁹

⁷ Novinsky, Anita. A sobrevivência dos judeus na visão de Baruch Spinoza: O Exemplo da Paraíba; Yehuda Bauer, "Anti-semitism as European and World Problem" In Patterns of Prejudice vol. 27n London, Institute of Jewish Affairs, 1993, pp15-24.

⁸ Lipner Elias. *Izaque de Castro, o mancebo que veio preso ao Brasil*. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 1992.

⁹ Lipner, op. Cit.

O poeta de origem portuguesa que vivia na Holanda, Daniel Levy, também conhecido como Don Miguel de Barrios escreveu sua obra baseada na vida dos judeus na colônia brasileira. Dedicou um poema a um importante homem de negócios do Recife holandês, Abraham Cohen. Neste poema ressaltou o grande intelecto e generosidade de Cohen. O senso de solidariedade e responsabilidade social mereceram destaque na medida em que ajudava a cristãos e judeus da mesma maneira. As atitudes e os escritos de Cohen na defesa dos ideais de fraternidade só foram discutidos por um século depois.

Os judeus se destacaram como engenheiros e arquitetos. Um grande projeto urbanístico executado durante o governo de Maurício de Nassau no Recife foi responsável pela transformação de um entreposto açucareiro em uma cidade moderna, possibilitando o crescimento econômico através da construção de pontes e obras sanitárias. Um dos principais responsáveis por essas obras foi o judeu Baltazar da Fonseca, já citado anteriormente. Fonseca fazia parte da equipe de Pieter Post na construção da ponte entre Recife e a ilha de Antônio Vaz, facilitando a travessia entre o centro de Recife e a periferia. A obra possibilitou a expansão da cidade, que na época já era considerada densamente povoada, em direção à periferia, além de conectar a Velha e a Nova Maurícia, importantes centros comerciais.¹⁰ Essa ligação refletia as idéias novas das urbes burguesas, que se contrapunham com as antigas idéias da vila como base para o meio rural, a serviço das grandes fazendas e engenhos.

Botânicos estudaram a flora e fauna brasileiras. Filósofos debatiam questões teóricas no campo das ciências naturais, entre elas, a origem e a natureza da fauna, da flora e dos habitantes da América. Os estudiosos entram em contato, nos seus

estudos de campo, com uma multidão cada vez maior de seres vivos antes desconhecidos pelos europeus. As novas descobertas despertam conjecturas acerca da pluralidade da criação.

O judeu de Amsterdã, José da Costa, vivia no Recife no período, era acionista da Cia da Índias Ocidentais, proeminente homem de negócios. Nas horas vagas Da Costa desenvolvia estudos filosóficos e motivado pelas descobertas das novas espécies animais e vegetais no nordeste brasileiro, passou a questionar a respeito da história da arca de Noé. Indagava se seria possível construir uma arca suficientemente grande para abrigar todos os seres vivos. Se todos os animais teriam sido salvos em um mesmo refúgio, porque existiam animais em determinadas regiões do planeta e em outras não? No passado existiria algum centro originário dessa diversidade? O proeminente homem de negócios foi o mais brilhante articulador dessas questões.¹¹

No campo das leis, o primeiro advogado e procurador de justiça no Brasil foi Miguel/ Michael Cardoso, português descendente de judeus convertidos. Em agosto de 1646 recebeu autorização para exercer sua função na cidade. Cardoso pode ser considerado o patriarca da reconhecida família de juristas norte-americanos. Seu descendente, Benjamin Cardozo, foi um importante comerciante em Nova York no fim do século XVII e início do século XVIII, e antepassado do famoso Benjamin Cardozo, que nos anos de 1930 tornou-se Chefe de Justiça da Suprema Corte de Nova York. Sobre o parentesco entre Miguel e Benjamin Cardozo, não possuímos provas, somente indícios.¹²

¹⁰ Menezes, José Luis Mota. *A Cidade de Maurício- Observações sobre a história urbana de Recife in A Presença Holandesa no Brasil: memória e imaginário*. Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, 2004

¹¹ Teixeira, Dante Martins. *O Mito da natureza intocada: a história natural no Brasil Holandês (1624-1654) e sua contribuição para o conhecimento da história recente da fauna no Novo Mundo in A Presença Holandesa no Brasil: Memória e Imaginário*. Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, 2004

¹² Wiznitzer. Op. cit

Um ilustre e reconhecido personagem que viveu no Brasil holandês foi Issac Aboab da Fonseca, já citado anteriormente, rabino responsável pela sinagoga Rochedo de Israel. Personalidade das mais representativas do mundo judaico no século XVII, tinha profundo conhecimento da gramática hebraica e foi popular pregador, além de poeta. O que é relevante em sua obra, e deve ser considerado como documento histórico, foi seu poema *Zekher asit leniflaot El*, onde descreve os acontecimentos durante a guerra entre holandeses e portugueses pela recuperação de Pernambuco. Além do prefácio que escreveu a uma tradução da obra, Casa de Dios e Puerta del Cielo, onde narra as vicissitudes e o sofrimento dos judeus nos anos de guerra 1645-54, e sua expulsão do território.¹³ Grande teólogo, Aboab da Fonseca defendia a tese de que o pecador judeu, por mais graves que fossem seus pecados, jamais seria penalizado com a extinção eterna. Essa crença adequava-se perfeitamente aos marranos, que haviam fugido de Portugal e retornado ao Judaísmo na Holanda e aos cristãos-novos acomodados à sua nova fé.

Suas idéias foram admiradas e reconhecidas também por intelectuais não-judeus, como o Padre Antônio Vieira, que costumava dizer que “Aboab sabia o que dizia”.¹⁴

Outro destaque foi Moseh Rephael d’Aguilar, o rabino da sinagoga de Maurícia, que estabeleceu um sistema pioneiro de estudos nas *Artes liberales medievais* (gramática, retórica e lógica). Escreveu um tratado da lógica Aristotélica e da retórica greco-romana. Os manuscritos visavam a prover aos alunos e professores da escola judaica de Recife um manual de conhecimento profundo de retórica. Envolvia-se pessoalmente nos primeiros estágios de oratória de seus

¹³ Weitman. Op. Cit., o poema de Aboab da Fonseca foi transcrito nesse trabalho no capítulo referente à Insureição Pernambucana e a expulsão dos judeus do Recife.

¹⁴ Weitman, op. cit. p. 163

alunos, orientando-se na sua formação de debatedores (comum na sociedade literária holandesa).¹⁵

Podemos dizer hoje, que judeus luso-brasileiros e seus descendentes sobressaíram-se não apenas na conquista de uma vida estabilizada aonde quer que fossem mas, fundamentalmente, pelas idéias que deixaram marcadas na tradição democrática, um século antes de Voltaire e Rousseau proclamaram a defesa da liberdade religiosa e de pensamento.

¹⁵ A cultura grega e romana e os filósofos da Antiguidade eram parte da vida intelectual dos marranos na Espanha e Portugal in Weitman, op. cit. p. 83

Capítulo III – Conflitos entre judeus, católicos e calvinistas

1. O Anti-semitismo católico e reformista

O fato de os judeus serem necessários como intérpretes fez com que os diretores da Companhia das Índias Ocidentais os protegessem, mas o sentimento antijudaico não deixou de estar presente em todos os momentos. Apesar da relativa liberdade e possibilidade de progresso econômico e cultural, o anti-semitismo sempre esteve presente; tanto do lado dos calvinistas quanto da parte dos cristãos-velhos encontramos documentos que demonstram essa atitude.

As acusações eram as mais variadas. Os calvinistas queixavam-se da “arrogância” dos judeus, dizendo que estes usurpavam o comércio, além de se casarem com mulheres cristãs ou, pior, viverem em concubinato com elas.¹

Eram enviados relatórios anuais à Companhia das Índias Ocidentais sobre os negócios na colônia. O relatório de 1641 acusava os judeus de dominarem todo o comércio açucareiro, e ostensivamente professarem sua fé em locais públicos. Esses relatórios pediam a proibição dos judeus participarem de leilões, serem funcionários públicos e arrecadarem impostos.²

As reclamações aos judeus eram recorrentes. Diziam que em outros países os judeus eram obrigados a usar um distintivo de identificação, ou um chapéu vermelho, ou insígnias amarelas no peito, para que todos soubessem sua procedência e não se deixem enganar ou roubar, “pois todos sabiam dos meios usados pelos filhos de Judas que mentem, enganam, usam medidas falsas, o que

¹ Watjen, Hermann. *A Igreja no Brasil Holandês* in *O Domínio Colonial holandês no Brasil*

² Wiznitzer, Arnold. *Os judeus no Brasil Colonial*. Editora Pioneira- Universidade de São Paulo. São Paulo, 1966

dificulta a concorrência dos cristãos que não se utilizavam de trapaças. Por causa de sua usura com os lavradores, são uma verdadeira *peste* nas terras do Brasil. O Brasil pertence aos cristãos e não aos malditos filhos de Israel que profanam o nome de Jesus. Os israelitas não são necessários aqui, os cristãos podem fazer tudo o que eles fazem”!³

Mas a Companhia das Índias Ocidentais tinha nos judeus importantes aliados políticos, o que não acontecia com os cristãos portugueses, e por maior que fosse a pressão, havia o interesse em consolidar o comércio de importação e exportação de mercadorias, por isso a Companhia não poderia tomar contra os judeus nenhuma atitude drástica, como a solicitação de exclusão do comércio varejista, (havia ainda a influência de acionistas judeus na Companhia das Índias Ocidentais). Após a volta de Maurício de Nassau à Holanda, as únicas medidas tomadas contra os judeus foram a proibição da construção de uma nova sinagoga e a determinação de que dali em diante 2/3 dos corretores deveriam ser cristãos.

Maurício de Nassau chamou a atenção para o crescente ódio dos negociantes cristãos aos judeus. Ele defendia a tolerância religiosa, pois acreditava que essa tolerância traria fidelidade dos colonos ao governo holandês, e o endurecimento contra judeus ou católicos só alimentaria chances de insurreição. Acreditava que os judeus eram mais fiéis que os católicos, mas temia que se o governo de Portugal lhes desse liberdade religiosa, eles poderiam passar para o lado do inimigo. Algumas vezes, pressionado pelos ministros calvinistas era obrigado, com o intuito de apaziguar os ânimos, a dar alguma declaração ou tomar alguma atitude contra os judeus. ⁴

³ WÄITJEN, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*

⁴ Wiznitzer. Op. cit.

Mas seu espírito humanista foi reconhecido pela comunidade judaica, quando em 1642, os líderes judaicos, tomando conhecimento das pretensões do Conde Maurício de Nassau em retornar a Amsterdã, lhe ofereceram uma quantia anual, enquanto durasse seu mandato, para que ele permanecesse como governador.

A preocupação dos líderes judaicos de Amsterdã justificou-se pelo fato de que desde 1642 funcionava no Recife um Sínodo Calvinista, que era uma espécie de inquisição da Igreja Reformada. O Sínodo tinha poder deliberativo e executivo sobre matérias referentes à organização interna e ao comportamento moral da população que vivia no Brasil holandês, recomendando às autoridades governamentais medidas coercitivas ou punitivas para aqueles casos que eram julgados escandalosos e merecedores de censura ou punição. O julgamento e as punições eram regulados por um tribunal civil acionado por solicitação das autoridades civis ou religiosas e não eclesiástico, como no caso da Inquisição católica.⁵

A preocupação do Sínodo referente aos comportamentos morais concentrava-se em cinco pontos: A situação marital de casais que viviam em concubinato; a prostituição; práticas católicas, como as benzeduras, blasfêmias, heresias e apostasias; a violação do domingo por judeus e negros; a liberdade religiosa dos judeus e católicos.

Apesar do Sínodo só ter sido oficialmente instalado no Brasil em 1641, desde 1637 as Assembléias da Classe, nome dado às reuniões entre governo holandês colonial e representantes da Igreja Reformada, dedicavam-se a discutir problemas que envolviam os judeus, principalmente as reclamações referentes aos relatórios descritos no início do texto, como a excessiva liberdade de culto judaico, as práticas judaicas “escandalosas”, a concorrência desleal nos negócios. O único caso julgado

⁵ Santos, João Henrique. *A Inquisição Calvinista- O Sínodo do Brasil e os judeus no Brasil Holandês* in Desvelando o Poder- Histórias de estado, Religião e Sociedade. Org. Angelo Faria de Assis, Nara

pelo Sínodo que se referia a um judeu foi o de uma mulher (judia) na Paraíba acusada de sacrilégio contra o nome “do nosso Salvador Jesus Cristo e o Santo Batismo”. O Sínodo concluiu que a mulher dava esperanças de conversão e que vinha freqüentando assiduamente a Igreja e por isso deveriam ser dispensados bons cuidados pastorais com ela.⁶

No ano da organização do Sínodo em Pernambuco, teve início uma regulamentação restritiva das atividades sociais e religiosas dos judeus. Impedia-se que os judeus se casassem com cristãos e decretou-se que os filhos de casamentos mistos, na ocasião da genitora judia, deveriam ser tutelados por parentes cristãos.

Em uma ocasião, o contratador de açúcar judeu Moisés Abendana havia contraído dívidas com credores holandeses que somavam 12 florins. Foi encontrado enforcado e as autoridades deduziram que ele havia cometido suicídio. A Câmara dos Escabinos, dirigido pelo Escolteto Daems, proibiu o sepultamento e determinou que seu corpo fosse exibido em uma forca como exemplo, como era prática na Holanda nesses casos. Os líderes da comunidade judaica de Recife procuraram Maurício de Nassau dizendo que assumiriam a dívida de Abendana e pagariam um bônus pelos inconvenientes, para evitar o escândalo, Nassau não aceitou, então procuraram os credores que aceitaram o pagamento da dívida e permitiram o enterro.⁷

Partiu de um pastor protestante, Vicente Joaquim Soler, que prestava serviço à Companhia das Índias Ocidentais no Recife, uma das mais ferozes acusações contra os judeus. Escreveu diversas cartas insultando os judeus, acusando-os de “sugar o sangue do povo”, “de roubar a Companhia” e usufruir “privilégios que

M. C. Santana, Ronaldo S. P. Alves. Ed. Vício de Leitura. Niterói, Rio de Janeiro, 2007

⁶ Idem

⁷ Mello, José Antônio Gonçalves de. Gente da Nação. Ed. Massangana. Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 1989 ; Santos, João Henrique. Op. cit.

prejudicavam os mercadores cristãos”.⁸ Nessas cartas nota-se também uma grande preocupação dos calvinistas: o aumento da população judaica. A ininterrupta chegada de judeus da Holanda e o aumento da natalidade preocupavam os calvinistas, pois os judeus poderiam tornar-se maioria na região.

Em 1641, o Escolteto de Maurícia, Paulo Antônio Daems, pediu a expulsão e o confisco de bens de um rico cristão-novo, Gaspar Francisco da Costa, porque este havia retornado ao Judaísmo e se submetido à circuncisão.⁹

Outro exemplo do anti-semitismo da época foi quando um judeu acusado de blasfêmia foi torturado e morto por uma multidão insuflada por discursos de padres e pastores. A Comunidade Judaica de Amsterdã reagiu indignada e acusou o governo Holandês do Recife de favorecer as perseguições aos judeus. Reclamou ainda que os Escabinos de Maurícia deveriam entregar o caso ao Conselho de justiça para julgamento, como era costume na Holanda em casos de blasfêmia, e que os Escabinos não tinham competência para julgar essa matéria.¹⁰

O mais enfático anti-semita da época foi um padre, Frei Manoel Calado, deixou uma obra contendo as mais violentas acusações contra judeus. Calado descreve Recife como um paraíso e diz que com a chegada dos judeus a usura, os ganhos ilícitos, a corrupção, estupros, toda a espécie de crime são disseminados pelo território. Em seus sermões, Frei Calado, aproveitando-se das reclamações que corriam de boca em boca, liderou um movimento antijudaico.¹¹

⁸ Brasil Holandês. Dezessete cartas de Vicente Joaquim Soler. Ed. Index, Rio de Janeiro, 1999

⁹ Escolteto é um funcionário público. Daems foi também por vários anos seguidos secretário geral do governo de Maurício de Nassau e pode em diversas ocasiões demonstrar sua aversão ao povo judeu

¹⁰ Mello. Op. cit. p. 269

¹¹ Callado, Padre Manuel. *O Valoroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1987 v.1

Diversas tentativas foram feitas para impedir que os judeus exercessem sua religião livremente. Em uma dessas tentativas, o Conselho Eclesiástico dos calvinistas decidiu que as duas sinagogas deveriam ser fechadas.

A comunidade judaica do Recife reagiu, entrou em contato com o Conselho de líderes judaicos de Amsterdã, que em 1645 elaborou uma petição com a intenção de assegurar que não houvesse nenhuma distinção entre judeus e cristãos nas colônias holandesas. A resposta a essa petição foi um documento chamado de “Patente Honrosa”, que foi dirigida ao Conselho Supremo do Brasil e ao governador. Através desse documento conseguiram desafiar os inimigos e mantiveram suas sinagogas funcionando.¹²

Há um grande erro dos historiadores que conferem aos cristãos-novos o papel de facilitadores na tomada do Recife, mas como nos mostram as pesquisas feitas por Anita Novinsky, o maior defensor dos portugueses na guerra pela retomada foi um cristão-novo chamado João Fernandes. E, como ele, muitos outros auxiliaram com dinheiro, armas e vidas. Tais como: Vieira Mateus Lopes Franco, Diogo Ulhoa, Domingos Alvarez de Serpa e outros, que participaram de um plano do governador para socorrer a capitania de Pernambuco da ocupação holandesa.¹³

Percebemos que grande parte das hostilidades se dava em razão da concorrência nos negócios. Mas, mesmo com o crescimento dessas hostilidades, Pernambuco holandês era um dos poucos lugares no mundo, no século XVII, no qual os judeus puderam trabalhar e viver sua fé, não publicamente, mas protegidos do grande mal da época que foi a Inquisição.

¹² Wiznitzer, op. cit.; Mello, Gonçalves, op. cit.

¹³ Novinsky, Anita “*A Historical Bias: The New Christians contribution of the dutch invaders of Brazil (17 Century)*” “The fifth World Congress of Jewish Studies”, 1972 p.141-154

2. O Santo Ofício e sua penetração no território holandês

A Inquisição não podia atuar na região brasileira pertencente à Holanda. Entretanto, não deixou de infringir angústias e pavor em alguns portugueses que viviam na região e suas proximidades.

Foi durante a guerra travada pelos portugueses contra os holandeses para a reconquista do território ocupado que aumentou a “judeofobia” já difundida anteriormente. Os insurretos, no dia 18 de setembro, se apoderaram do Forte Maurício, próximo à Foz do Rio São Francisco. O forte havia sido construído em homenagem a Maurício de Nassau. Foram feitas prisoneiras cerca de 200 pessoas, sendo todos os soldados, holandeses e portugueses capturados. Protestantes e católicos constituíam a maior parte dos prisioneiros, mas dez judeus foram também aprisionados e enviados à Bahia, de onde seguiriam para os cárceres do Santo Ofício da Inquisição, em Portugal. Esses dez judeus ficaram conhecidos na história como os “Prisioneiros do Rio São Francisco”.¹

Desses prisioneiros, quatro conseguiram se livrar da Inquisição, pois eram originários da Alemanha e Polônia, e não sabiam falar o português. Eram eles: Jacob Polaco, David Michel, Isaac Johannis e Salomão Jacob.

Os outros seis judeus ficaram confinados nos cárceres da Inquisição em Lisboa, enquanto os inquisidores mandavam fazer investigações sobre sua origem e fidelidade à fé católica. O Tribunal do Santo Ofício da Inquisição só considerava como pertencentes a sua alçada, portugueses que fossem batizados. Aos judeus não era oficialmente permitido viver em território pertencente ao Império Lusitano, e

¹ Lipner, Issac de Castro, o mancebo que veio preso do Brasil. Ed. Massangana. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1992; Vainfas, Ronaldo. “Judeus de Crença no Pernambuco holandês: os prisioneiros do forte Maurício”. Texto cedido pelo autor

se algum prisioneiro eventualmente provasse que não havia recebido o sacramento do batismo, não era punido pelo Tribunal.

A origem de Samuel Israel, Samuel Velho, David Salom, Abraão Bueno, Issac de Carvalho e Abraão Mendes, por falarem bem a língua portuguesa, despertou suspeitas e os inquisidores decidiram pesquisar sobre as suas vidas e crenças.

Diversas testemunhas foram chamadas para prestar depoimento sobre os prisioneiros do Brasil, entre elas um secretário da Inquisição, que foi encarregado de avaliar o conhecimento da língua portuguesa dos acusados. Apoiando-se no critério lingüístico, os Inquisidores buscavam saber quem havia nascido em Portugal. Os cristãos-novos que levantaram maiores suspeitas foram Samuel Velho e David Salom, por falarem muito mal o holandês e perfeitamente o português, e Abraão Bueno, que provinha da França.

Soldados holandeses, companheiros dos portugueses cristãos-novos no Forte Maurício, também foram convocados a prestar depoimento. Um militar, Martim Crama, judeu holandês de origem *askenazi*, informou que Samuel Velho e Abraão Mendes eram originários da cidade do Porto e Abraão Bueno de uma vila próxima à Coimbra. O Santo Ofício mandou investigar no lugar de nascimento dos réus e conseguiu as certidões de batismo de Gabriel Mendes e João Nunes Velho.²

Os cristãos-novos freqüentemente adotavam, por motivos de segurança, dois nomes, e às vezes três. Samuel Velho (ou João Nunes Velho), Abraão Bueno (ou Diogo Henriques) e Abraão Mendes (ou Gabriel Mendes) foram os penitenciados. Os inquisidores ficaram sabendo que eram portugueses batizados e que fugiram de Portugal na infância; na França e na Holanda se tornaram judeus. Os três confessaram perante os inquisidores que eram “judeus de fé judaica” e “públicos”,

² Lipner. Op. cit

isto é, que em Pernambuco professavam abertamente sua religião. Gabriel Mendes havia chegado a Hamburgo aos 11 anos, fora educado na fé judaica e submetido à circuncisão. João Nunes Velho foi circuncidado na casa de seu tio Jerônimo de Souza ou Samuel Barbanel, em cerimônia religiosa. Diogo Henriques ou Abraão como era chamado pelos judeus e Jacques pelos franceses, foi circuncidado ainda bebê, na casa de seus pais aos 10 meses.³

A história desses três prisioneiros é semelhante à de muitos marranos que precisaram contar com a ajuda de amigos ou parentes para poder fugir de Portugal.

No século XVII havia na Europa uma forte rede internacional para auxiliar a fuga de cristãos-novos, ligando o eixo Pernambuco - Portugal - Holanda. Essa rede, sem precedentes na história mundial, foi construída com a ajuda de ricos mercadores judeus, semelhante a que havia funcionado no século XVI, com o auxílio de Dona Gracia Mendes, uma das mulheres mais notáveis e influentes de sua época. Viveu na Itália e na Turquia, onde foi amiga do sultão, Solimão - o Magnífico e aproveitou sua fortuna e prestígio econômico para criar uma rede internacional de comunicação que serviu de rota para fuga dos marranos perseguidos pela Inquisição.⁴

Ao serem presos os portugueses no Rio São Francisco e enviados para a Inquisição em Portugal, a comunidade judaica de Amsterdã e os Estados Gerais intercederam junto ao rei português, exigindo sua libertação. Recordavam o artigo 25 do tratado de 12 de junho de 1641, pelo qual todas as pessoas das Províncias

³ Vainfas, Ronaldo. Judeus de crença em Pernambuco holandês: os prisioneiros do forte Maurício. Universidade Federal Fluminense

⁴ Roth Cecil, Dona Gracia of the house of Nasi. The Jewish Publication Society of America. Philadelphia, 1948

Unidas e residentes nas colônias holandesas, de qualquer confissão religiosa, não seriam objeto de perseguição inquisitorial.⁵

Subindo ao trono de Portugal, em 1640, D. João IV, tinha como seu conselheiro um jesuíta, o Padre Antônio Vieira, entusiástico defensor dos judeus e cristãos-novos. Aconselhado pelo seu confessor e interessado em aliar-se politicamente à Holanda, o rei português interveio junto à Inquisição em favor dos prisioneiros.⁶

Foram libertados por falta de provas três judeus: Samuel Israel, o mais velho de todos, que atuou como rabino na esnoga do São Francisco, David Salom, que falava pior o holandês e Isaac Carvalho.

Nesse período, as tensões entre a Inquisição e a Monarquia portuguesa estavam no auge. A Inquisição era poderosa e limitava a influência real nos assuntos religiosos.

Pressões inquisitoriais fizeram com que os prisioneiros acabassem confessando culpas de judaísmo. Inventando e procurando enredar os Inquisidores, fingiram estar arrependidos e desejosos de se reconciliar com a igreja. Gabriel Mendes, João Nunes Velho e Diogo Henriques ouviram suas sentenças em auto-de-fé, no dia 15 de dezembro de 1647. Como a maioria dos cristãos-novos tiveram como sentença cárcere, confisco e usar uma capa infamante sobre suas vestes, com insígnias de fogo, durante toda a vida. O hábito penitencial foi retirado anos mais tarde por mercê da Inquisição.⁷

Os três cristãos-novos acima mencionados, não foram os últimos “brasileiros” penitenciados pela Inquisição de Lisboa durante o período de combate entre

⁵ Mello, Evaldo Cabral. Op. cit.

⁶ Novinsky, Anita. Padre Antônio Vieira, A Inquisição e os Judeus. Revista Novos Estudos CEBRAP nº 29- março de 1991. pp. 172-181

⁷ Vainfas. Op. cit.

holandeses e portugueses. Vários foram presos em outras regiões do Brasil, e podemos lembrar um dos mais trágicos destinos, o do jovem Issac de Castro, que foi preso e queimado vivo no mesmo auto-de-fé em que foram penitenciados os “prisioneiros do São Francisco”.

Isaac de Castro chegou ao Brasil no ano de 1641 com 19 anos de idade. Veio acompanhando seu tio, Mosseh Rafael d’Aguilar, o erudito rabino, que foi responsável pela fundação da segunda sinagoga do Recife⁸.

Isaac de Castro foi um mestre do Judaísmo, viajou à Paraíba, Rio de Janeiro e Bahia procurando contatar cristãos-novos dispersos no distante sertão e levar-lhes uma mensagem de Judaísmo. Foi preso na Bahia e remetido aos cárceres da Inquisição em Portugal. Acusado de proselitismo, os inquisidores encontraram entre seus pertences o livro “O Tesouro dos Dinim”, de autoria do famoso rabino de Amsterdã, Menassés ben Israel, que servia de guia religioso para os marranos.

Isaac de Castro, apesar de jovem, tinha uma profunda cultura judaica. Havia sido educado na ortodoxia judaica. Perante os inquisidores não renegou a sua fé e tentou convencer os inquisidores que a única Lei era a Lei de Moisés. Foi condenado a ser queimado vivo. Está escrito que no dia de sua morte os ventos sopravam com tanta força, de modo que o martírio do réu durou horas, antes que fosse reduzido a cinzas. Seus gritos ecoavam pela praça, enquanto morria recitava a mais famosa declaração de judaísmo, o “Shemá Israel”⁹. Conta-se que os inquisidores ficaram tão impressionados com o sofrimento do jovem, que decidiram não mais declarar pena de morte - o que nunca se cumpriu.

Outros foram aprisionados no Recife por luso-brasileiros. Em 28 de janeiro de 1649, dois jovens, Samuel Nehemias e Arão Moreno, cujos pais viviam há mais de

⁸ Lipner. Op. cit.

⁹ Shemá Israel- trad. “Ouve Israel!”- A oração diz “Shemá Israel ! Adonai Elôhenu! Adonai Echad!” –

cinquenta anos em Amsterdã foram presos e enviados à inquisição de Lisboa. Os judeus recorreram aos Estados Gerais, que por sua vez intercedeu junto ao rei de Portugal, mas o rei respondeu que nada podia fazer. A conclusão do processo não pôde ser identificada na medida em que o nome em hebraico dos acusados dificultou encontrar seu processo na Torre do Tombo em Portugal.¹⁰

Em 26 de janeiro de 1649, outro cristão-novo, Pedro de Almeida, encontrava-se nos cárceres dos Estaus. Foi preso na Paraíba, onde trabalhava com um mercador, tinha 31 anos e afirmou viver há dezesseis anos na Paraíba. Havia sido denunciado por Samuel Velho, um dos “prisioneiros do São Francisco”, seu primo, que afirmou ser Pedro de Almeida morador de Amsterdã e judeu professo. O réu tentou defender-se dizendo que após a invasão holandesa, enquanto fugia em uma caravela portuguesa foi aprisionado por holandeses e enviado ao Recife, onde foi convencido pelo judeu Simão de Leão a retornar ao Judaísmo. Pedro de Almeida deve ter confessado arrependimento, ou não teria sido reconciliado com o Santo Ofício no auto-de-fé de 10 de julho de 1650, onde recebeu a sentença de cárcere e hábito penitencial com confisco de bens.¹¹

Como Pedro de Almeida, muitos que haviam sido denunciados pelos “prisioneiros do São Francisco” foram presos em trânsito, enquanto viajavam a negócios ou mesmo durante as batalhas. A prisão destes dez homens significou grande colaboração para a Inquisição portuguesa que, apesar de afastada do território pernambucano por motivos políticos, mantinha seus olhos na população local.

trad. “Ouve Israel! O Eterno é nosso Deus! O Eterno é Um!”

¹⁰ Melo, Gonçalves. Op. cit p. 323

¹¹ processo da Torre do Tombo nº 11562 in *Novinsky, Anita. Inquisição: Prisioneiro do Brasil, século XVI- XIX*. Ed. Expressão e Cultura . São Paulo, 2002

Um caso intrigante, por diferir dos demais, foi o de uma proeminente figura da sociedade pernambucana, Miguel Francês, preso no ano de 1645, em Pernambuco, por ordem do ouvidor-geral da capitania, membro do governo português que provavelmente encontrava-se refugiado na Bahia ou na Paraíba. Este fato foi inédito, pois a região se encontrava sob governo holandês e a Inquisição não possuía jurisdição no território.¹²

Miguel Francês foi levado a Lisboa por uma caravela que passava em um porto de Pernambuco. Lá chegando, o capitão do navio entregou Miguel Francês acompanhado de uma carta, de conteúdo desconhecido (a visibilidade e a clareza das letras torna impossível sua leitura no processo) a um familiar do Santo Ofício daquela cidade, que o conduziu ao Tribunal da Inquisição.

Segundo o depoimento do próprio acusado, Miguel Francês era judeu declarado. Havia sido batizado na cidade de Abrantes, Portugal, onde nasceu, mas aos doze anos foi viver em Flandres com sua família, onde teve educação judaica. Em seu processo consta um grande número de denúncias, a maioria referente a pessoas de sua convivência em Pernambuco. Ao compararmos o nome dos denunciados com a lista dos integrantes da congregação judaica do Recife, podemos averiguar o fato. Miguel Francês fez descrições detalhadas das cerimônias judaicas que praticava e dos rituais litúrgicos que tinha conhecimento, citando inclusive a utilização do ladino como língua de algumas orações.

¹² Segundo Watjen, todos os membros da governança portuguesa de Pernambuco fugiram para o sertão, para a Bahia ou retornaram para a Corte, com a chegada dos holandeses. Mesmo nos anos da guerrilha de resistência luso-portuguesa, o capitão-mor e o governador se mantiveram escondidos no sertão. No ano de 1645 irrompeu a insurreição pernambucana e a Coroa portuguesa começou a organizar a estrutura administrativa da capitania de Pernambuco. A Paraíba e o Maranhão foram reconquistados, tornando-se uma região estratégica para Portugal no processo de retomada do território. Desde 1642 havia em Lisboa um “procurador de Pernambuco”, Frei Estevão de Jesus, que negociava um plano alternativo para a insurreição, a compra do nordeste dos holandeses, pela quantia de 2.000.000 cruzados. In Mello, Evaldo Cabral. *O negócio do Brasil- Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669*. Ed. Topbooks. Rio de Janeiro, 2003

O réu saiu em auto-de-fé no dia 4 de maio de 1645. Devido a sua grande colaboração, teve como pena hábito penitencial, o qual fora retirado durante o auto-de-fé. No ano seguinte, 1647, pediu uma licença para retornar ao Brasil, prometendo viver entre católicos. Seus bens nunca foram confiscados, pois estavam em território holandês e em 1648 já se encontrava no Recife, onde era considerado o judeu mais rico da região.¹³

¹³ A afirmação de que Miguel Frances era o judeu mais rico da região foi de Gonsalves de Melo. op. cit

Capítulo IV: O início de um Novo Exílio para os Judeus

1. A Guerra

Os portugueses tentavam desde 1641 recuperar os territórios conquistados, contudo sem obter êxito. Paralela à organização bélica, a diplomacia portuguesa, na figura do Padre Antônio Vieira, negociava com a Holanda vantagens financeiras e uma soma em dinheiro para a entrega do nordeste.¹

Passados três anos, o descontentamento dos colonos em relação à administração holandesa foi crescendo. Em 13 de outubro de 1644, um grupo de judeus que vivia no interior de Pernambuco informou ao Alto Conselho da Companhia das Índias Ocidentais da existência de indícios da articulação de um plano português para a retomada do território nordestino.²

Alguns portugueses armados e elementos militares circulavam em Pernambuco. Os conspiradores, com o apoio informal do rei D. João IV, começaram a buscar adeptos para o movimento, prometendo-lhes perdão das dívidas que haviam contraído com holandeses e judeus.³

Sebastião de Carvalho e Antônio de Oliveira, convidados a fazer parte da revolta, foram aconselhados pelo judeu Fernão do Vale, senhor do engenho Guararapes, a delatar os rebeldes. A denúncia chegou ao Alto Conselho holandês pelo médico judeu Dr. Abraão de Mercado. No dia 14 de outubro de 1644, Moisés da

¹ Melo, Evaldo Cabral. O Negócio do Brasil, op. cit

² O grupo de judeus que levou à denúncia ao comando holandês era liderado por Fernão do Vale, Sebastião de Carvalho e Dr. Abraão de Mercado in. *Secrete Notulen*, 13 de outubro de 1644 in Melo, José Antônio Gonçalves. Gente da Nação. pp.297

³ Melo, José Antônio Gonçalves. Gente da Nação. p. 297

Cunha revelou que o cristão-novo João Fernandes Vieira havia enviado à Bahia jóias e artefatos de prata, e em conjunto com os portugueses da Várzea projetava um golpe surpresa contra o governador na ocasião de um leilão de escravos no Recife.⁴

Quando as primeiras notícias da Insurreição foram divulgadas, tanto holandeses como judeus passaram a cobrar todas as dívidas de moradores de pequenas posses e senhores de engenho. Parte do pagamento era feito em açúcar, que era remetido diretamente para a Europa.

Diversos judeus moradores do interior pernambucano se refugiaram em Recife, pois corria a notícia de que a campanha militar havia sido iniciada. No mês de junho, em Ipojuca, portugueses haviam atacado judeus que carregavam barcos holandeses com farinha e açúcar, essa luta resultou na morte de dois judeus. No mês de dezembro do mesmo ano, 1645, uma guarnição de quarenta soldados recebeu a missão de enfrentar os inimigos portugueses que se aproximavam da ilha de Itamaracá e foram auxiliados por um grupo de índios que residiam na ilha, quando uma grande armada portuguesa atacou Itamaracá, incendiou três navios holandeses e fez três judeus prisioneiros no porto de Pau Amarelo.⁵ Os prisioneiros judeus foram examinados pelo clero católico local sobre a sua origem genealógica. O encarregado foi Frei Antônio Calado, já citado anteriormente, responsável por liderar um movimento antijudaico no período. Calado afirmou que dois dos prisioneiros eram cristãos-novos, naturais de Lisboa e retornados ao Judaísmo. Os batizados, Moisés Menees e Isaque Russon não foram enviados à Inquisição de Lisboa por motivos desconhecidos, mas foram julgados pelo Ouvidor da Bahia,

⁴ Melo . op. cit. p. 297

⁵ Wiznitzer, Arnold. *Jewish Soldier in Dutch Brazil (1630-1654)*. Publications American Jewish Historical Society, vol. 46, 1956

doutrinados pelo Padre Frei Manuel Calado e condenados à forca. O terceiro prisioneiro conseguiu fugir e alcançar o Recife. Esse fato teve uma repercussão extremamente negativa perante o governo holandês, que passou a se organizar para a defesa.⁶ A comunidade judaica de Amsterdã também expressou seu descontentamento lembrando às autoridades holandesas a lealdade judaica naquele momento de crise.

Quando em 13 de junho de 1645 eclodiu o movimento, muitos da nação judaica foram pegos de surpresa e aprisionados no interior da capitania. Temendo pela segurança dos judeus, Arão Navarro e David de Torres solicitaram ao Alto Conselho em 1º de julho de 1646 uma permissão para que os judeus residentes da Paraíba fossem transferidos para o Recife

A necessidade de defesa do Recife fez com que os judeus da guarda cívica perdessem o privilégio de descansar aos sábados, principalmente quando, no dia 12 de setembro de 1645, a chamada guarda dos judeus, milícia judaica que guardava o forte que protegia a entrada norte de Recife, foi atacada por tiros de canhões.⁷

Com a rendição do Forte, os luso-brasileiros fizeram mais de 200 prisioneiros, cerca de 180 soldados holandeses, franceses, alemães, poloneses, escoceses e ingleses, entre eles os judeus conhecidos como os “dez cativos do Rio São Francisco”, já descritos anteriormente neste trabalho.

No dia 13 de novembro de 1645, uma tropa judaica com quarenta homens, foi encarregada de uma missão especial, navegar em direção à frota portuguesa e verificar quantos navios se dirigiam ao ataque. No dia 21, ao completar sua missão,

⁶ *ibid*; Calado, Frei. O Valeroso Lucideno e o triunfo da Liberdade; Wiznitzer, Os judeus no Brasil Colonial

⁷ Wiznitzer, *Jewish Soldiers*, op. cit. p 2; Melo, op. cit. p. 300

O forte era uma pequena fortificação que protegia a entrada do istmo norte, era chamado pelos holandeses de *Judenwacht* ou *Steene reduit* (*guarda dos judeus ou reduto da pedra*)

desembarcaram no Recife com a notícia que os navios portugueses eram muitos e já haviam alcançado a Ilha de Itamaracá.⁸

Em 28 de novembro a situação era muito difícil no Recife, tanto que os holandeses já pensavam em capitulação, se isso acontecesse os líderes judaicos teriam que negociar a segurança dos judeus. Foi enviado um documento pedindo que a questão judaica fosse tratada com a delicadeza que necessitava o momento, na medida em que os judeus não tinham espaço no Império português.⁹

Os judeus tiveram como resposta um documento honroso em favor da Nação Judaica, onde eram reconhecidos pela autoridade máxima holandesa, os Estados Gerais, toda a colaboração judaica, sendo estes vistos com os mesmos direitos dos outros súditos holandeses.¹⁰

Mas com o andamento da Insurreição, uma onda de fervor religioso dominou o governo holandês que renovou o edital proibindo a profanação dos domingos e as blasfêmias. Os judeus foram acusados de não respeitar a guarda do domingo, abrindo suas escolas e trabalhando, o que foi visto com grande horror pelos cristãos.

O ano de 1646 foi muito difícil. Holandeses e judeus foram assediados no Recife. Os luso-brasileiros obtiveram várias vitórias, nas Tabocas, na Casa Forte e no Cabo de Santo Agostinho, o que isolava a cidade do Recife da zona rural, impedindo o acesso à região agrícola.

O abastecimento alimentar tornou-se escasso. Além do isolamento da cidade, os navios holandeses que traziam alimentação tinham dificuldade de chegar ao porto. Cerca de 8 mil pessoas passaram vários meses com racionamento de gêneros alimentícios, tiveram que dividir seus víveres com as guarnições de

⁸ Wiznitzer. *Jewish Soldier...*, op. cit

⁹ Melo, op. cit p 302

¹⁰ O documento chamado de "Patente Honrosa" foi citado anteriormente neste trabalho no capítulo referente à difícil convivência entre católicos, protestantes e judeus

Itamaracá, onde a escassez era ainda maior. Para esse período há relatos do grande número de mortos por inanição.¹¹ A fome era tão grande que os animais domésticos passaram a ser fonte de alimento. Entre os escravos, que normalmente só ficavam com as sobras, a miséria era ainda maior.

Como citado anteriormente, o rabino Isaac Aboab da Fonseca deixou em forma de poema um relato desses dias de penúria. O poema hebraico *Mi Kamocha* ou *Quem é como tu*, faz referências à aliança entre o rei de Portugal D. João IV e João Fernandes Vieira, que auxiliou Portugal na retomada do território brasileiro. Descreve João Fernandes Vieira como um homem arrogante, perverso e escarneador, descreve a grande fome e os traidores abrigados no Recife holandês que se comunicavam com os sitiadores portugueses.¹²

Transcrevo abaixo a versão utilizada por Gonçalves de Melo:

“...Pretendiam os pérfidos portugueses exterminar aqueles que estavam no Brasil, chefiados por um malvado que ascendera da lama, filho de pai ignorado e de uma negra; a notícia da conspiração foi ridicularizada pelos chefes holandeses, mas quando se evidenciou a verdade, ele fugiu para o abrigo das matas, onde aguarda a chegada dos regimentos enviados pelo Rei. Pretendia ele saquear o povo de Israel e exterminá-lo, mas não conseguiu. Entretanto as dificuldades enfraqueceram este povo, pois fora a espada semeava a morte e dentro reinava o terror, pois a conspiração era interna e externa ...

Começou então a fome, mas aos necessitados foram distribuídos rações. O corpo ficou reduzido quase aos ossos e o povo passou a substituir o pão por peixe. e o estômago se ressentiu. Era este o momento desejado pelo inimigo para tornar-se o dono da casa e dos bens do povo de Israel. Deus permitiu porém, que sua gente

¹¹ Melo, op. cit.

¹² Weitman, op. cit. p. 173

fosse salva por intermédio de dois navios vindos da Holanda . Lembrai e guardai isto, meus irmãos: aquele dia foi um milagre de Deus”¹³

Em 1647, doenças, fome e operações militares levavam os cidadãos à morte, os judeus tinham ainda mais um motivo para se preocupar, temiam ser capturados pelos portugueses, pois desde o início da Insurreição os judeus aprisionados eram condenados e enforcados como traidores. Foi o que aconteceu em 1645, quando treze judeus foram aprisionados pelos rebeldes luso-brasileiros e executados¹⁴.

A partir de 1649, algumas possibilidades de sobrevivência para os judeus do Recife se abriram. Foram estabelecidos contratos para o fornecimento de vestuário para as tropas holandesas e alguns judeus, como Arão de Pina, Abraão Cohen entre outros, passaram a dedicar-se a confecção de uniformes, o que lhes auxiliou na complementação da renda.¹⁵

Nem todos os judeus permaneceram no Recife depois da Insurreição. Muitos que não possuíam bens e interesse na região, a partir de 1646, regressaram para a Holanda, levando cargas de açúcar, pau-brasil e marfim.

Os holandeses experienciaram o início de sua derrota quando em 1648, seu território já havia sido reduzido ao litoral, Recife, Maurícia, Paraíba, Itamaracá e Rio Grande. O Maranhão, o Ceará, o interior de Pernambuco, Alagoas e Sergipe já haviam sido retomados. Uma grande batalha foi então travada nas proximidades do Recife, em Guararapes, e aos holandeses foi infligida uma grande derrota, que significou o golpe final nos holandeses.

¹³ Melo, op. cit. p. 310. O texto original foi publicado por Kayserling. “Isaac Aboab, the first Jewish Author in America ” Publication American jewish historical Society vol. 5 , Baltimore, 1897, pp. 125/136

¹⁴ Wiznitzer, Jewish Soldier..., op. cit

¹⁵ Wiznitzer, op. cit.

Em 1653, foi avistada no Recife uma grande esquadra portuguesa, com 60 velas, que ancorou em frente à cidade, completando o ataque pelo mar e pela terra.

No início de 1654 a cidade do Recife tornou-se um caos, os soldados desistiam da batalha e muitos dirigiam seus esforços para saques e pilhagens. Gonsalves de Melo descreve que se ouviu falar nas ruas da cidade que o interesse



"A Rendição dos Holandeses de 27 de Janeiro de 1654"
Detalhe: cumprimentam-se o General Siegmund Von Schkoppe (esquerda)
e Francisco Barreto de Menezes (direita),
que desmonta do seu cavalo branco, sob as vistas dos soldados Luso-Brasileiros,
ao lado da muralha e junto ao Portão.
Ao fundo a esquerda soldados holandeses.

em saquear casas era maior, principalmente a residência do comerciante judeu José Francês, o mais rico da cidade. O comentário foi ouvido por Abraham Cohen, que tratou de reunir-se com o Conselho de Anciãos Judaicos, na época formado por Jacob de Lemos, Benjamin de Pina e Fernão Martins. O conselho entrou em contato com o governo holandês, que já se encontrava reunido com autoridades civis e militares, que unanimemente concluiu que deveria ser feito um acordo com os portugueses.¹⁶

¹⁶ Dag. Notule de 22 de janeiro de 1654, Algemeen Rijksarchief, Haia, Holanda, Criminele Papieren, 1624 n° 22 Portefeuille van; Conde de Ericeira, História de Portugal restaurada, 4 vols. .Porto, 1945-46, II, p. 459 in Melo, op. cit. e Wiznitzer, op. cit pp. 111

Os holandeses não conseguiram mais resistir, principalmente pelo fato de seus esforços estarem concentrados na Europa, decorrente da guerra que a Holanda travava com a Inglaterra paralelamente (1652-54).¹⁷ A Guerra estava perdida.

Uma comissão foi enviada para negociar a capitulação no dia 23 de dezembro quando começaram os entendimentos e no dia 25 os termos de capitulação já tinham sido redigidos. O acordo foi assinado no dia 26 de janeiro e no dia 27 as tropas portuguesas ocuparam os fortes de Recife.¹⁸

¹⁷ Em 1651, Cromwell promulgou o Ato de Navegação, visando dar um golpe mortal na navegação holandesa e fortalecer a esquadra inglesa. A Holanda convocou sua frota marítima para manter afastados de sua costa os navios ingleses. O Brasil ficou por muitos meses sem receber a visita de nenhuma embarcação holandesa e em 1652, navios ingleses passaram a apresar navios brasileiros.

¹⁸ Wiznitzer, op. cit. pp. 114. Imagem extraída de: Reinaux, Marcílio. A rendição dos holandeses – Uma pintura de Baltazar da Câmara. Prefeitura da cidade do Recife. Recife, 1983

2. “A Expulsão”- Uma nova leitura

Uma revisão histórica merece ser feita quando analisamos os últimos momentos da permanência dos judeus no Brasil. O documento firmado entre portugueses e holandeses fazia referência específica aos judeus, mas a cláusula dá margem a diversas interpretações.¹ Para uma análise mais profunda, veremos abaixo os principais termos do acordo:²

Artigo 2- Serão compreendidas nesse acordo todas as nações de qualquer qualidade ou religião que sejam; que a todos perdoa, posto que hajam sido rebeldes à Coroa de Portugal: e o mesmo concede, no que pode, a todos os judeus que estão no Arrecife e cidade Mauricéia.

Artigo 3- Concede a todos os vassallos e pessoas que estão debaixo da obediência dos senhores Estados Gerais, tudo que for de bens móveis, que atualmente estiverem possuindo.

Artigo 8- Que os vassallos dos senhores Estados Gerais, moradores no Arrecife e cidade Mauricéia, poderão ficar nas ditas praças, no tempo de três meses; e lhes concede que possam comprar nas ditas praças, todos os mantimentos que lhes forem necessários para seu sustento e viagem.

Artigo 10- ...mas fará que os vassallos dos senhores Estados Gerais de nenhuma pessoa portuguesa seja molestado, nem avexados, antes serão tratados com muito respeito e cortesia; e lhes concede que no dito três meses que hão de

¹ A cláusula referente aos judeus já havia sido negociada desde 1645, no início da Insurreição Pernambucana. Os líderes judaicos do Recife comunicaram a situação de guerra aos judeus de Amsterdã, que endereçaram uma carta aos burgomestres daquela cidade, que por sua vez, enviaram um pedido aos Estados Gerais. Em 7 de dezembro de 1645, os Estados Gerais enviaram uma ordem aos governantes holandeses no Brasil. A ordem ressaltava a fidelidade da Nação Judaica e devido ao fato, em caso de capitulação, os judeus do Brasil deveriam ser incluídos no acordo a fim de que fossem “protegidos e defendidos em igualdade”. In Melo, Gonsalves. pp. 303

estar na terra, possam decidir os pleitos e questões que tiverem, uns com os outros, diante do ministro de Justiça.

Artigo 12 – Que poderão deixar os ditos bens móveis, que tiveram para vender, ao tempo de sua embarcação, aos procuradores que nomearem de qualquer nação que sejam, que fiquem debaixo da obediência das armas portuguesas.

Artigo 13- E lhes concede todos os mantimentos, assim secos como molhados, que tiverem nos armazéns do Arrecife e fortalezas, para servirem deles, e fazerem sua viagem; largando aos soldados os de que eles necessitarem para seu sustento e viagem; mas não lhes outorga o maçame para os navios, porque promete dar-lhos aparelhados, para quando partirem para a Holanda.

O general Barreto ainda inclui: ...“Os estrangeiros que permanecerem no território após o término do prazo, decorrente do atraso dos navios, receberão o mesmo tratamento honroso que havia sendo dispensado até aquele momento. Com exceção dos judeus que originalmente haviam sido batizados na fé católica, estes serão considerados heréticos e entregues à Inquisição portuguesa”.³

Ao analisarmos os termos do acordo de capitulação, algumas questões merecem ser levantadas: foi dado aos judeus integrantes da Congregação uma opção, sair ou ficar? Se os judeus poderiam permanecer no Brasil, porque iriam querer sair? Os judeus foram ou não expulsos?

A historiografia clássica utiliza a palavra “expulsão” para descrever a saída dos holandeses e dos judeus do Brasil. Wiznitzer afirmou ... “Portugal tinha declarado uma guerra de libertação contra invasores de diferentes religiões, isto é, calvinistas e judeus... A expulsão dos holandeses marcou o começo de um sentimento nacional”. Todavia, completou “... qualquer judeu que não tivesse sido

² Termo de capitulação da guerra luso-holandesa in Melo, Francisco Manoel. *Restauração de Pernambuco- Enáfora triunfante e outros escritos*. Secretaria do Interior. Recife, 1944 p. 55-57

batizado católico poderia permanecer no Brasil sem correr o risco de ser molestado ou perseguido”. Gonçalves de Melo escreveu que “A idéia da expulsão dos holandeses do nordeste nunca foi afastada das cogitações de estadistas e militares portugueses da metrópole e da colônia”. Mais recentemente, o Rabino David Weitman foi mais claro na sua posição e afirmou que em “1654 - os judeus são expulsos do nordeste e retornam para a Holanda ou dirigem-se para o Caribe e América do Norte”⁴.

Ao analisarmos as palavras dos autores citados acima, nos deparamos com a questão da suposta “expulsão”. Entretanto, devemos compreender a política internacional aplicada pela Holanda no período. Segundo Evaldo Cabral de Melo, as duas derrotas em Guararapes e os problemas internos enfrentados pelos Estados Gerais, decorrentes de um golpe de Estado do Statholder Guilherme II, levou a Holanda a abandonar a idéia de lutar pela manutenção do território do nordeste brasileiro, adotando uma atitude diplomática com Portugal.⁵ Portanto, ao fim da Inssurreição Pernambucana, não houve expulsão, mas sim um acordo entre as partes, onde o exército holandês deveria deixar o Brasil no prazo de três meses, mas segundo os termos do acordo, quem quisesse permanecer no território definitivamente, receberia permissão.⁶ No caso dos judeus, havia um agravante, a maioria tinha origem cristã-nova e sua permanência nas possessões portuguesas poderia ser interpretada como uma sentença de morte.⁷ O general Barreto, militar

³ Wiznitzer, op. cit. p 124

⁴ Wiznitzer. Op. cit p.111; Melo, Gonsalves op. cit. pp.295; Weitman, Rabino David. Op. cit. p.7

⁵ Melo, Evaldo Cabral de. *Os holandeses no Brasil* in O Brasil e os Holandeses 1630-1654. Org. Paulo Herkenhoff. Ed. Sextante Artes, 1999

⁶ Segundo Evaldo Cabral de Mello em *O negócio do Brasil* op. cit., a capitulação em 1654 não significou o fim do impasse entre Portugal e Holanda, o conflito se estendeu para uma Guerra Marítima de 1657 a 1661, próximo a Portugal e nas Índias. Em 1661 foi feito um acordo onde a Holanda reconheceu a soberania portuguesa no nordeste brasileiro e em troca Portugal pagou um soma de 4.000.000 cruzados, além de vantagens comerciais

⁷ A origem dos integrantes da Comunidade Judaica do Recife foi dada por Wiznitzer em “Os Judeus no Brasil Colonial p.149 a 158 e em Gonsalves de Melo, “Gente da Nação”, 369 a 522

português responsável pela retomada do território, afirmou que se “o Vigário Geral decidisse perseguir os judeus outrora cristãos, ele não podia impedi-lo”⁸. Apesar de não terem sido expulsos do Brasil, não havia opção para a maioria dos sefaraditas, a não ser deixar a região.

Contudo, devemos destacar a relativa tolerância do governo português no tratamento dispensado à comunidade judaica. Diferente de outros momentos da história, em que os judeus foram obrigados a abandonar suas casas e foram reduzidos à miséria, em 1654, receberam respeito à dignidade judaica. Foi-lhes dada permissão para encerrar seus negócios, reunir bens e objetos pessoais, navios foram disponibilizados para a travessia a outras regiões e principalmente, foram abastecidos com mantimentos e remédios. Se lembrarmos o século XX, talvez compreendamos o retrocesso da civilização.

Charles Boxer já havia chamado a atenção para a retidão do general Francisco Barreto ao lidar com a comunidade judaica do Recife⁹. Anita Novinsky, de acordo com Boxer, lembra que desde 1497, Portugal não permitia a presença de judeus em seus territórios e limitou as ações do general Barreto, o que revela a submissão do Poder Estatal à Igreja. Devemos então ressaltar a posição benevolente do general Barreto, que desafiou o poder eclesiástico ao permitir um tratamento igualitário aos judeus no acordo firmado ao fim da guerra luso-holandesa.¹⁰

Em uma ocasião, o general demonstrou íntimas relações com os judeus, quando concedeu permissão ao sefaradi José Francês embarcar um carregamento de pau-brasil para a Holanda. Mesmo incluída no Termo de capitulação a garantia

⁸ Wiznitzer, op. cit. pp124

⁹ Boxer, Charles. Os Holandeses no Brasil, 1624-1654

¹⁰ A afirmação da historiadora foi feita em uma entrevista, na qual deixou claro que gosta de assumir posições e que daria permissão para a inclusão dessa postura no trabalho referido

de que poderiam levar consigo seus bens móveis, o envio de carregamentos não era usual. Barreto justificou a atitude, dizendo que era justo conceder esse privilégio ao “estrangeiro”, porque este havia lhe prestado “alguns favores”, durante o tempo em que esteve preso no Recife no ano de 1647.¹¹

Um relato histórico de 1662, deixado por Yehuda Machabeu e reproduzido pelo cronista Saul Levy Mortera, reconhece a atitude positiva do governo português no tocante aos judeus após a Guerra Luso-holandesa e ressalta a atitude do general Barreto que protegeu os homens da Nação, dando uma ordem, inédita na política portuguesa do século XVII, para que não fossem incomodados, sob pena de severa punição. Segue abaixo o relato de Machabeu:¹²

“Primeiro, tocante a alma, é notório a todos o que sucedeu quando foi tomado o Brasil pelos portugueses, inimicíssimos por natureza do nome judaico, e em particular dos que forçaram a ser cristãos, acostumados aos cruelíssimos autos de fé de onde com tanta ostentação e regozijo, com quem faz sacrifícios, os fazem de vítimas humanas deste perseguido povo, acrescentando-se ao ser portugueses, da inclinação dita, ser um exército de soldados, compostos de negros, mulatos, pobres, famintos e descalços, desejosos de melhorar fortuna e com a sustanza de nação tão odiada deles. E com todo poderoso Deus, com seu infinito poder, evitou e salvou seu povo de todos os eminentes perigos, infundindo no ânimo do governador Barreto, pretextos tais que mandou deitar pregão com graves penas que ninguém tocasse ou molestasse nenhuma pessoa da nação hebraea. E não somente isso, mas

¹¹ Os favores, a que se refere Barreto, dizem respeito a um empréstimo feito ao general por José Frances in Melo, Gonsalves, p. 356

¹² Mortera, Saul Levy, *Tratado da Verdade da Lei de Moisés (Edição Facsimilada, leitura do autógrafo(1659)*, introdução e comentário por H. P. Salomon) Coimbra: Por ordem da Universidade, 1988.pp 72-81. O manuscrito de Yehuda Machabeu, encontra-se em um livro de Saul Levy Mortera, e foi publicado em 1784 por David Franco Mendes no periódico hebraico *Há- Measeph*. O manuscrito encontra-se na biblioteca de Oxford ; Mendes, David Franco e J. Mendes dos Remedios. *Os judeus portugueses em Amsterdao*. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1990.

*lhes consentiu vender suas mercadorias e lhe deu embarcações para a Holanda para mais de 600 pessoas que dos nossos havia, de onde faltando embarcações holandesas, lhes deu portuguesas, de modo que se embarcaram em 16 navios, muitos deles velhíssimos, e todos por graça e providencia divina chegaram a salvamento. E com ser que pelo caminho correrão grandes riscos, de todos os escapou o Senhor, e tanto isso assim que tomado um navio destes dos Espanhóis e levando os judeus à Inquisição, antes de poder por em efeito seu malvado intento e os levou a salvamento a Flórida ou Niu Nederland, de onde vieram em paz a Holanda. Larga e dilatada história requeria para relatar com particularidade o que contam cada qual do que sucedeu na passagem deste mar. Basta dizer que todos chegaram bem e escapou o Senhor suas almas e suas consciências de mão dos que com tantas trazas e crueldades as combatem de ordinário”.*¹³

Ao fim dos três meses, judeus e holandeses preparavam-se para deixar o Recife. Nesse momento, o general Barreto, solicitou uma relação com dos nomes de todos os judeus moradores do distrito¹⁴. Wiznitzer nos informa que o documento original desapareceu, mas que é citado em outro documento do dia 21 de fevereiro de 1654¹⁵. Este fato dificulta a comprovação de quantos foram os judeus que deixaram o Brasil ao final da guerra e quem eram, pois muitos sucumbiram durante a Inssurreição.

Não existem documentos que nos possam fornecer o número exato de judeus que morreram em ação, na luta pela defesa do Recife. Sabemos que a milícia contava com aproximadamente 350 judeus em 1645, o que correspondia a cerca de metade dos homens da armada. Um documento assinado por Abraham de

¹³ A referência feita à Flórida, pode ser explicada, de acordo com Oppenheim, pois no período toda a costa norte do Atlântico era chamada de Flórida. *in* Oppenheim, Samuel. Op. cit. p.4

¹⁴ *Dag Notule* de 21 de fevereiro de 1654. *Oude West Indische Compagnie*, coleção de MSS (códices e maços), 75. Algemeen Rijksarchief, Haia, Holanda

Azevedo, um dos mais importantes judeus da cidade, em 1653, afirma que os judeus estiveram em guarda nos fortes da região dia e noite e que muitos tombaram em serviço atingidos por balas portuguesas.¹⁶

A maior parte dos judeus que viveu no Brasil holandês voltou para a Holanda e algum tempo depois se dirigiu para outras regiões como as Antilhas, onde desenvolveram uma grande zona produtora de açúcar, ajudado pelo conhecimento adquirido nos engenhos pernambucanos. Outra parte fixou-se nas Guianas, Barbados, Martinica, Nova Amsterdã, na América do Norte e depois Curaçao.

Mesmo sendo portugueses e muitos terem lutado ao lado de seus compatriotas portugueses - tiveram de deixar os territórios, que eram uma extensão da pátria lusitana. Novamente não tiveram opção e partiram em busca da tão ansiada liberdade. Vinte e três judeus, depois de enormes perigos e vicissitudes, conseguiram chegar a Nova Amsterdã, hoje Nova Iorque, “Salvos por Deus”, segundo Mortera.¹⁷

¹⁵ Notulen van Brasileien, 21 de fevereiro de 1654 in Wiznitzer, op. cit.

¹⁶ O número de judeus no Recife em 1645 estava em torno de 720, segundo Wiznitzer, restando ao fim da guerra somente 600. In Petição original no Rijksarchief, The Hague, OW.I.C., nº3, fol .1720 in Wiznitzer, Jewish Soldier, op. cit. p 3; *apud* Oppenheim Collection

¹⁷ Mortera, Saul Levy, op. cit.

3. Um vagar sem porto

A Guerra da Reconquista Portuguesa em 1654 marcou o fim da ocupação holandesa no Brasil. Os judeus moradores no Recife foram obrigados a sair da região deixando suas propriedades, seus negócios, familiares e amigos.

Como já foi dito, o general português Francisco Barreto de Menezes colocou à disposição dos judeus expulsos dezesseis navios. Segundo alguns autores, embarcaram cerca de seiscentas pessoas, segundo outros, cento e cinquenta famílias, com destino à Amsterdã e às colônias holandesas no Caribe¹. O acordo estipulado permitia que levassem consigo todos seus bens móveis, objetos pessoais e ainda mercadorias como o pau-brasil e caixas de açúcar.²

No século XVII, as condições de higiene e conforto durante a viagem eram precárias. Relatos da época contam que durante a noite podiam-se ouvir os gritos de pavor das crianças atacadas com a “febre do navio”, o sarampo e epidemia de piolhos.³

No dia 26 de abril de 1654, três grupos de judeus deixaram o Recife. A primeira embarcação retornou à Holanda, a segunda se dirigiu ao Caribe e um terceiro grupo, sobre o qual se concentra esta pesquisa, seguiu no navio holandês Valk, comandado pelo capitão, Jan Craeck, cujos proprietários eram os holandeses Paulus e Jacob de Sweert.⁴

¹ Wiznitzer, A. *Os judeus no Brasil Colonial*. Editora Pioneira. São Paulo, 1966 p.125; Oppenheim, Samuel *A Contemporary Account of how the jews came to arrive in New Netherland*. America Jewish Historical Society Foundation, New York, 1926 p.4

² Oppenheim, op. Cit p 5; Wiznitzer, op. Cit pp. 123-124.; Gonsalves de Melo. *Gente da Nação*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 1989. pp 354-355

³ Sola Pool, David and Tamar de. *An Old Faith in the New World. Portrait of Shearith Israel, 1654-1954*. Columbia University Press, New York, 1955 p.4

⁴ Wiznitzer. *Os judeus no Brasil Colonial*. Editora Pioneira. São Paulo, 1966 pp.

Diversos documentos, que muitas vezes não coincidem em seus relatos, falam sobre as vicissitudes enfrentadas pelos judeus portugueses que estavam no navio Valk.

Um dos primeiros historiadores a reconstruir o percurso dos judeus após a saída do Brasil foi Samuel Oppenheim, no início do século XX. Oppenheim baseou-se em um artigo de David Franco Mendes chamado “*Toledot Gedolei Yisrael*” que foi publicado um século após a chegada dos brasileiros em Nova Amsterdã.⁵ Franco Mendes em seu escrito, repetia dados de um manuscrito não publicado, de autoria do famoso Saul Levi Mortera, “Providencia de Dios con Israel”⁶. A obra de Mortera foi escrita entre os anos de 1655 e 1662, e tem um prefácio de Yehuda Machabeu que descreve os percalços da viagem, no texto intitulado “Relatório dos julgamentos e redenção do Brasil em 1654”.

Tanto Machabeu quanto Mortera, estiveram no Brasil nos anos da ocupação holandesa. Mortera deixou o Brasil em companhia do rabino do Recife Isaac Aboab da Fonseca, em 1654 e seu manuscrito foi encontrado por Oppenheim no catálogo da biblioteca de J. W. Six de Vromade. Inicialmente não teve acesso ao documento, mas posteriormente utilizou cópias da biblioteca Bodleian em Oxford, na Royal Library at the Hague e outra em Hamburgo. O texto possui ao todo 237 páginas.⁷

Oppenheim relata que uma tempestade com fortes ventos, desviou o navio Valk, que ia em direção à Holanda, para a Martinica. Ao reiniciar a viagem

Oppenheim, Samuel . The Early History of the Jews in New York , 1654-1664.p.16 PAJHS XVIII, 1909 pp.1-74

⁵ Mendes, David Franco e J. Mendes dos Remedios. *Os judeus portugueses em Amsterdao*. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1990. *apud* Há- Measef, Königsberg, 1784-1785

⁶ In Mortera, Saul Levy “Providencia de Dios con Israel” *in Tratado da Verdade da Lei de Moisés (Edição Facsimilada, leitura do autógrafa(1659)*, introdução e comentário por H. P. Salomon) Coimbra: Por ordem da Universidade, 1988. pp 72-81. Saul Levy Mortera era co-rabino de Menasseh ben Israel em Amsterdã, além de ter trabalhado ao lado de Issac Aboab da Fonseca no Recife.

⁷ Oppenheim, op. Cit. 13 A biblioteca de Bodleian é localizada em Oxford, Inglaterra. A biblioteca Real de Hague fica na Holanda; Saul Levy Mortera era co-rabino de Menassés ben Israel, chefe do

interrompida, foram atacados por piratas espanhóis que os saquearam, tomando o navio. O capitão de uma fragata francesa lutou com os piratas e os resgatou. Ao aportarem na Jamaica, que pertencia então à Espanha, para abastecer, com suprimentos e negociar com o capitão o restante da viagem, que os salvou, foram todos detidos pela Inquisição espanhola que suspeitava serem os passageiros judeus, na verdade cristãos-novos⁸.

Os prisioneiros foram divididos em dois grupos e os que despertaram maiores suspeitas de serem cristãos-novos foram obrigados a permanecer na Jamaica até novembro do ano de 1654. Só foram libertados após intervenção do governo holandês, que se baseou no acordo de capitulação feito com os portugueses no Brasil, que garantia liberdade e segurança aos partidários holandeses de qualquer nação e crença religiosa. Portugal já estava separado da Espanha desde 1640, mas descumprir um acordo firmado entre os governos português e holandês geraria um conflito internacional.

Os outros prisioneiros foram liberados após interrogatório. Eram eles, judeus sefaraditas da Holanda e da Itália, alguns askenazitas e alguns calvinistas holandeses. No grupo encontrava-se um pastor protestante da ilha de Itamaracá, próximo à Bahia, que pertencia ao Brasil holandês, Dominus Johannes Polhemius.⁹ Polhemius desembarcou em Nova Amsterdã, na América do Norte, juntamente com os vinte e três judeus refugiados do Brasil e tornou-se responsável pela congregação protestante de Midwout, Long Island.

rabinato da comunidade de Amsterdã Yehuda Machabeu foi um célebre calígrafo e escritor judeu, pertencente à comunidade de Amsterdã, que viveu no Recife durante a ocupação holandesa.

⁸ Oppenheim. Op. Cit.p.5. Somente cristãos-novos, batizados no Cristianismo, estariam na alçada da Inquisição

⁹ Wiznitzer. The Exodus from Brazil and Arrivel in New Netherland of the Jewish Pilgrim Fathers, 1654. Publications American Jewish Historical Society, vl. 44, 1954.. Op. Cit.p.4

Sefaradim são os judeus provenientes da Península Ibérica
Asquenazim são os judeus originários da Europa Oriental

Os judeus que desembarcaram na ilha de Manhattan eram ao todo seis famílias, seis homens casados e dois solteiros. Havia também duas mulheres viúvas e treze crianças de diversas idades.¹⁰

Leon Hühner discorda da descrição de Oppenheim no que se refere ao local do ataque dos piratas dizendo ter sido próximo a Cuba. Afirma que o navio havia sido saqueado por piratas que roubaram grande parte dos pertences dos passageiros e conclui que foram resgatados por uma fragata francesa, próximo ao Cabo de Santo Antônio, em Cuba, parando na Jamaica antes de seguir viagem à Nova Amsterdã. Afirma ter sido este o momento em que alguns passageiros foram detidos pelos agentes da Inquisição.¹¹

Arnold Wiznitzer, por sua vez, descreve as peripécias dos sefaraditas através da seguinte versão: Três grupos de judeus ao deixar o Recife enfrentaram problemas. O primeiro grupo seria o mencionado por Saul Levy Mortera e retomado por Oppenheim, naufragou na Martinica. O segundo e o terceiro grupo eram passageiros do navio Valk, alguns nascidos na Holanda e outros em Portugal.¹² Quando foram atacados por piratas espanhóis e levados à Jamaica, os nascidos na Holanda foram liberados pela Inquisição, enquanto que os judeus nascidos em Portugal, portanto batizados, era considerados hereges e permaneceram nos cárceres do Santo Ofício na Jamaica, até a intervenção do governo holandês.¹³

Os três historiadores concordam que os judeus, ao chegarem em Cabo de Santo Antônio, negociaram com o comandante do navio Saint Catherine, Jacques La Motte, que cobrou um preço exorbitante para a época, 2.500 guilders pelo frete, pela comida e pelos móveis que levavam no barco.

¹⁰ Ibid.p.5

¹¹ Huhner, Leon. Whence came the first Jewish settlers of New York? Publications American Jewish Historical Society v. IX, 1909, pp 75-85

¹² Wiznitzer, Arnold. Op. cit.10

Há uma divergência sobre o nome da fragata ser Saint Charles ou Saint Catherine. No documento onde está escrito o nome há uma mancha de tinta. Por isso Samuel Oppenheim afirma ser Saint Catherine. Oficialmente a historiografia inglesa considera a afirmação de Oppenheim e a historiografia holandesa defende a tese do nome ser Saint Charles. Contudo, há uma prova de que realmente o nome do navio seja Saint Charles: uma nota da venda, onde o proprietário Symon Felle, em 7 de novembro de 1654 transfere a posse da fragata ao capitão James Mill's.¹⁴

Concluimos, através de nossas exaustivas pesquisas, que o navio Valk ao enfrentar uma tempestade teve seu curso desviado entre as ilhas do Caribe, próximo à Jamaica. Antes de atracar no porto foi atacado por piratas que tomaram seus pertences, os mantiveram prisioneiros e os negociaram com espanhóis em troca de ouro e prata. Os mercadores espanhóis entregaram os prisioneiros às autoridades eclesiásticas da ilha da Jamaica, onde foram retidos até que uma parte do grupo foi liberada, pelos motivos apresentados acima e conseguiram transporte até o importante porto do Cabo de Santo Antônio, próximo a Cuba. Lá encontraram o capitão da fragata Saint Catherine, que já os conhecia do Recife, com o qual negociaram a viagem até Nova Amsterdã.¹⁵

A viagem, incluindo a prisão na Jamaica, durou mais de seis meses. Documentos nos contam que saíram na época de Pessach e chegaram a Nova Amsterdã alguns dias antes de Rosh Hashaná.¹⁶

¹³ Ibid. 11

¹⁴ Neste trabalho adotarei o nome de Saint Catherine, porque é o mais utilizado pela bibliografia. Ver em Oppenheim. Op. Cit p.22

¹⁵ O capitão do navio Saint Catherine fazia o comércio entre Recife, Caribe e Holanda, daí a probabilidade do grupo de naufragos já conhecerem o capitão previamente

¹⁶ Pessach – páscoa judaica e Rosh Hashaná – é o ano novo judaico.

Segundo Wiznitzer, entre os vinte e três judeus que saíram do Brasil encontrava-se: Abraham Israel; David Israel; Assar Leeven; Moses Ambrosius; Judicq de Mereda, Ricke Nunes.

Esses nomes foram identificados do livro de registro da sinagoga Zur Israel de Recife como: Abraham Ysrael; David Israel; Asher Levy; Mose Lumbroso; Judith Mercado (viúva de Rafael ou Moseh de Mercado); Ricke Nunes, (viúva de Moseh Nunes).¹⁷

Abraham Israel viajava com a esposa e dois filhos, David Israel, irmão de Abraham Israel viajava com sua esposa e três crianças e Mose Lumbroso também tinha em sua companhia sua esposa e duas crianças.¹⁸

Egon e Frieda Wolff formulam uma hipótese, questionando a pesquisa de Wiznitzer que identificou os nomes citados. Os Wolff alegam que na assinatura do livro das atas da congregação Tzur Israel do Recife, os nomes constam escritos de forma diversa e que o argumento utilizado pelo autor é baseado em deduções e não em provas concretas.¹⁹

Wiznitzer conclui que Moses Ambrosius é uma corruptela de Moses Lumbroso, Judite de Mereda também seria uma corruptela de Mercado. Asser Levy poderia ser filho de Benjamin Levy e teria chegado muito jovem, David Israel Faro foi identificado com David Israel, Abraham Israel poderia ser Abraham Israel Dias ou Abraham Israel Pisa, Ricke Nunes seria a viúva de Moshe ou Mose Nunes.²⁰

Os Wolff alertam que Abraham Israel Dias foi finto na Holanda dois dias antes da chegada dos vinte e três judeus em Nova Amsterdã. Assim, Abraham Israel

¹⁷ Wiznitzer, Arnold "The Exodus from Brazil and arrival in New Amsterdam of The Jewish Pilgrim Fathers, 1654. American Jewish historical Society, vl. XLIV, sep 1954 to june 1955.p.15

¹⁸ Bel Bravo, Maria Antônia. Diaspora Sefardi. Editorial Mapfre AS. Madrid, 1992

¹⁹ Wolff, Egon e Frieda. A Odisséia dos Judeus do Recife. Centro de Estudos judaicos. São Paulo, 1979

²⁰ Wiznitzer, Arnold. The Members of Brazilian Jewish Community (1648-1653) . Publications American Jewish Historical Society, vol. 42, 1953

Dias não é a mesma pessoa que Abraham Israel, há um engano em relacionar as duas pessoas. Abraham Israel tem seu nome assinado em petições de Nova Amsterdã nos anos de 1654 em diante.

Ambos criticam a teoria apresentada por Oppenheim e parcialmente endossada por outros historiadores, que identificava a localidade Gamoniké como sendo Jamaica. Segundo Wiznitzer Gamoniké significava em documentação antiga, Jamaica.

Wolff afirma que Gamoniké poderia ser Tamariké ou Itamaracá na Bahia e Cabo de Santo Antônio deveria ser também na Bahia e não em Cuba, de onde os judeus de Recife teriam saído, uma vez que Itamaracá pertencia aos holandeses antes da capitulação.

É bom lembrar que ao tratarmos de cristãos-novos ou judeus nos tempos inquisitoriais os homônimos e heterônimos são freqüentes.

A história da saída dos judeus do Recife ainda está envolta em lendas e hipóteses até hoje não comprovadas.

O que sabemos com certeza é que um grupo de judeus saiu do Recife no navio Valk, naufragou na Martinica, foi preso por espanhóis na Jamaica, foi levado à Inquisição e poucos chegaram a Nova Amsterdã. No ano de 1655 mais dois navios aportaram na colônia holandesa da América do Norte trazendo judeus que viviam no Recife. Foram eles: José da Costa, Jacob Henriques Cohen, Abraham de Lucena, Salvador D'Andrada, Benjamin Bueno de Mesquita, Isaac Israel (Isaque Izrael), David de Ferera e Benjamim Cardozo .²¹

²¹ Hershkowitz, Leo. New Amsterdam's Twenty-three jews- myth or reality ? in Hebrew and the Bible in America : the first two centuries. Ed. Shalom Goldman . Hanover and London: University Press of New England. 1993. Pp 169-183

Seus nomes constam do livro de Atas da sinagoga Tzur Israel em Recife, e um ano depois já os encontramos fazendo negócios em Nova Amsterdã.

Os judeus recém-chegados do Brasil enfrentaram difíceis situações. Em maio de 1655, Willian Tomassem, o comandante do navio Great Christopher processou David Ferera, Abraham Lucena e Salvador d'Andrada por falta de pagamento pelo frete de mercadorias embarcadas de Amsterdã para Nova Amsterdã.²²

José da Costa, que viveu no Recife holandês, era irmão do notável Uriel da Costa que foi excomungado da comunidade judaica de Amsterdã, foi um dos judeus que chegou em 1655 da Holanda. Deixou o Brasil em janeiro de 1654 em direção à Holanda.²³ Participou da formação de uma Companhia de Comércio que seria responsável pelas transações entre Amsterdã e Nova Amsterdã. A companhia tinha como acionista o holandês Gillis Verbrugge com uma participação de ¼% das ações, entre outros acionistas cristãos. Gillis já conhecia muito bem esse comércio, pois já o realizava desde 1640. Os outros acionistas eram judeus, Mordechay Abendana com ¼% das ações e David Cardozo Davillar com 1/6% das ações. Gillis e Abendana escolheram José da Costa, que na época já era acionista da Companhia das Índias Ocidentais, como seu agente em Nova Amsterdã. Para isso, da Costa receberia 95% do lucro do comércio durante quatro anos.

Esse contrato foi assinado em abril de 1655 e José da Costa partiu imediatamente para Nova Amsterdã. Em dezembro daquele ano alugou uma casa, localizada na 27 Pearl Street, onde fixou moradia. David Ferera era agente comercial

²² Idem

²³ Hershkowitz, op. cit. José da Costa era irmão do notável Uriel da Costa que foi excomungado da comunidade judaica de Amsterdã. Uriel da Costa foi um marrano nascido em Portugal, retornou ao Judaísmo ao chegar com sua família em Amsterdã. Foi excomungado pela ortodoxia judaica de Amsterdã que o considerava um perigo a manutenção do Judaísmo. Suas idéias questionavam a imortalidade da alma, a ressurreição e pôs em dúvida a autoridade da Lei Oral judaica. Sobre Uriel da Costa, ver: Ellis Rivkin, *in Iberia Judaica*, org. Anita Novinsky e Diane Kuperman, ed. p.; Mirian Bodian. *Hebrews of the Portuguese Nation- Conversos and Community in early modern Amsteram*.

de Moses Silva, que anos depois foi a Nova Amsterdã em companhia de seu irmão Elias Silva conferir de perto seus negócios e acabou permanecendo na colônia.

Outros judeus chegaram à colônia holandesa entre os anos de 1656 a 1670²⁴. Eram eles: **Moses de Lucena**, Isaac Mesa, Manoel Roiz Lucena, Joseph Francis, **Mevrow Abraham de Lucena**, David Machero, Rabba Couty, **Jacob Lumbroso**, **Joseph Bueno de Mesquita**, David e Simon Valentine Vanderwilde, **Jacob Israel**, David Abendana, Joshua Servateyn²⁵.

Muitos deles tinham parentes já vivendo em Nova Amsterdã. Jacob Lumbroso era parente de Moses Lumbroso; Joseph Bueno de Mesquita era irmão de Benjamim Bueno de Mesquita; Jacob Israel era irmão de Isaac Israel, Simon Valentine Wanderwilde era cunhado de Asser Levy e foi com esposa e filhos, além da família Lucena, que era liderada pelo rabino Abraham Lucena.²⁶

Moses de Lucena tornou-se sócio de Asser Levy em um abatedouro de animais. Trabalhava também em parceria com José da Costa na tradução de documentos para o espanhol, devido a dificuldade de alguns da comunidade judaica com a língua holandesa. Veio acompanhado de outro parente, Jacob de Lucena, que permaneceu na região mesmo após a conquista inglesa do território.²⁷

Havia membros das famílias da Costa, Lucena e Cardozo vivendo também no Rio de Janeiro no século XVII. Se estas famílias chegaram junto com os holandeses em Pernambuco e depois foram para o Rio de Janeiro e se realmente eram aparentadas não temos pesquisas genealógicas com bases suficientes que o

Indiana University Press, Bloomington, Indiannapolis, 1997; Jean Pierre Osier. *De Uriel da Costa a Baruch Spinoza*. Berg International, Paris, 1983.

²⁴ Hershkowitz, op. Cit.

²⁵ Earl A. Gollman. Dictionary of American Jewish Biography in 17th century in American Jewish Archives, 1950, Rosenbloom and Samuel Oppenheim Collection

²⁶ Seu nome aparece nos contratos realizados para a compra do que viria a ser o primeiro cemitério judaico. Ver: Pool, Sola. *Portraits Etched in Stone- Early jewish settlers*. New York, Columbia University Press

comprovem. Segundo Lina Gorenstein as famílias da Costa e Lucena eram endogâmicas e o mesmo ocorria em Nova Amsterdã.²⁸

A história dos vinte e três judeus e alguns protestantes oriundos do Brasil que chegaram à Nova Amsterdã na primeira semana de setembro de 1654 havia apenas começado.

²⁷ Oppenheim. Op. Cit.p.24

²⁸ Gorenstein, Lina. A Inquisição Contra as Mulheres- Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII. Col. Histórias da Intolerância. São Paulo: Associação editorial Humanitas: FAPESP, 2005 pp. 75-84

Capítulo I - O árduo recomeçar

1. Vicissitudes e adaptação

A primavera de 1654 representou um marco na história da colonização judaica na América do Norte. Dias antes da celebração do Ano Novo judaico, os 23 refugiados judeus do Brasil alcançaram, por fim, a colônia holandesa da América do Norte. Estes homens não foram realmente os primeiros judeus a desembarcarem em solo norte americano, mas foram os primeiros a ali permanecerem.

Em 1585, um engenheiro judeu de nome Joaquim Gaunsen trabalhou como metalúrgico e engenheiro de minas na colônia inglesa de *Roanoke Island*. Gounsen fez experimentos com solo em Carolina e retornou à Inglaterra um ano depois. Alguns mercadores judeus fizeram breves visitas comerciais aos portos norte-americanos. Solomon Franco, agente de mercadores judeus holandeses, esteve em Boston em 1649.¹

A diferença entre os refugiados do Brasil e os outros judeus que passaram pela América do Norte é que os vinte e três do Brasil necessitavam de um novo lar, já que haviam sido expulsos do Recife junto com os holandeses em 1654, ao contrário dos judeus que haviam passado somente alguns dias naquelas terras com o intuito de estabelecer relações comerciais.

¹ Sarna, Jonathan. *American Judaism - a History*. Yale University Press. New Heaven & London. 2004, p. 1. Carolina era uma das 13 colônias inglesas na América do Norte, depois foi dividida em duas regiões formando o Estado da Carolina do Norte e do Sul



Placa na cidade de Nova York, homenageando os judeus-brasileiros que fundaram a primeira comunidade judaica da América do Norte

Atualmente, os refugiados do Brasil são considerados como “*Jewish Pilgrim Fathers*” - pais da comunidade judaica da América do Norte, e anualmente é realizada uma cerimônia em Nova York em sua homenagem.

Segundo Jonathan Sarna, diferentemente dos *English Pilgrims* que chegaram a Massachussets em 1620, e emigraram por vontade própria, como Puritanos separatistas, à procura de um local onde pudessem viver de acordo com os princípios de sua fé religiosa, os sefaraditas foram obrigados a deixar o Recife, que havia sido retomado pelos portugueses; chegaram pobres e em busca de um refúgio.

Quando os passageiros do Saint Catherine desembarcaram na ilha de Manhattan, avistaram uma pequena vila. O centro era formado por cinco lojas, construídas com pedras e algumas dezenas de casas de madeira. Havia um cais para barcos, um galpão onde eram fabricadas velas para embarcações, uma padaria, um quartel militar e uma igreja, em cujos fundos ficava a casa do pastor e um celeiro, localizado na Pearl Street. Nas ruas que saíam da via comercial, porcos

e galinhas viviam soltos entre os habitantes. Um jesuíta francês, Isaac Jogues, calculou que a população estava em torno de 500 a 600 habitantes². No mesmo relato, o jesuíta afirmou que podiam ser ouvidas na colônia, ao todo, dezoito línguas diferentes, decorrentes do diverso número de imigrantes, ingleses, escoceses, franceses huguenotes, gauleses, alemães, além de outras minorias e dos escravos africanos.

A administração da cidade era constituída pelo Diretor-geral, dois prefeitos-adjuntos e uma comissão de juizes, que reunidos, formavam um corpo legislativo, chamado de “Magistrados”, como o existente em Amsterdã e baseado no direito romano-holandês. A diferença entre a colônia e a metrópole é que o governador da colônia, Peter Stuyvesant, cerceou o poder do governo municipal, impedindo a realização de eleições, e os dirigentes eram escolhidos por sua indicação.³ O sistema de burgos, amplamente utilizado na Holanda foi transposto para a colônia da América do Norte. Por este sistema havia o *grande burguês* e o *pequeno burguês*. O chamado “grande burguês” era um negociante proeminente, que contribuía para melhorias da cidade e em contrapartida recebia o direito de comerciar e de participar ativamente na administração política da colônia. O pequeno burguês era uma espécie de acionista minoritário e tinha direito também de atuar politicamente no conselho político municipal. Todos os pequenos artesãos candidatavam-se à posição, sapateiros, moleiros, pedreiros, alfaiates, chapeleiros.⁴ Esse sistema pode ser comparado ao modelo político do Brasil Colonial, que dava participação política nas Câmaras Municipais aos “Homens bons”.

² Jameson, J. E. *Narratives of New Netherland 1609-1664*. New York: Charles Scribner's sons, 1909

³ O direito romano chegou à Holanda através do Sacro Império, remontando aos governos dos césares e ao Código de Justiniano. Ver: J. W. Wessels, *History of the Roman- Dutch Law*; Jerrold Seymann, *Colonial Charters, Patents and Grants to the Communities Comprising the City of New York*

⁴ Maika, Denis. *Merchant of New Amsterdam*. Tese de Doutorado defendida em 1995 in Russel Shorto. *A Ilha no centro do mundo - A História épica da Manhattan Holandesa e da Colônia*

A sociedade de Nova Amsterdã era aristocrática, a elite era composta de grandes patronos, com direito a privilégios feudais e donos de extensas propriedades territoriais. Em seguida vinha o burguês mercador, que possuía navios que faziam o comércio com a África e a Europa, levava peles e rum, trazia marfim e escravos, em terceiro lugar os pequenos mercadores e por último a grande massa da população, composta por trabalhadores, pequenos lojistas, artesãos e agentes comerciais.⁵

Essa foi a colônia encontrada pelos refugiados da colônia holandesa do Brasil. Encontraram à sua espera, na chegada da fragata Saint Catherine no porto, dois *askenazitas* provenientes da Holanda de nome Jacob Barsimson e Solomon Pietersen.⁶

Sobre a presença desses dois homens naquelas terras, os historiadores que trabalham com o período aventaram várias hipóteses, baseados na carta que o reverendo John Megapolensis enviou a direção da Igreja Reformada de Amsterdã⁷. A primeira hipótese, e a mais provável, seria a de que esses dois judeus teriam sido enviados pelos líderes judaicos de Amsterdã. É interessante notar que Jacob Barsimson possivelmente era Jacob Bar Simson, mencionado em documento do Recife, em 31 de março de 1647, como morador da região. Chegou a Nova Amsterdã via Holanda, provavelmente para averiguar sobre a possibilidade do estabelecimento de uma colônia judaica na região⁸. A segunda hipótese supõe que teriam chegado a Nova Amsterdã para negócios. Uma terceira hipótese, defendida

Esquecida que formou a América. Ed. Objetiva. Rio de Janeiro, 2004 trad. José Roberto O'Shea.

⁵ Roosevelt, Theodore. *Stuyvesant and the end of Dutch Rule. 1647-1664*

⁶ Wiznitzer, A. *The Exodus from Brazil and Arrival in New Amsterdam of The Jewish Pilgrim Fathers, 1654*. American Jewish Historical Society, vol 44, 1954

⁷ Sobre esse assunto ver: Oppenheim, Samuel. *A contemporary Account of how the Jews came to arrive in New Netherland*. American Jewish Historical Society Foundation, 1926 ; Marcus, J. *The Colonial American Jew v.1*. Wayne State University Press. Detroit 1970 ; Stern, Malcom. *Portuguese Sephardim in the Americas*

⁸ Dag notulen, 31 de março de 1647 in Silva, Leonardo Dantas. *Zur Israel- Uma Comunidade judaica*

por Samuel Oppenheim, diz que a viagem de Barsinsom fazia parte de um plano para reforçar o domínio holandês na América do Norte. Uma vez que o Brasil já se havia rendido aos portugueses, Curaçao era somente uma pequena ilha, restando a Guiana Holandesa, que estava aberta para um assentamento e a região de Nova Amsterdã, que era espaçosa o suficiente e necessitava de mais colonizadores⁹. Não há provas da veracidade de nenhuma dessas hipóteses. Um indício da necessidade de povoamento da região é que em junho de 1654 a companhia colocou em dois navios, o *Pereboom* e o *Gelderse Bloom*, cinquenta crianças órfãs para ajudar no crescimento da população da ilha de Manhattan.¹⁰

No verão de 1654, Barsimson e Pietersen encontravam-se no navio *Peartree* e desembarcaram em Nova Amsterdã. Os dois askenazitas prestaram considerável auxílio aos vinte e três recém-chegados do Brasil.

A situação dos refugiados era lastimável, a maioria havia perdido todos os bens durante a viagem para a América do Norte e estavam envolvidos em dívidas com o pagamento da passagem. O capitão Jacques de La Motte cobrou 2.500 guilders pela passagem, mas os recém-chegados só tinham 900 guilders. Como garantia do restante, La Motte fez com que os líderes se responsabilizassem “*in solidum*” pela dívida do grupo.¹¹

Após a chegada, houve consecutivas discórdias entre o capitão e os passageiros. La Motte não tinha interesse em aguardar que os líderes judaicos entrassem em contato com a comunidade de Amsterdã, que era muito solidária,

no Brasil Holandês in O Brasil e os holandeses. Op. cit

⁹ Idem

¹⁰ David e Tamar de Sola Pool. *An Old Faith in the New World in Portrait of Shearith Israel 1654-1954*. Columbia University Press. New York . 1955

¹¹ Marcus, J. *The Colonial America Jew*. Wayne State. University Press. Detroit, 1970 v. 1

para saldar a dívida. Dessa forma, contatou as autoridades locais e processou os judeus pelo pagamento dos 600 guilthers.¹²

A sentença favorável ao capitão foi recebida com desânimo pelos refugiados. Os poucos objetos e móveis que permaneceram da difícil viagem foram retidos como garantia do pagamento da passagem, sendo posteriormente leiloados. Judite de Mereda (Mercado) e Abraham Israel presenciaram pessoalmente a venda de seus bens.

O leilão não foi o suficiente para cobrir todos os custos e o capitão apelou novamente à Assembléia, que determinou que David Israel e Moses Ambrosius (Lumbroso) fossem presos. Petersen serviu de advogado dos prisioneiros, e no fim de outubro o capitão e os marinheiros concordaram em esperar o dinheiro que viria de Amsterdã.¹³

O impasse terminou, mas o estado em que se encontravam os refugiados fez com que o governador local, Peter Stuyvesant, e seus conselheiros, Megapolensis e Drisius, comesçassem uma campanha contra a permanência do grupo.

Peter Stuyvesant, calvinista autoritário e anti-semita, mantinha o controle de sua pequena colônia afastado das vistas da Companhia das Índias Ocidentais. Encontravam-se isolados no Novo Mundo, rodeado por ingleses¹⁴. O assentamento holandês mais próximo ficava ao Norte do Rio Hudson. Suas ações eram mais direcionadas pela motivação religiosa calvinista do que pelos interesses da Companhia. Acreditava que a tolerância pela diversidade ameaçaria seu governo, que já havia recebido críticas da população local, mesmo antes da chegada dos

¹² Marcos. J. *The Colonial American Jew* v.1. Wayne University Press . Detroit , 1970

¹³ A Assembléia era uma espécie de conselho político colonial e câmara dos deputados, sistema que será mais bem explicado.

¹⁴ Kessler, Henry and Eugene Rachlis. *Peter Stuyvesant and his New York*. New York : Random House , 1959

judeus. Nessa ocasião, uma delegação de Nova Amsterdã e Long Island liderou um protesto contra a arbitrariedade do governo. A chegada dos judeus deu novo impulso à resistência contra os desmandos das autoridades locais e constituiu um desafio renovado à política restritiva de Peter Stuyvesant.

O cargo oficial de Peter Stuyvesant era o de Diretor–Geral. Tinha poder de elaborar leis e executá-las. Havia um conselho de nove homens, indicados por ele. Os chamados “nove homens” muitas vezes entravam em conflito com Stuyvesant, defendendo direitos da população, e enviavam relatórios à Holanda denunciando os rumos políticos da colônia. Peter Stuyvesant costumava tratar seus adversários e oponentes políticos com rigidez, enviando-os para a cadeia, sem direito a julgamento.

No início de sua carreira, Stuyvesant serviu a Companhia das Índias Ocidentais na ilha de Fernando de Noronha, a 320 quilômetros do litoral de Pernambuco. Depois foi transferido para Curaçao, com o cargo de “encarregado de suprimentos”, supervisionava fornecedores, corsários e comerciantes na rota Manhattan–Curaçao. Era um homem elegante, costumava vestir-se de acordo com a moda da aristocracia mercantil. Foi educado nos rígidos princípios calvinistas por seu pai, que era ministro da Igreja reformada. Perdera em batalha na ilha de San Martin, no Caribe, uma perna, fato que o levou a utilizar uma prótese de pau presa ao seu quadril por fios de prata. Chegou a Nova Amsterdã em 1647, com a missão de moralizar a colônia. Combateu o alcoolismo, os jogos de azar, as brigas de rua e as apostas em lutas. Para isso, impôs um governo despótico; costumava chamar a população de súditos.¹⁵ Para Stuyvesant, os judeus eram “odiosos inimigos,

¹⁵ Bayard Tuckerman. Peter Stuyvesant, Director- General for the West India Company in New Netherland ; Kessler, Henry and Eugene Rachlis. *Peter Stuyvesant and his New York*_New York : Random House , 1959

blasfemadores do nome de Cristo”, não eram cidadãos confiáveis, e poderiam “infectar” a colônia.¹⁶

Suas idéias eram compartilhadas pelo reverendo Johannes Megapolensis, representante dos ministros calvinistas e por Cornelis Van Tienhofen, o “Schout”, título holandês que somava as funções de xerife e promotor.¹⁷ Van Tienhofen era um homem conhecido por sua falta de escrúpulos pela forma como galgou sua carreira profissional. Dizia abertamente que não gostava de judeus, que sua perseguição seria implacável e se fosse necessário os utilizaria para ascender profissionalmente.¹⁸ Era capaz de negociar com líderes das tribos de nativos americanos locais ao mesmo tempo em que enviava seus homens para promover um massacre na mesma tribo.¹⁹

A xenofobia nessa pequena colônia não começou com esses homens. O antecessor de Stuyvesant, o diretor-geral Van Dincklagen já se expressava contra todos os estrangeiros. Limitou seus direitos no Forte Amsterdã em setembro de 1648 chamando-os de “destruidores do comércio”. A intolerância era o esteio dessa sociedade.²⁰

O governador Stuyvesant escreveu para a direção da Companhia das Índias Ocidentais pedindo a extradição dos judeus. Para justificar seu preconceito, alegou que os recém-chegados dependeriam da caridade da igreja local para suportar o

¹⁶ Idem“...That the deceitful race - such hateful enemies and blasphemers of the name of Christ- be not allowed further to infect and trouble this new colony”. Ver anexo – carta de Stuyvesant contra a permanência dos judeus na colônia

¹⁷ Ver Anexo: Carta do reverendo Megapolensis contra a permanência dos judeus

¹⁸ Huhner, Leon. Asser Levy : A noted Jewish Burgher of Amsterdam in Public at American Jewish Historical Society VIII (1900) v.8

¹⁹ Tinhoven desapareceu em 1656, foram encontrados somente seu chapéu e sua bengala boiando perto da praia. O fato se deu após aparecer em Manhattan na companhia de sua amante e de ser suspeito de adulterar os livros contábeis da companhia. Stuyvesant declarou morte por afogamento e encerrou o caso. O irmão de Tinhoven, que estava envolvido no caso da fraude contábil desapareceu no mesmo ano, e reapareceu um ano depois em Barbados.

²⁰ Os estrangeiros eram escoceses, franceses e ingleses de religião luterana e católica.

Marcus, J. New Netherland in The Colonial American Jew. V.2. Wayne State University Press. Detroit, 1970

próximo inverno e se usasse de condescendência com os refugiados do Brasil, teriam que abrir essa concessão a outros.

A Companhia das Índias Ocidentais se expressou sempre, desde Recife, em favor da tolerância aos judeus. Afinal eram seus colaboradores desde o Brasil e agora o eram na América do Norte. A Companhia, então, contestou as idéias do governador sobre a necessidade da igreja calvinista preocupar-se com o sustento dos judeus. Lembrou ainda, os danos causados à comunidade judaica na guerra de expulsão dos holandeses do território brasileiro. A permissão para o desembarque e permanência em Nova Amsterdã foi outorgada, Stuyvesant foi obrigado a aceitar os judeus.²¹

Desde a chegada dos refugiados do Brasil houve ruzgas e desavenças entre judeus e autoridades locais. A discriminação estendia-se da área religiosa para o setor social, e durante os dez anos em que os judeus estiveram sob o governo holandês em Nova Amsterdã, atitudes antijudaicas foram freqüentes.

Como o governador Stuyvesant não conseguiu impedir que os judeus permanecessem naquelas terras, sua estratégia foi dificultar sua sobrevivência através da negativa aos requerimentos da comunidade judaica e dos obstáculos impostos aos negócios. Suas atitudes eram direcionadas para tornar a vida dos judeus na cidade mais penosa, mesmo tendo consciência que algumas vezes, após apelação dos judeus à direção da Companhia, ele teria que rever suas decisões.²²

Após ser concedida a permissão para o assentamento judaico, o grupo de judeus concentrou todos seus esforços para que fossem aceitos como cidadãos.

²¹ Oppenheim, Samuel. The early History of the jews in New York. 1654- 1664. Some New Matter on the Subject in Public at American Jewish Historical Society v. XVIII , 1909

²² Marcus. Op. Cit.

A compra de propriedades foi outro obstáculo enfrentado pelos judeus. Salvador Dandrada, um dos homens mais importantes daquela comunidade, tentou por um ano comprar um terreno para construir sua casa, mas sempre havia um algum impedimento. Em dezembro de 1655, adquiriu um imóvel no lado oeste da ilha, (Broad Street), que já alugava há algum tempo do proclamador da cidade, Teunis Cray. A compra foi impugnada pelo governador e Conselho Administrativo Colonial. Cray viu seu lucro se esvaindo, porque com a impugnação do negócio teria que colocar novamente a casa à venda por um preço menor ao negociado anteriormente. Após as tentativas de compra de moradia, Salvador D'Andrada reuniu argumentos contra Stuyvesant para encaminhar uma reclamação formal à Câmara de Amsterdã. Acreditava que com a pressão da Câmara, Stuyvesant teria que rever sua posição. Esse caso teve grande repercussão, pois as reclamações que antes provinham somente dos judeus estenderam-se para os outros habitantes da ilha de Manhattan²³.

Os sefaraditas, revoltados com a dificuldade de adquirirem um teto, lançaram mão dos mais diversos argumentos, lembrando às autoridades locais que os judeus pagavam impostos sobre a terra, além de taxas que serviam para a construção de benfeitorias públicas, como a construção do forte que servia de proteção contra os índios, e sendo assim, deveriam ter o direito de adquirir imóveis.

A resposta do Conselho Colonial era que os impostos pagos revertiam para o bem de todos e, portanto, seu pedido seria negado. O caso foi então levado às autoridades de Amsterdã por Abraham Lucena e Salvador Dandrada, que conheciam seus direitos de acordo com as leis holandesas. A comunidade judaica de Amsterdã pressionou, por meio da ação política e ganhou a causa²⁴. Os

²³ Idem nota 4

²⁴ ver nota 4

superiores de Stuyvesant lembraram-lhe o preceito legal de que “toda pessoa gozará de liberdade religiosa” e ressaltaram o investimento de judeus na Companhia das Índias Ocidentais. Foi dada ordem para que o governador permitisse aos judeus praticar o comércio e comprar imóveis²⁵.

Para a Companhia, algumas restrições eram aceitáveis, como a proibição de abrir lojas, formar organizações cívicas e fabricar manufaturas que eram restrições também impostas na Holanda. Os judeus deveriam dirigir seus negócios pacificamente e praticar sua religião no silêncio de suas casas, sem chamar atenção, como ocorria na Holanda.

Para resolver o problema, o governo sugeriu a construção de um bairro judaico, onde pudessem cultivar sua própria subsistência, como em um gueto medieval, ficando isolados da sociedade calvinista²⁶. O bairro ficaria ao redor da White Hall Street, bem ao sul da ilha de Manhattan, onde hoje fica a zona financeira.

Através do primeiro senso realizado em Nova Amsterdã, em 10 de julho de 1660 pelo xerife Nicasius de Sille, podemos verificar que esta determinação não foi cumprida, uma vez que o mercador judeu Abraham Lucena alugava a casa de Rutger Jacobsen, próxima do secretário-geral Domine Megapolensis na Slyck Street (Muddy Lane) e vizinho do holandês Jan Reyndersen. A última casa da Mill Street era a taverna do gaulês Adrien Vicent. Não havia nenhum outro judeu nessa rua, portanto os historiadores concordam que não havia um gueto. Havia, entretanto, um quarteirão judaico, onde David Ferera tinha financiado um imóvel pertencente à esposa de Claus Jansen Ruyter e era localizada na Pearl St. entre a

²⁵ idem

²⁶ Drucker, Erna. *Jewish Settlers in New Amsterdam and Early New York. 1654-1825. A Selected Annotated Guide to Source Materials*. New York: City College of New York, Master of Library Science Thesis at Queens College, 1984

Marketfield St. e North River. Vizinho a David Ferera estava a casa de José da Costa, do lado oeste da Stone St., entre a Pearl e a Beaver St. Salvador d'Andrada habitava na esquina da Broad com a Stone St.²⁷ A Mill Street ficou conhecida por “*Jews Alley*”, ou seja, beco dos judeus.

Assim, em 1660 os judeus de Nova Amsterdã não eram confinados em um gueto estilo europeu.²⁸

Era uma comunidade onde os preceitos religiosos protestantes calvinistas eram soberanos no modo de pensar e no comportamento moral, econômico e social das pessoas. Até mesmo os cristãos que discordavam em algum aspecto do governo ou da igreja eram expostos a grande violência e colocados à margem da comunidade.

A acirrada perseguição de Stuyvesant levou alguns sefaraditas a procurarem outras terras em direção ao Caribe, Holanda e Inglaterra.

Outro obstáculo que os judeus tiveram que superar foi a cobrança de taxas e impostos direcionados exclusivamente à comunidade judaica. O primeiro imposto referia-se a proibição ao acesso ao exército da colônia; como não lutariam na defesa das terras holandesas deveriam pagar uma taxa de 65 stivers²⁹. Um ano depois, em 1656, Asser Levy entrou com uma ação no tribunal contra uma medida que impedia os judeus de participarem da milícia local, e por isso, em troca do serviço militar deveriam pagar também um imposto especial³⁰. Levy e Barsimson não queriam pagar a taxa, mas se dispunham a prestar o serviço militar, que consistia em montar

²⁷ Oppenheim. *Early History of the Jews in New York*. Op. Cit.

²⁸ Nicassius de Sille, List of the houses of New Amsterdam, July, 10, 1660 in *New Netherland Papers*. New York Public Library, Manuscripts Division.- ver anexo

²⁹ Em julho de 1655, o governador recebeu uma ordem para atacar os suecos que estavam no Delaware, e a dúvida era deixar ou não os judeus se alistarem. Em agosto de 1655 a decisão foi que eles não poderiam se alistar e por isso deveriam pagar uma taxa de 65 stivers.

³⁰ Fernow, B. *Documents relating to the History of The Early Colonial Settlements*. Albany, NY. Parsons and Company, 1883

guarda no forte da cidade³¹. O problema não era o dinheiro, mas o que isso significava.³² Participar da milícia representava ser aceito como cidadão, fazer parte da sociedade local exercendo os mesmos direitos e deveres.

O governador justificou seu veto, dizendo que os homens da milícia sentiriam aversão e desagrado diante da possibilidade de servir ao lado de homens da nação judaica.

Os ataques indígenas eram freqüentes em Manhattan, por isso a necessidade da milícia e da construção de novos fortes de defesa. Após o famoso ataque dos índios, em setembro de 1655, onde casas foram queimadas e em torno de 20 colonos foram mortos em Staten Island, episódio que ficou conhecido na história como “A Guerra do Pêssego”, em outubro de 1655 uma taxa foi imposta aos habitantes de Nova Amsterdã em prol da construção de um forte em defesa dos ataques indígenas.³³ Dos 6305 guilders coletados por Levy de 230 pessoas, 8 eram judeus. Isso significa 3.5% da população taxada. Os judeus pagaram 12% do montante, cinco dos oito judeus eram mercadores que pagaram 100 guilders cada um. Somente cinco não judeus pagaram acima desse montante, Stuyvesant, quatro capitães de navio e outros dez cristãos pagaram a mesma quantia de 100 guilders.³⁴ Além da taxa, por razões de segurança, o conselho municipal ordenou que ninguém teria permissão para afastar-se do litoral sem um passe e mesmo quando fosse conferida a permissão as pessoas não deveriam viajar sozinhas. Resolução que

³¹ Ver: Huhner, Leon. Asser Levy : A Noted Jewish Burgher of Amsterdam ; Marcus, J. The Colonial American Jew; Kohler. Max. Civil Status of the Jews in Colonial New York in American Jewish Historical Society v. VI , 1897

³² Sempre que a cidade era atacada por índios, os judeus doavam cem “*guilders*” cada um, o que era bastante, já que somente mais umas quatro pessoas da cidade podiam doar essa quantia.

³³ Shorto, Russel. *A Ilha no Centro do Mundo*. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2004. Trad. José Roberto O’Shea. Quando os índios entraram pelo sul da ilha de Manhattan e invadiram as ruas disparando flechas e em Staten Island chegaram a queimar casas e matar pessoas, devido a uma investida militar de Stuyvesant contra os Suecos, parceiros comerciais dos índios minquas há dezessete anos. O nome se dá a uma tentativa de explicar o ataque, dando como causa um incidente ocorrido, quando um holandês matou uma índia acusada de roubar pêssegos.

dificultava ainda mais o desenvolvimento do comércio interno, setor disputado por judeus.

O que aquela terra oferecia era uma vida colonial simples, em uma cidade remota, com cidadãos intolerantes. Desde o primeiro momento de sua chegada em Nova Amsterdã, todos os judeus lutaram para alcançar igualdade econômica e tolerância religiosa.

A luta judaica por igualdade continuou por dez anos no governo holandês na América do Norte. Em 1664 os ingleses tomaram a cidade, que contava então com 1.500 habitantes, dentre estes em torno de 60 judeus. Pelo acordo de rendição ficou estabelecido que os habitantes gozariam de liberdade religiosa. A aristocracia composta pelos holandeses, huguenotes e ingleses não sofreu alteração. Os ingleses tiveram grande influência no governo holandês de Stuyvesant, na medida em que um terço da população de Nova Amsterdã era de origem inglesa. Por outro lado, após a rendição e o governo inglês estabelecido, os mercadores holandeses continuaram participando do conselho administrativo³⁴. Apesar da troca do poder governamental as lideranças mantiveram-se, a aristocracia composta de empresários e mercadores recebeu apoio do novo governo. A nomenclatura dos cargos foi alterada, mas as suas funções foram preservadas. Novos segmentos societários chegaram à colônia e presbiterianos da Escócia, puritanos e irlandeses, ferrenhos opositores episcopais, juntaram-se aos judeus na liderança do partido popular de oposição ao governo.

³⁴ O'Callaghan. *History of New Netherland* in Documents Relative to the Colonial History of the state of New York. V. 1

³⁵ Roosevelt, Theodore. "New Amsterdam becomes New York. The Beginning of English Rule. 1664-1674" in *A Sketch of the City's Social, Political and Commercial Progress from the first Dutch Settlement to Recent Times*. New York : Charles Scriber's Sons, 1909

Nova Amsterdã tornou-se então Nova Iorque, onde apesar de um governo influenciado pelas idéias progressistas, a luta pela construção democrática e inserção judaica prosseguiu.

A política restritiva aplicada aos judeus sob o governo holandês e durante o começo do período da administração inglesa era comparável à política vivenciada por várias comunidades judaicas em diferentes partes da Europa no século XVII.

Durante esse período, os judeus na América do Norte permaneceram essencialmente um grupo de imigrantes estrangeiros. Somente após 1740, com a proclamação da Lei de Naturalização Imperial, esse status pôde ser aos poucos alterado, e abriram-se para os judeus oportunidades econômicas ilimitadas nas províncias americanas e no império inglês.³⁶

Mas, igualdade civil não é igualdade política. Eles eram excluídos da política, não tinham direito de participar do Parlamento ou do conselho da província, tampouco podiam ocupar cargos públicos civis ou militares.³⁷ Para que recebesse o direito à naturalização, a pessoa deveria fazer um juramento, que incluía a frase “através da verdadeira fé cristã”. Isso excluía dos judeus o direito de se tornarem cidadãos. Em 1753, a comunidade judaica de Londres pressionou o Parlamento para que fosse promulgada uma lei que desobrigasse os judeus a incluir essa frase na cerimônia de naturalização. Essa lei ficou conhecida como “Jew Bill”, mas permaneceu em vigor somente por um ano, devido a extensa reclamação por parte dos protestantes. A saída para os judeus foi a *denization patent*, que conferia ao portador direitos limitados, como o de compra e transferência de terras. Podemos

³⁶ Marcus, op. Cit. A Lei de Naturalização Imperial de 1740, garantia a todos os estrangeiros protestantes e outros, com exceção dos católicos, o direito de cidadania. Esse direito estendia-se a Inglaterra e suas colônias. Para adquirir esse direito deveria ser paga uma taxa de dois shillings.

³⁷ Ver: Huhner, Leon. Asser Levy : A Noted Jewish Burgher of Amsterdam ; Marcus, J. The Colonial American Jew; Kohler. Max. Civil Status of the Jews in Colonial New York in American Jewish Historical Society v. VI , 1897

perceber então que na área econômica os judeus tiveram grandes avanços, mas na política as restrições se mantiveram. Somente após a guerra pela independência norte-americana, os judeus puderam alcançar sua plena cidadania. A constituição dos Estados Unidos passou a garantir os princípios de igualdade e liberdade a todos, independentemente de seu credo religioso.³⁸

Quando o presidente George Washington decretou 26 de novembro como o dia de Ação de Graças no ano de 1789, desfiles espalhados pelo país saíram em comemoração, e entre as diversas mesas de alimentos expostas, havia uma com alimentos kasher. Os judeus eram não mais uma minoria tolerada, mas cidadãos norte-americanos. Essa foi a primeira vez na história que os judeus da diáspora foram considerados iguais aos seus companheiros não judeus. Iniciou-se assim uma nova era para os descendentes dos judeus do Brasil na América do Norte.³⁹

³⁸ Idem.

³⁹ Angel, Marc D. A Portrait of America's First Jewish Congregation- Shearith Israel, Riverside Company Book Inc.pp.39

2. Extratos de uma vida: O pioneiro Asser Levy

Asser Levy ou Asser Levy Van Swellem estava entre os vinte e três pioneiros que desembarcaram do navio Saint Catherine no porto de Manhattan, vindos do Brasil, na primavera de 1654. Em Recife, Pernambuco, serviu na milícia holandesa que lutava contra os portugueses para manter o território. Por vezes utilizou acrescido ao seu sobrenome - Van Swellen, por ter nascido em Westphalia, na cidade de Schwelm.

Chegou a Nova Amsterdã muito jovem, sem recursos, e sua história repete a de muitos imigrantes americanos, que passado algum tempo de muito trabalho, alcançaram uma posição social confortável. Seu sucesso foi obtido após uma intensa luta contra a discriminação. Tornou-se um dos maiores líderes da comunidade judaica de Nova Amsterdã.¹

Sabemos que logo na primeira semana após seu desembarque, em 14 de setembro de 1654, envolveu-se em um processo judicial com a viúva Ricke Nunes, referente a um empréstimo que Levy lhe teria feito na Jamaica, durante o percurso para Nova Amsterdã. Ao mesmo tempo foi processado pelos marinheiros do navio Saint Catherine pela dívida referente à passagem. Chegou a ficar preso por alguns dias, mas foi liberado em seguida, após o capitão do navio retirar a queixa.

Após residir em Nova Amsterdã por algum tempo, Asser Levy, tendo herdado a habilidade do “suposto pai” Benjamim Levy, que foi *shohet* da colônia holandesa do Recife, tornou-se um especialista em preparar a carne de acordo com as leis dietéticas judaicas.² Não temos provas se Asser Levy era realmente filho de

¹ Huhner, Leon. *Asser Levy: a noted Jewish Burgher of Amsterdam*. Publication American Jewish Historical Society VIII(1900)p. 9-23

² Sobre a veracidade da informação (teoria defendida por Wiznitzer) de ser Benjamim Levy o pai de Asser Levy, Leo Hershkowitz questiona dizendo que não há provas desse fato, além de afirmar que o

Benjamim Levy do Recife Holandês. Apenas sabemos que ele viveu durante alguns anos na colônia do Recife prestando serviço militar à Companhia das Índias Ocidentais.³ Podemos afirmar também que a profissão de *Shohet* era passada de pai para filho, ou de tio para sobrinho e que há uma probabilidade de que tenha acontecido isso na família Levy, na medida em que seu sobrinho, anos mais tarde, herdou a profissão do tio.

Alguns anos após a chegada de Asser Levy a Nova Amsterdã, no ano de 1660, obteve uma rara licença de açougueiro e organizou um abatedouro fora dos muros da cidade. Inaugurou uma loja de carnes, onde hoje fica o extremo leste de Wall Street, fora do muro da cidade, obedecendo a uma lei de 1677, que determinava que todos os matadouros de animais deveriam ser localizados além dos limites urbanos⁴. O ofício de açougueiro era a única atividade artesanal permitida aos judeus.⁵ Levy acabou diversificando seus negócios, participou do comércio de peles no Vale do rio Hudson. Foi agente comercial, estabelecendo relações de exportação e importação com as colônias holandesas no Caribe e mais tarde com as colônias britânicas no Caribe. Sem ser diplomado oficiava como advogado em causas jurídicas.

Em 1661, logo após os judeus receberem o direito à propriedade, Levy adquiriu, para fins lucrativos de especulação imobiliária, um imóvel em Albany, e em

personagem nasceu em Vilna. Neste trabalho concordarei com Wiznitzer, pois o ofício de Asser Levy e Benjamin Levy era o mesmo, por tradição transmitido de pai para filho ou de tio para sobrinho; em Pernambuco só havia um *Shohet*, que era Benjamin, há uma grande probabilidade de Asser Levy ter levado consigo o ofício familiar para Nova Amsterdã. Sobre isto ver: Asser Levy- The New York Genealogical and Bibliographical records v. 2, 1971; Hershkowitz, Asser Levy and the inventories of Early New York Jews; Hershkowitz, New amsterdam's twenty-three jews- myth or reality; Huhner, Asser levy: a noted Jewish Burgher of Amsterdam

Shohet é um especialista em abater os animais de acordo com as leis dietéticas judaicas.

³ Stryker-Rodda, Harriet. Asser levy in the New York Genealogical and Biographical Record vol. 102 nº3. New York: New York Genealogical and Biographical Society, 1971

⁴ O matadouro ficava na esquina sudoeste de Wall and Pearl Street e o açougue na esquina nordeste da Wall com a Pearl Street *in* Marcus, op. cit

1662 adquiriu terras em *South Willian St.* Nessa mesma rua foi construída a primeira sinagoga. Há suspeitas que tenha sido erigida exatamente no terreno de Levy.

As disputas por direitos civis foram encabeçadas muitas vezes por este personagem. Nenhum outro judeu parece ter se envolvido em tantos processos, sempre como reclamante. Assinou os litígios pelo direito de montar guarda no Forte da cidade e deixar de contribuir com uma taxa específica aos judeus que não serviam como sentinelas na defesa da vila, pelo direito ao status de burguês e pelo direito de comerciar em Fort Orange. Processou Nicholas Bayard, parente de Stuvesant e importante político e denunciou Johannes La Montaigne, escriturário da colônia. Já sob o domínio inglês, protestou contra a administração colonial que impunha uma taxa de 2 florins por semana para amparar os soldados ingleses. Examinando os processos nos quais esteve envolvido, podemos concluir que era um homem com alto senso de justiça e de natureza inconformista.

Na década de 1660, Asser Levy era considerado um dos mais ricos habitantes da região, emprestando fundos à cidade para que fosse feita a reconstrução de muros e palisades. Teve sua grande contribuição à comunidade de Nova Amsterdã reconhecida, sendo o primeiro judeu da América do Norte a receber o título de Grande Burguês.⁶

Em 1665, Nova Amsterdã mudou de nome, passando a chamar-se Nova Iorque, após a tomada do território pelos ingleses. A comunidade judaica, tinha se reduzido a poucas pessoas, em torno de 55, mas a influência social e a importância econômica de Asser Levy cresciam entre judeus e cristãos. Anos antes da famosa Rebelião de Leisler's, seus desafortunados líderes - Joannes de Peyster e Jacob

⁵ O ofício de açougueiro era a única atividade permitida aos judeus devido a obediência à dieta Kasher. Um produto Kasher é um alimento que foi preparado de acordo com as leis judaicas

Leyler, procuraram Levy para discutir sobre a política colonial inglesa, as conseqüências dos Atos de Navegação ao comércio colonial e a prepotência da assembléia eletiva anglo-holandesa.⁷

Sob a coroa britânica expandiu seus negócios para a região de Westchester, em Nova Jersey e Long Island. Em 1678, suas propriedades chegaram a valer em torno de 2500 florins. Dentre seus diversos negócios, possuía uma taverna localizada na Pearl Street, onde era sócio do holandês Garret Jansen Rose, importante figura da sociedade protestante. A taverna tinha pertencido ao holandês Daniel Litscho, sargento da Companhia das Índias Ocidentais que serviu no Brasil em 1646.⁸

As relações de Levy com os vizinhos cristãos tornaram-se cada vez mais estreitas, e em 1670 foi apontado como protetor dos filhos do holandês Wessel Evestsen, que nos anos anteriores lhe havia vendido uma propriedade na 59 Stone Street, donde resultou uma profunda amizade. Wessel aparentemente passava por uma crise financeira e necessitava de um guardião para seus filhos.

Em 1671 quando luteranos construíram sua primeira casa de orações, Asser Levy lhes emprestou uma considerável quantia. Sua honestidade e integridade permitiam uma excelente relação com os protestantes. Tinha muitos amigos entre cidadãos não judeus e seu nome aparece como executor de diversos inventários de cristãos. No mesmo ano, foi convidado a ser membro do júri de um processo, honra

⁶ Marcus, op. Cit.

⁷ A Rebelião de Leisler's defendia a idéia de que a submissão da colônia não era natural e a política do rei Jaime II não estava de acordo com os interesses da colônia, especialmente em relação ao Ato de Navegação inglês. Em 1689, os rebeldes tomaram a assembléia eletiva e o capitão da milícia de Nova Iorque, Jacob Leisler, se autoneomeou governador. Os líderes tinham o apoio dos artesãos e trabalhadores holandeses. Seu governo durou de 1689 – 1691, quando as tropas inglesas retomaram o poder e condenaram seus líderes à força.

⁷ O Ato de navegação foi instituído em 1651 por Oliver Cromwell, decretava que a partir desta data, o comércio com a Inglaterra só poderia ser feito por navios ingleses.

⁸ Hoje 125 Pearl com 65 Wall street

usualmente restrita à elite protestante, sendo que um dos acusados era o ex Diretor-Geral Peter Stuyvesant, o mesmo homem que havia tentado de diversas formas impedir seu desembarque em Manhattan, em 1654. Um ano depois, em 1672, Levy foi nomeado Curador do Estado de Jan Copal, governador de Nova Iorque.

Levy atuou como advogado em diversos litígios, que serão melhor detalhados no capítulo sobre a economia, mas além de advogado serviu nos tribunais como homem de confiança da corte local. Em uma disputa por mercadorias entre dois cristãos Thomas Willians e Edward Smith, Levy foi o escolhido para guardar os objetos de discórdia até o juiz chegar a uma sentença.

Tornou-se um nome respeitado em outras colônias holandesas e inglesas. Mas o fato de manter boas relações com os protestantes, não o impediu de continuar seu trabalho na comunidade judaica. Quando Jacob Lucena, que chegou a Nova Amsterdã em 1655, foi preso por não abrir seu estabelecimento comercial no sábado, Levy interveio junto às autoridades e Lucena foi liberado.⁹

Asser Levy casou-se com Miriam Israel e teve um filho. O casal habitava uma casa na Mill Lane Street com a Stone Street. Eram admirados por sua elegância, o marido andava com casaca de veludo preto e cinturão de espada em prata. Apesar de ser proibido a todos os cidadãos carregar armas na cintura, homens de prestígio social tinham essa liberdade, a milícia fazia vista grossa. A esposa de Levy, Miriam, usava jóias em ouro e andava sempre acompanhada de um menino escravo africano para seus serviços.¹⁰

A irmã de Levy chamava-se Raquel, era casada com o judeu holandês Valentine Vanderwilde e teve dois filhos. O filho dela, Simon Valentine, trabalhou

⁹ Marcus, The American Colonial Jew. Op. cit

¹⁰ Huhner, Leon. *Asser Levy : A noted Jewish Burgher of Amsterdam* in Publications American Jewish Historical Society VIII (1900) v.8

com o tio aprendendo o ofício de *Shohet*, abatedor de animais e no ano de 1701 tornou-se um respeitado e realizado mercador em Charleston, Carolina do Sul.¹¹ A filha, Rebecca, casou-se com o judeu holandês Asher Michaels e teve 4 filhos, duas meninas e dois meninos. Suas duas filhas Raquel e Richea casaram-se com dois irmãos, Samuel Levy e Moses Levy, prestigiados mercadores judeus, recém-chegados da Inglaterra que se tornaram os fundadores da comunidade judaica da Filadélfia. Mantinham ligações comerciais com seus parentes em Londres e organizaram uma agência de negócios. A filha de Richea e Moses Levy, chamada Abgail casou-se com Jacob Franks, judeu proveniente também da comunidade londrina e juntos formaram o clã Levy–Franks, e através de seus descendentes pôde perpetuar-se a linhagem de Asser Levy até os dias atuais.¹² Jacob Franks foi enviado a Nova Iorque para comandar os negócios da família e estreitar as relações entre os parentes da América do Norte. Essa família mantinha através de endogamia uma complexa rede de negócios e construiu uma grande fortuna. Abgail Franks deixou uma grande contribuição para os historiadores que trabalham o período com as correspondências com seus filhos, que estudavam na Inglaterra.¹³

Levy permaneceu em Nova Amsterdã até sua morte em 1682. Morreu cedo, aos 43 anos aproximadamente, e acredita-se que seu funeral tenha sido realizado no primeiro cemitério judaico, cuja localização nos é desconhecida. Deixou grande fortuna para seu filho e sua esposa que ficou responsável pela administração de seus bens. No seu inventário, entre finas relíquias encontravam-se lamparinas, taças

¹¹ O ofício de *Shohet* era destinado a matar animais de acordo com as dietéticas judaicas

¹² Stern, Malcolm. *First American Jewish families- 600 Genealogias-1654-1988*. Fellow American Society of Genealogists. Genealogist, American Jewish Archives. Ottenheimer Publishers, Inc. Baltimore, Maryland

¹³ Ver : Marcus, *American colonial Jew*. VI. I p. 600, v. II p. 279 –280 ; Hershkowitz, Leo . *Dutch notarial records pertaining to Asser levy, 1659-1692*. (Part Three: New Documents for the study of American Jewish History). *American Jewish History*- September 1, 2003

de vinho de Shabat e livros litúrgicos em hebraico, demonstrando ter sido um homem religioso, que cultivava suas raízes judaicas.¹⁴

A viúva de Levy, Miriam, se mudou para Amsterdã, onde se casou novamente com um homem de vinte e nove anos, que possuía o mesmo nome do primeiro marido, Asher Levy, o qual, segundo o historiador Leo Hershkowitz poderia ser sobrinho ou primo de Asher Levy de Nova Iorque.¹⁵

No dia 23 de dezembro de 1684, seu filho Samuel casou-se com uma moça chamada Margarete. O neto de Asser Levy, filho de Samuel, herdou o nome do avô, e durante a Revolução Americana aparece na lista de nomes dos soldados que defenderam Nova Jersey¹⁶. Seu sobrinho-bisneto, David Franks, participou da Revolução Americana pelo estado da Pensilvânia.¹⁷

Em 1955, o jovem Asser Levy que deixou o Recife e buscou refúgio e oportunidades em Nova Amsterdã, teve seu pioneirismo reconhecido pelas autoridades políticas de Nova Iorque. Foi homenageado na ilha de Manhattan, onde dois quarteirões da Amsterdam Avenue foram renomeados Praça Asser Levy ou "*Asser Levy place*".¹⁸

¹⁴ Shabat, o sábado é o dia sagrado para o judeu. Lamparinas ou vela são acesas na sexta-feira antes do pôr-do-sol e é feita uma reza com vinho e pão

¹⁵ Hershkowitz, Leo. Dutch notarial records pertaining to Asser Levy, 1659-1692. (Part Three: New Documents for the study of American Jewish History). American Jewish History- September 1, 2003

¹⁶ Records of Connecticut (1717-1725) pp 423, 488, 576, 577

¹⁷ Marcus, op. cit

¹⁸ Rabi Marc. Angel. Remnant of Israel. Op. cit

3. “Os Indesejáveis”

Nova Amsterdã era uma colônia constituída por imigrantes. Cada grupo de imigrantes não-judeus trazia internamente um profundo anti-semitismo herdado da judeofobia medieval. Cada cristão que cruzou os mares em direção à América do Norte trouxe com ele uma bagagem invisível, na qual os judeus eram o povo culpado pelo crime da crucificação.

Os governantes diziam que a população considerava os recém-chegados judeus, pessoas repugnantes, seres inferiores e cidadãos de segunda classe.

O século XVII foi uma época em que mesmo nos países que se orgulhavam de ter liberdade de consciência, como era o caso da Holanda, não se cogitava em participação e igualdade política judaica. Em países relativamente liberais os judeus viveram a exclusão, em algumas cidades eram obrigados a contribuir com o pagamento de taxas extras, além de sofrerem com a violência verbal e física.

O preconceito era regra, a tolerância e o respeito eram exceção. Quando havia tolerância, esta era imposta pelos diretores da Companhia das Índias Ocidentais ou pelos representantes dos Estados Gerais. O preconceito e a discriminação partiam principalmente do governo colonial. Tinha suas bases na concorrência econômica, mas a esfera religiosa ocupava um lugar de destaque na mentalidade dessa elite colonial que se considerava ameaçada por outras minorias religiosas.

No caso da colônia holandesa da América do Norte, a população não era melhor que os comandantes. Se um negociante judeu prosperasse em sua terra era porque algum cristão teria servido de patrono para ele.

Usualmente o termo “judeu” era usado como forma de repreensão ou agressão, mesmo quando não havia judeus envolvidos. Diversos são os processos judiciais que o confirmam. Em um deles o cristão Gisbert Van Imbrough acusou outro cristão Altjen Sybrants de tê-lo chamado de judeu. A defesa de Sybrants alegou que o réu só se defendeu, uma vez que Van Imbrough o havia chamado de monte de esterco.¹

Em outro caso, Joannes Vervelen durante um processo judicial, voltou-se para José da Costa, que estava presente e disse que “pessoas do seu tipo são todos trapaceiros”. Quando Vervelen foi cobrado pelo insulto a da Costa ele negou.²

Diferente da colônia holandesa do Brasil, onde o preconceito partia dos predicantes calvinistas e do governo e a população não compartilhava do sentimento, em Nova Amsterdã povo e dirigentes carregavam em si forte preconceito, eram hostis a todos os concorrentes e costumavam agredi-los chamando-os de otários e judeus.

David Ferera foi vítima desse sentimento. Foi processado por tirar um baú da casa de um oficial sem o consentimento deste, a gravidade do processo deve-se ao fato do réu ter usado palavras “inapropriadas”, com o detalhe de não falar bem o holandês. O xerife arbitrou a prisão de Ferera sem direito a fiança, em multa, açoite público e a expulsão da colônia. A primeira sentença ordenou o pagamento de uma multa de 800 guilders. O réu entrou com recurso e pediu um intérprete, papel esse desempenhado por José da Costa. A decisão final foi levada a júri que o multou em 120 guilders mais 50 guilders para cobrir os custos do processo e terminou dizendo que os judeus não eram bem-vindos, podendo partir quando quisessem. Ficou claro

¹ Marcus, J. American Colonial Jew. Op. Cit. v. I

² Idem

que as duras recomendações do xerife e a pesada multa tinham sido motivadas por um preconceito antijudaico.³

Havia um conjunto de leis, chamadas de “Estatuto do Senhor”, relacionadas ao comportamento religioso na colônia. A “Lei do Domingo” proibia trabalho, viagens e atividades recreacionais aos domingos. A “Lei da Blasfêmia” afirmava ser ilegal a negação da Santíssima Trindade e a não aceitação de Jesus como o Messias. As penalidades para quem violasse a lei eram rigorosas, poderia ser prisão, açoite ou até a morte, dependendo do caso. Se um judeu, ao explicar sua fé a um cristão negasse o Novo Testamento ele poderia ser preso.⁴

Abraham de Lucena foi processado por vender mercadorias durante o sermão de Domingo. Van Tienhoven, o promotor pediu que a corte lhe desse uma multa de 600 guilders, muito maior que a multa regulamentada para esse crime, além de ter sua licença comercial caçada. Como Lucena era recém-chegado e não conhecia as regras acabou sendo liberado com uma advertência.

Jacob Lumbroso foi indiciado por blasfêmia e durante seu julgamento foi misteriosamente absolvido, uma das hipóteses seria de que ele teria cedido ao batismo. Em setembro de 1663, na mesma época do processo de Jacob Lumbroso, um homem de nome John Lumbrozo foi indenizado em um processo judicial, aparentemente o mesmo processo com o nome anglicanizado. No ano seguinte Lumbroso serviu de júri em outro processo judicial, privilégio concedido apenas a cristãos.⁵

Conflitos entre cristãos e judeus decorrentes da guarda do sábado foram muitos, mas no prazo de três anos os burgomestres reconheceram o significado do

³ Idem

⁴ Feldstein, Stanley. *The land that I show you- Three centuries of Jewish Life in America*. Anchor Press/ Doubleday. Garden City, New York, 1978

⁵ Marcus, op. Cit.

sábado para os judeus. Quando Jacob Barsinsom não apareceu na corte para responder a dois processos contra ele, não houve represália já que a convocação deu-se no Sábado.

Elias Silva foi processado por ter tido relações carnais com uma negra, escrava de outro homem; foi preso, mas as acusações foram retiradas e ele libertado.⁶

Em uma colônia extremamente fechada em seus princípios religiosos, todos aqueles que não dividiam as mesmas crenças eram vistos com desconfiança. Por isso havia resistência da população, no cotidiano, contra os judeus; havia reclamações sobre a presença deles no comércio, que antes era exclusivo dos cristãos, diziam que as lojas judaicas não abriam aos sábados, e que os judeus, após conquistarem o direito, serviam de guardas no forte da cidade junto com os outros cidadãos.

Entre a população existia o medo de que viessem mais judeus do Brasil para concorrer com o comércio local. Os judeus tinham facilidade para o comércio internacional por conhecerem várias línguas e terem amigos em diferentes partes do mundo, daí sua vantagem natural nos negócios. Havia o medo também de uma cultura diferente da que eles estavam acostumados, com costumes algumas vezes estranhos.

Um judeu com ambições políticas deveria converter-se ao Cristianismo ou nunca alcançaria o posto desejado. O que os judeus procuravam não era política, mas direitos religiosos e sua vitória pela tolerância religiosa seria também a vitória de outras minorias.

Em 1655, mais judeus chegaram a Nova Amsterdã, e com o crescimento do número de pessoas cresceu também a antipatia. Megapolensis escreveu várias

cartas para a “Classis” prevenindo do perigo dos judeus construírem uma sinagoga; em uma das cartas diz o seguinte: “Nós gostaríamos de pedir sua intervenção junto aos diretores da companhia para que esses sem Deus, que não trazem nenhum benefício ao país, nos olham para seu lucro próprio sejam mandados para longe daqui”⁷

Naquele mesmo mês Stuyvesant já havia escrito várias cartas dizendo que havia recusado diversas petições dos judeus quanto a prática “abominável” de sua religião.

No governo inglês, o sentimento antijudaico não sofreu grande alteração. Manifestações explícitas por parte da população aconteceram, em 1752, após a exibição da peça de teatro “O Mercador de Veneza” que foi apresentada em Nova Iorque, Virgínia, Charleston e Filadélfia. Outras obras foram representadas no teatro transmitindo a concepção européia da vida judaica. As peças exploravam o tema do judeu vilão, “Fashionable Lover” de Richard Cumberland’s, “The Belle’s Stratagem” de Hannah Cowley’s, reavivou o esteriótipo do judeu demoníaco, “The Young Quaker”, cujo personagem judeu Shadrach Boaz foi descrito como o judeu mais repugnante dos palcos.⁸

O teatro e a literatura contribuíram para a difusão da imagem antijudaica. Um exemplo desse sentimento pode ser verificado em um verso contido em carta escrita por John Malcolm e endereçada ao general Horatio Gates em 1790 do Fundo de Débito Nacional. O verso dizia o seguinte:⁹

⁶ Idem

⁷ O’Callaghan.E.B. Documents relative to the Colonial History of the State of New York. Vol. II. Albany: Weed. Parsons and Company. 1858

⁸ *Tax on tax young Belcour cries/ More imposts, and a new exercise,/ A Public debt’s, a public blessing/ Which ’tis of course a crime to lessen./ Each day a fresh report he broaches,/ That Spies and Jews may ride in coaches./ Soldiers and Farmes dont despair, / Untax’d as yet are Earth and Air in* Feldstein, Stanley. *The land That I Show You*. Op. Cit.p.17

⁹ idem

“Taxas nas jovens taxas Belcour chorou
Mais impostos, e um novo exercício
A dívida pública
A oração pública
A qual dizem que é um crime reduzir
Cada dia um relatório fresco ele aborda
Então espíões e judeus podem andar em coches
Soldados e fazendeiros não perdem as esperanças
Sem taxas ainda são Terra e Ar”

Nos anos que antecederam as apresentações teatrais, o esteriótipo do “judeu demoníaco” já se pronunciava. Em 1668, um mercador judeu processou o holandês Balthazar d’Haert por estelionato. D’Haert defendeu-se frente ao júri dizendo que o mercador era um judeu demoníaco, o júri considerou o holandês inocente.

Até mesmo a sinagoga de Newport foi chamada muitas vezes de “sinagoga satânica”. Em 1743, durante um cortejo fúnebre que saía da Sinagoga Shearith Israel de Nova Iorque, um grupo de pessoas atacou o cortejo e a sinagoga com pedras e pedaços de madeira. Na Filadélfia, o cemitério foi invadido em 1746, e os túmulos destruídos. Em 1746, Chatham Square, cemitério judaico de Manhattan, foi atacado, seus muros e tumbas extremamente danificados. O mercador e líder comunitário Jacob Franks ofereceu uma recompensa para quem desse informações sobre os responsáveis pelo ataque. Em 1751, o vandalismo se repetiu. No mesmo mês, na Filadélfia, o cunhado de Jacob Franks, Nathan Levy, colocou um anúncio no jornal *Gazeta da Pensilvânia*, pedindo que esportistas não utilizassem os muros do cemitério judaico da *Spruce Street* para a prática de tiro ao alvo e ameaçava levar o caso às autoridades.¹⁰

Um caso curioso aconteceu envolvendo pessoas da aristocracia colonial. Oliver de Lancey, irmão do Chefe de justiça, James de Lancey, tinha sido amante da judia Phila Franks, com quem teve um filho. Sete anos após o término do romance ele foi acusado de invadir a casa de um imigrante judeu holandês, quebrar todos os

móveis e janelas e agredir verbalmente os proprietários. Para isso contou com a ajuda de amigos, todos encapuzados e embriagados. Mais tarde explicou que teria feito isso por ter se deitado com a dona da casa, já que ela era parecida com a esposa de seu inimigo, o governador George Clinton.¹¹

Os conflitos entre os mercadores judeus e não judeus eram freqüentes. Em uma dessas ocasiões, em 1752, dois navios espanhóis, o Saint Joseph e o Saint Helena, carregados de ouro e prata, ancoraram no porto de Connecticut devido a rachaduras no casco. O capitão do navio pediu auxílio primeiramente ao inglês Andrew McKenzie, mas por desconfiar de suas intenções, recorreu ao judeu Benjamin Cardozo, que serviu de intérprete. Furioso, McKenzie escreveu a Don Joseph Miguel de St. Juan, responsável pelo navio e seu carregamento, “que ele tinha se deixado levar pelo nariz e pela falta de fé dos judeus, que venderam Deus por dinheiro e ainda o crucificaram. Como pode pensar que ele, um judeu português-espanhol, pode ser verdadeiro com você, qual é o lugar onde nenhum deles é tolerado?”¹²

Outras minorias, como luteranos, quakers e católicos também eram vistos com diferença e limitações. Desde o período holandês, o governador Stuyvesant já se preocupava com os luteranos tanto quanto com os judeus. Chegou a deportar para a Holanda um pastor luterano. Editou uma lei que proibia reuniões religiosas públicas ou privadas, mas após a intervenção direta da Holanda essa lei não foi colocada em prática. Quando os primeiros quakers chegaram à colônia foram presos e interrogados. Após a troca de governo, durante a administração colonial inglesa,

¹⁰ Pool, *Portraits of Etchet Stone*, p. 58; Marcus, *The Colonial American Jew* v. III p. 1127

¹¹ O’Callaghan (ed.), *Documents relative to the Colonial History of the State of New York*, VI, 471 ; Bridenbaugh, *Cities in Revolt*, pp. 117,141. O autor da carta referia-se ao fato da Espanha não permitir a presença de judeus em seu território.

¹² *Collections of the Connecticut Historical Society* XVI, 200ff., 225 in Marcus, J. *The Colonial American Jew* v. III pp.1129

os presbiterianos, por um espaço de tempo, perderam o direito a pregar sermões. O mesmo aconteceu com os batistas, que não tinham permissão para construir um local de encontros até 1715. No fim do século XVII e início do XVIII ainda havia poucos católicos na cidade e em 1700 foi aprovada uma lei que baniu os jesuítas e católicos romanos. Se insistissem na sua permanência estariam sujeitos à prisão e até mesmo à pena de morte. A presença dos judeus naquelas terras representou um reforço na luta da conquista de direitos civis, políticos e religiosos para esses grupos.

Nos anos durante a Revolução Americana, os judeus tiveram um aliado na Assembléia Geral de New Hampshire, o cristão Samuel Langdon. Langdon, durante as eleições na Assembléia proferiu um discurso “A República dos Israelitas, um exemplo para os Estados Americanos”. O discurso clamava aos americanos a aprenderem com a experiência da “República Judaica” de Israel na era pré-monárquica. A argumentação baseava-se em afirmar a importância das orações no fortalecimento de um povo, dizia que igualmente aos judeus, os americanos eram abençoados por Deus, que havia protegido as colônias da vingança inglesa e havia provido Washington como servidor do povo americano. Por isso deveriam fortalecer suas virtudes através da oração. Completava dizendo que as doze tribos de Israel poderiam ser comparadas às treze colônias norte-americanas. As orações do povo deveriam ser dirigidas à afirmação da Nova Constituição, pois somente assim poderiam afirmar a capacidade do povo para um governo republicano. O sermão de Langdon teve o efeito esperado e New Hampshire tornou-se o nono estado a ratificar a Constituição, colocando o novo governo em operação.¹³

¹³O discurso foi intitulado “The Republic of the Israelites: an Example to the American States” in Lutz, Donald and Warren, Jack D. *A Convenanted People- The religious tradition and the origins of American Constitutionalism*. The John Brown Carter Library. Providence, Rhode Island, 1987

Mas apesar da admiração de algumas pessoas, entusiasmadas pela história judaica, após a Revolução Americana passaram-se vários anos até que os judeus conquistassem igualdade legal. Durante a Revolução, Nova Iorque garantiu aos judeus o direito ao voto e aos serviços públicos, mas as constituições adotadas em dez outros estados garantiam direitos plenos apenas aos cristãos. Restrições aos direitos civis não foram eliminados em Connecticut até 1818, Massachussets até 1821, Maryland até 1826, Rhode Island até 1843, Carolina do Norte até 1868 e New Hampshire até 1877.¹⁴

O sentimento anti-semita perpetuou ainda por décadas nos Estados Unidos. Um exemplo disso foi quando o Grand Union Hotel, pertencente ao Capitão Hilton, em Saratoga, passou a não mais admitir hóspedes judeus, recusando membros de uma proeminente família judaica. O escândalo tomou proporções intensas, chegou à imprensa e provocou reações contrárias até por parte da comunidade não judaica. O dono justificou dizendo que só não aceitava judeus extravagantes e barulhentos. A comunidade judaica organizou um boicote às lojas que pertenciam ao mesmo dono do hotel. Clubes restritos da elite econômica também não aceitavam sócios judeus.¹⁵

O processo de luta contra o anti-semitismo foi longo e precisou de um grande engajamento da comunidade judaica, ultrapassar os estereótipos anti-semitas tornou-se um grande desafio. Aos poucos foram rompendo as barreiras às universidades, aos clubes, aos hotéis e principalmente ao mundo dos negócios.

Dois séculos antes de a estátua ser entregue pelos franceses em Manhattan, a liberdade já procurava o seu caminho para a América.¹⁶

¹⁴ Angel, Rabi Marc . *Remnant of Israel – A portrait of Americas First Jewish Congregation, Shearith Israel*. Riverside Book Company, Inc., New York, 2004

¹⁵ idem

¹⁶ David e Tamar de Sola Pool. Op. Cit. pp.

Capítulo VI- Os Primórdios de uma comunidade

1. A Vida Judaica

A primeira festa comemorada na recém-criada comunidade judaica de Nova Amsterdã foi o Ano Novo, ou *Rosh Hashaná* de 1654.

Foi organizado um serviço religioso formal. Contanto com os dois judeus que já se encontravam na ilha, podendo assim formar um *minyan* (número mínimo de homens com mais de 13 anos, necessário para as rezas judaicas). Para a concretização da cerimônia não poderia faltar a Torá, que haviam conseguido salvar do naufrágio sofrido durante a viagem.¹

No ano seguinte havia mais homens do que o necessário para o *minyan*. Os novos membros provenientes da Holanda trouxeram consigo outro rolo de Torá e uma arca para guardá-la, enviados como presentes da comunidade hispano-portuguesa de Amsterdã. O serviço religioso foi, a partir de então, conduzido regularmente no *Shabat* e nos feriados religiosos e acontecia em casas particulares, como era comum ocorrer nas pequenas comunidades judaicas.

Com o passar dos meses, os líderes da comunidade começaram a pensar na construção de uma sinagoga. Sonhavam em ter um local de encontros e discussões, aonde os que chegassem pudessem ser recebidos. A sinagoga passaria a ser, como em outros centros da vida judaica, o foco da vida comunitária, haveria professores para iniciar os jovens no estudo da Torá e organizações responsáveis por cuidar dos

¹ Marcus, op. Cit. v. I p.218

carentes, que sempre foi uma preocupação e obrigação, “*mitzvá*”, não abandonada pelos judeus.²

Stuyvesant percebeu o movimento dos sefaraditas e escreveu aos diretores da Companhia das Índias Ocidentais, alertando-os do perigo de permitirem serviços religiosos (não protestantes) públicos. Caso permitissem os judeus professarem publicamente a religião, não poderiam impedir os dissidentes cristãos, como batistas, luteranos e católicos. A causa judaica era também a causa de todo cristão não calvinista.³

Depois de muita discussão, o exercício da religião “no silêncio do lar” havia sido permitido. Aparentemente, os judeus não se importavam muito com as determinações do governo colonial, reuniam-se nas casas particulares e celebravam o *Shabat* e as festas judaicas. O serviço seguia os rituais Sefaradi e os oficiantes eram sempre voluntários, não havia a presença de um rabino, havia um *Chazan* que comandava a liturgia.⁴

No final do século XVII, a sinagoga Shearit Israel, foi oficialmente estabelecida. Um mapa da cidade de 1695, feito por John Miller, indicava uma casa alugada que funcionava como sinagoga na Beaver Street, onde por cinco anos manteve suas atividades. Em 1700, um documento imobiliário comprovou a mudança de endereço e uma residência localizada na Mill Street, atual *South William Street* era utilizada como a “sinagoga dos judeus”. Essa casa pertencia a John Harpendick, sapateiro. A rua ficou popularmente conhecida como “viela dos judeus”.

Anexo à casa alugada, posteriormente, foi construída a sinagoga Shearith

² POOL, David de Sola. *Portraits etched in Stones : Early Jewish Settlers, 1682-1831*. New York : Columbia University Press, 1955 p.7

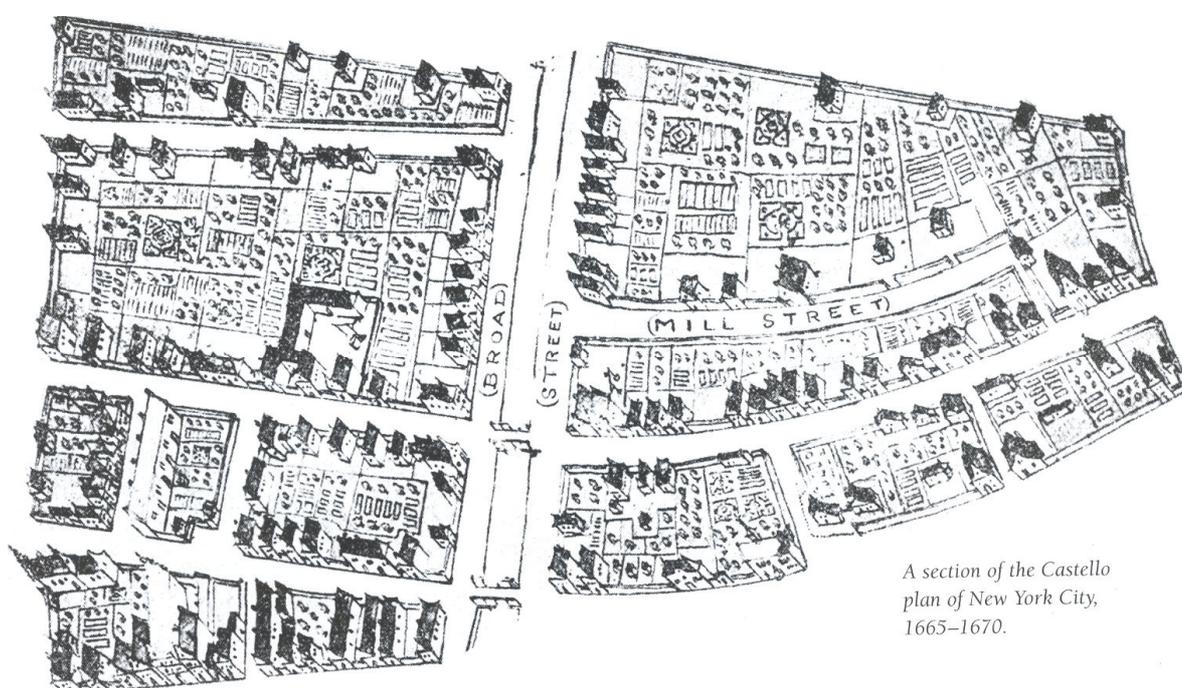
-----and Tamar de Sola. *An Old Faith in the New World: Portrait of Shearith Israel 1654-1954*. New York: Columbia University Press, 1955 p.10

POOL, David de Sola and Raphael Patai and Abraham Lopes Cardozo. *The World of Sephardim*. New York: Herzl Press, 1960p. 12

³ Marcus, op. cit. v. I p.221

Israel, que permaneceu nesse endereço por muitos anos e depois se mudou para a *Central Park West*, onde se localiza nos dias atuais. O nome oficial da congregação é *Kahal Kadosh Shearith Israel*, ou seja, “Santa Congregação dos Remanescentes de Israel”.⁵ O primeiro orador da sinagoga foi Saul Pardo Brown e o primeiro cantor foi Moses Lopes da Fonseca, filho do rabino da sinagoga de Curaçao.⁶

Planta de Manhattan 1665-1670



O rabino responsável pela sinagoga da *Mill Street* era Abraham de Lucena, que chegou da Holanda a Nova Amsterdã em 1655, trazendo consigo um pergaminho de *Torah*, envolvido em veludo verde e um manto adamascado da

⁴ Chazan é a palavra em hebraico para designar o cantor das rezas e orador da sinagoga

⁵ Pool, David de Sola. *Portraits etched in Stones : Early Jewish Settlers, 1682-1831*. New York : Columbia University Press, 1955p.10

⁶ Arbell, Mordechai. *Early Relations between the Jewish communities in the Caribbean and The Guianas and Those of the Near East 17th to 19th century* in WWW.sefarad.org/publication ; Pool, op. cit.p.3

figura retirada de: Angel, Marc. *Remnant of Israel*, op. cit p.23

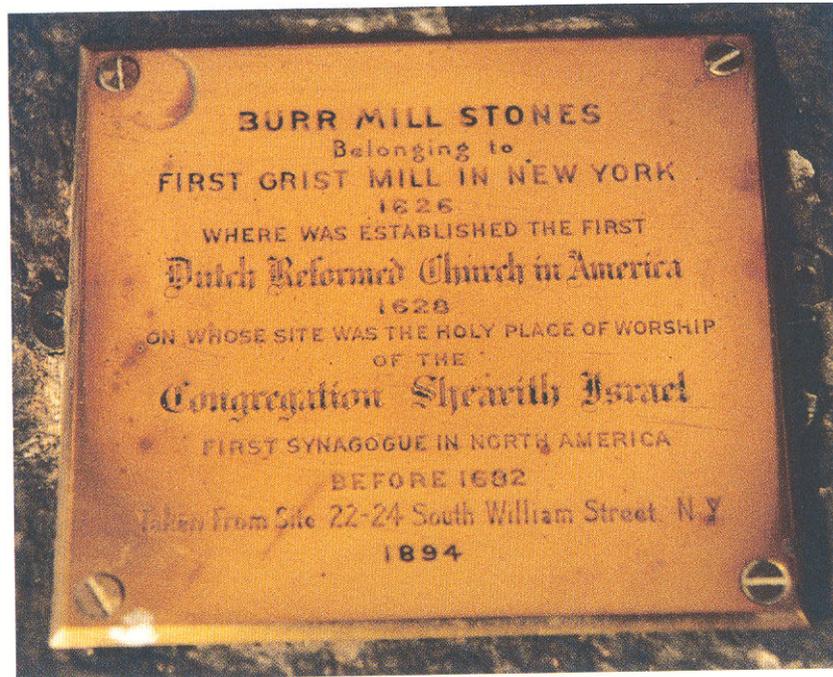
Índia, emprestado da sinagoga de Amsterdã.⁷ Acompanhando Lucena vieram mais seis famílias judias da Holanda.

Ficavam a cargo da sinagoga todos os aspectos da vida religiosa judaica, os serviços religiosos, o controle das leis relacionadas à dieta alimentar, incluindo a fabricação do pão ázimo na época da Páscoa, o ciclo da vida judaico (nascimento, maioridade religiosa, casamento e morte), a educação, a filantropia, o contato com os judeus de outras partes do mundo, o cuidado com o cemitério e os banhos rituais.

A língua oficial da sinagoga era o português, os relatórios e documentos oficiais eram escritos em português. A língua portuguesa representava uma tradição, por ser o idioma dos fundadores; os diretores da congregação faziam questão de mantê-la. As preces eram escritas em português e recitadas na mesma língua, especialmente a parte dirigida ao governo.⁸ A comunidade também se comunicava em português, e às vezes em espanhol. Mais tarde, com a chegada de judeus do leste europeu, passou-se a falar também o alemão e o ídiche, além do inglês, que com o passar do tempo tornou-se a língua mais freqüente. O hebraico e o ladino eram usados somente em algumas rezas.

⁷ Pool, David and Tamar de Sola. *An Old Faith in the New World: Portrait of Shearith Israel 1654-1954*. New York: Columbia University Press, 1955 p.40

⁸ Durante o serviço religioso do Shabat faz parte da sequência das rezas uma prece de proteção ao governo do local onde reside a comunidade. Sarna, Jonathan. *American Judaism- a History*. Yale University Press, 2004p.13



⁹ Placa da primeira sinagoga sefaradi de Nova York, localizada na Mill Street- antes de 1682

As cerimônias sociais tinham destaque na vida comunitária. Os casamentos no período colonial eram realizados às quartas-feiras (de virgens) e de viúvas em outros dias da semana. Nem sempre era um rabino ou um *chazan* que dirigia o casamento, já que a *Torah* não o determina, muitas vezes era feito por um parente mais velho do sexo masculino. O dote da noiva era previamente combinado durante o noivado pelos pais dos noivos e registrado no contrato de casamento, *Ketubah*, que ainda estabelecia multa se o casamento não se realizasse. Estes dados são comprovados por um modelo de *Ketubah* de 1738, onde estão descritas todas as etapas que devem ser cumpridas no preenchimento do contrato. Acaso fosse um rabino que realizasse o casamento, essas instruções seriam desnecessárias, mas o documento prova também que a maioria dos homens daquela comunidade conhecia bem o hebraico e o aramaico, uma vez que no documento são utilizadas palavras em português, hebraico e aramaico.¹⁰ As cerimônias de casamento eram cuidadosamente preparadas e a maior parte era realizada na residência de um dos noivos, pois convidar as pessoas para sua casa era sinônimo de hospitalidade e

⁹ Figura extraída de Rabi Marc. D. Angel, *Remnant of Israel*, op. cit 23

elegância, enquanto que realizar o casamento no prédio da congregação significava impessoalidade.¹¹

O casamento entre judeus e cristãos era proibido, e a conversão religiosa inaceitável, sob pena de excomunhão para o judeu ou judia que tentasse converter seu parceiro. A mulher judia que se casasse fora da comunidade, era considerada perdida para o Judaísmo, mas o homem muitas vezes continuava freqüentando a sinagoga. Os filhos destes dois tipos de união eram freqüentemente criados como cristãos. Esse regulamento foi imposto principalmente após 1663, com a influência dos judeus que chegavam da Inglaterra e propunham que as regras adotadas pela comunidade judaica de Londres fossem também adotadas em Nova Amsterdã. Com relação aos casamentos entre judeus e cristãos-novos que queriam retornar ao Judaísmo não havia nenhum impedimento ou restrição.

A cerimônia de circuncisão seguia o padrão dos casamentos. No fim do século XVII, Nova Iorque contava com um especialista neste ofício, o “*mohel*”, Abraham I. Abraham, que viajava por todos os lugares da colônia onde era chamado. Todos os eventos do ciclo da vida judaico eram motivo para a comunidade socializar. Mesmo os funerais proporcionavam momentos de reunião, onde era cumprido o ritual de rezas pela manhã durante uma semana, ocasião em que familiares e amigos eram recebidos na casa da família que havia perdido um parente, com refeições.

As Leis Dietéticas judaicas passaram a ser cumpridas com maior rigidez, após Asser Levy obter licença de açougueiro. A carne consumida passou a ser preparada de acordo com os rituais ensinados pela Bíblia Judaica.

¹⁰ Ketubá cedida por um antiquário de Nova York. Sr. Golaman (ver anexo)

¹¹ Daí a origem da palavra Wednesday – dia do casamento.

O sábado era fielmente respeitado. Mesmo o governo holandês de Nova Amsterdã e a Câmara local reconheciam esse direito.¹²

Como em todos os lugares em que os judeus puderam organizar-se em comunidade, em Nova Amsterdã eles também mantiveram a preocupação com as pessoas carentes. Após o inverno de 1654-1655, não houve mais reclamações dos decanos protestantes sobre a manutenção dos judeus pobres, na medida em que todo trabalho assistencial era controlado pela igreja Reformada e financiado pela elite mercadora de Amsterdã.

Ao contrário do Recife, em Nova Amsterdã não há indícios da existência de órgãos de caridade judaicos autônomos no início do período colonial. Após a organização da sinagoga, esse trabalho ficava sob sua responsabilidade. A sinagoga recebia doações de judeus mais afortunados da própria comunidade e das instituições judaicas de Amsterdã. Era sua função fornecer alimentos, roupas, educação para crianças humildes, pensão para órfãos e viúvas, abrigo para viajantes e até dotes para garotas desprovidas financeiramente. No início do século XVIII, encontramos entre os artigos constitucionais da sinagoga, uma regra que garantia a todo viajante ou imigrante pobre que necessitasse do auxílio da sinagoga, uma quantia de oito shillings por semana, por até doze semanas.

Em 1785 foi fundada a sociedade “*Hebra Gemiluth Hasadim*” ou Sociedade Mantenedora de Caridade. Essa sociedade possuía o intuito de ajudar financeiramente e prover assistência médica aos necessitados. O trabalho incluía visitas domiciliares e auxílio a doentes, fundos para funeral e assistência social de forma geral.¹³

¹² Marcus, op. cit v. II p.955

¹³ Angel, Rabi Marc. Remnant of Israel. Op. cit 104

Uma epidemia de febre amarela acometeu a população da cidade em 1798, causando muitas mortes. O Reverendo Gershon Mendes Seixas angariou fundos entre os congregantes da sinagoga de Nova Iorque para assistência aos doentes e ajuda funerária à família dos mortos.¹⁴

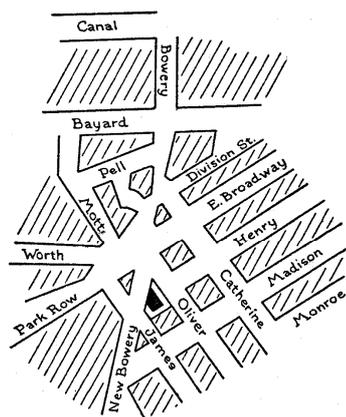
Retornando aos primórdios da colonização, em julho de 1655, um ano após a chegada do Brasil, foi feito um pedido de licença para a compra de um terreno destinado à construção de cemitério. Na vida judaica, a construção de um cemitério significa sinal de permanente estabelecimento. Na idade média, na Península Ibérica, o cemitério servia como um permanente núcleo geográfico da organização da comunidade.

O pedido foi negado, com a alegação que não tinha acontecido ainda nenhuma morte na comunidade judaica. Os líderes comunitários argumentaram que em Recife e na Holanda os judeus eram enterrados em locais diferentes dos cristãos, segundo leis religiosas tão marcantes na morte quanto na vida. Após a morte de um judeu, as autoridades concederam à comunidade um pequeno terreno afastado dos muros da cidade para a construção de um cemitério, cuja localização é atualmente desconhecida. Supostamente foi nesse antigo cemitério que foi sepultado o líder comunitário Asser Levy.¹⁵

Em 1682, já durante o governo inglês, foi Joseph Bueno de Mesquita, cristão-novo que havia vivido no Brasil holandês e que chegou à Nova Iorque vindo de Londres por volta de 1680, que comprou de Willian Merret um terreno de

¹⁴ Gershom Mendes Seixas foi o segundo Chazan da sinagoga Shearith Israel, o primeiro foi Saul Pardo e antes dele os participantes oficiavam o serviço religioso. Seixas é chamado de reverendo, pois não era rabino. Para a sinagoga eram chamados de Chazan e para a comunidade não judaica, “ministros” ou “reverendo”. Mendes Seixas era devotado à vida espiritual, mas também muito atuante na vida pública. Foi fundador da New York Humane Society (Sociedade Humanitária de Nova York) e um dos incorporadores da Columbia College. In Pool, David. *An Old faith of New World*, op. cit p.46.; Angel, Rabi Marc. Op. cit pp 34-39

aproximadamente 52/52 pés destinado à construção de um cemitério judaico. O terreno localizava-se a leste da *Park Row Highway* abaixo da *Chatham Square* com a *St. Saint James Place* e próximo a um riacho, onde hoje fica Chinatown. Ainda lá se encontra, mas o acesso para visitantes é difícil.



MAP OF THE CHATHAM SQUARE DISTRICT

O primeiro judeu a ser enterrado em Nova York foi um membro da família de Joseph Bueno de Mesquita, seu irmão Benjamim Bueno de Mesquita, falecido em 1683. Benjamim Bueno de Mesquita viveu no Brasil durante a ocupação holandesa e tem seu nome no livro das atas da sinagoga Tzur Israel de Recife. Benjamim Bueno de Mesquita e seu irmão Joseph Bueno de Mesquita, ao deixarem o Recife, tentaram viver em Portugal como cristãos-novos e somente anos depois deixaram a Península Ibérica e foram terminar seus dias em Nova Amsterdã.¹⁶

Os túmulos do cemitério judaico ainda hoje estão intactos. É possível identificar as lápides de Joseph Tores Nunes (1704), Samuel Levy (1719), Moses Levy (1728), Abraham Burgos (1723), Sarah Bueno de Mesquita (1708), Sarah Rodrigues de Rivera (1727). Esse cemitério é hoje o segundo mais antigo de Nova

¹⁵ Cohen, M. and Peck, Abraham. Sephardim in the Americas- Studies in culture and history. American Jewish Archives, The University of Alabama Press. Tuscaloosa and London, 1993 pp.157

¹⁶ Marcus, The American Colonial Jew. pp. 1019 v.2

lorque, e se mantém conservado até os dias atuais. O cemitério mais antigo de Nova lorque pertence aos protestantes.¹⁷

Sarah Bueno de Mesquita foi esposa de Benjamim Bueno de Mesquita; Moses Levy e Samuel Levy eram irmãos, proeminentes mercadores. Chegaram de Londres no fim do século XVI. Quanto aos outros judeus identificados nesse cemitério não possuímos maiores informações.

O *Chatam Square Cemetery* foi comprado em nome de pessoa física. A comunidade judaica, enquanto pessoa jurídica, ainda não tinha direito a adquirir imóveis, da mesma forma que as igrejas episcopais e luteranas, por isso havia a necessidade do contrato ser realizado dessa forma.



¹⁸ Placa do primeiro cemitério judaico 1656-1833

Nos primeiros anos do estabelecimento dos portugueses vindos de Pernambuco, não havia uma escola judaica, diferentemente do que aconteceu no Recife, onde a comunidade judaica possuía um sistema educacional completo. Em Nova lorque a primeira escola judaica só foi construída em 1730. As crianças recebiam o estudo secular em escolas mantidas pelas igrejas protestantes e era

¹⁷ Pool, D. Op. Cit.p.11

¹⁸ Extraído de Rabi Marc. Angel. *Remnat of Israel*, op. cit p144

necessário o pagamento de uma taxa. Havia tutores judeus responsáveis pela educação religiosa das crianças judias, especialmente até a preparação do “*bar miztvá*”, maioridade religiosa. Era ensinada a leitura em hebraico através do estudo do Pentateuco e de orações. As crianças que não podiam pagar a taxa escolar ou o tutor tinham os custos cobertos pelos líderes comunitários. Os tutores geralmente eram homens de baixo poder aquisitivo ou que estavam iniciando seus negócios e necessitavam de uma renda extra. Eram chamados também de *rabbi ou ribbi*. Um dos primeiros *rabbis* da região de que temos notícias, data do século XVII, Jerachmeel (Valentijn) Falk, mais conhecido como Valentine Vanderwilde, cunhado do importante líder de Nova Amsterdã, Asser Levy. No início do século XVIII, em 1716, Judah Monis, mercador recém-chegado da Holanda via Jamaica, ensinava Judaísmo para as crianças da comunidade, e ministrava cursos de hebraico para cristãos. Em 1728, o “*shohet*”, *abatedor de aves para alimentação*, sefaradi Benjamim Elias era também professor de hebraico, recebendo salário da sinagoga *Shearith Israel* pelas duas funções.¹⁹

Em 1731, a escola Judaica de Nova Iorque abriu definitivamente suas portas. O colégio foi construído por um proeminente sefaradi de Londres, Mendes da Costa. Na primeira metade do século o ensino era feito em português e espanhol e após 1750, em inglês. As crianças permaneciam na escola por meio dia, ou na parte da manhã ou na parte da tarde. Os estudos eram religiosos, com ênfase no hebraico e na *Torah*. Em 1755, houve uma mudança curricular e os estudos seculares foram introduzidos.²⁰

O acesso a bibliotecas e livros era limitado no período colonial. Os poucos livros existentes em Nova Amsterdã eram de propriedade particular. Mesmo os

¹⁹ Marcus. Op. Cit. v. II p. 1095-1097

²⁰ Angel, Rabi Marc. V.II Op. Cit.1074-1077

judeus mais afortunados possuíam um número pequeno de livros e normalmente da liturgia hebraica. Em Boston, Samuel Frazao, que havia sido professor da escola judaica no Recife, possuía uma pequena biblioteca, com livros de filosofia judaica e uma Bíblia em espanhol.²¹ Na Pensilvânia, um dos primeiros colonizadores judeus de origem portuguesa, Isaac Miranda, possuía uma cópia da obra cabalista "Hayyim Vital's *Sefer Há-gilgulim*" de 1683 e manuscritos em espanhol e português sobre polêmicas entre Judaísmo e Cristianismo. Possuía também um manuscrito em prosa e poesia de autoria de Isaac de Castro, mártir da Inquisição de Lisboa, já referido nesse trabalho no capítulo III. A maior biblioteca judaica no período colonial, com obras em hebraico e filosóficas, pertencia a Nathan Levy, um dos fundadores da comunidade da Filadélfia, filho de Moses Levy. Os professores Benjamim Elias e Judah Samuel de Nova Iorque eram homens de grande conhecimento e possuíam diversas obras religiosas e laicas, entre elas um manuscrito do tratado talmúdico "*Makkot*"

Judah Monis, o hebraísta já descrito acima, foi o primeiro judeu nas colônias inglesas a receber um diploma acadêmico. Ingressou na universidade de Harvard em 1720, após passar alguns anos em Nova Iorque e se tornou o primeiro especialista em Hebraico, nomeado na universidade de Harvard, além de autor do primeiro livro de gramática de hebraico publicado na América do Norte.

A primeira mulher judia a entrar em uma universidade foi Richea Gratz, que estudou no Franklin College. Richea pertencia a uma família de mercadores da Filadélfia ao final do século XVIII.²²

²¹ Angel, op. cit. Samuel Frazao, está registrado no livro das Atas da Sinagoga Tzur Israel do Recife com o nome Semuel Frazao

²² Marcus, J R. *American Jewish Woman, 1654-1980*. KTV Publishing House, Inc. New York. American Jewish Archives. Cincinnati p.25

Nos primeiros séculos não havia hospitais judaicos, mas algumas viúvas recebiam um salário da sinagoga para cuidar de pessoas doentes. Os enfermos eram hospedados nas casas dessas senhoras e atendidos como se estivessem em uma clínica médica. As viúvas faziam o papel de enfermeiras e quando havia morte, elas eram responsáveis para tomar todas as providências para o funeral.²³

Um dos grandes problemas enfrentados na comunidade de Nova Iorque foi a assimilação. O isolamento da região dificultava o relacionamento entre judeus. Dispersos, levou alguns homens a se casarem com mulheres cristãs e seus filhos já foram criados como cristãos. Muitos trocaram seus nomes portugueses ou espanhóis por nomes ingleses (durante o domínio inglês), o que torna difícil a identificação de seus descendentes. A elite judaica ficou abalada quando os filhos de Abigail Levy Franks e Jacob Franks, David e Phila casaram-se com cristãos, David casou-se com Margaret Evans da Filadélfia e Phila com Oliver de Lancey, integrantes de distintas famílias da sociedade cristã colonial. A filha de Naphtali Franks ao morrer deixou sua herança à causa da conversão de judeus ao Cristianismo. Devido ao grande número de casamentos mistos, não são mais encontrados judeus entre os descendentes dos Franks.²⁴

Há especulações sobre a conversão no século XVII, de alguns judeus ao Cristianismo. Isaac Israel, um dos sefaraditas pioneiros do Brasil, de acordo com os registros, em 1655 estabeleceu-se em South River, Delaware. Oito anos depois, um homem, também de nome Israel tornou-se membro do conselho holandês como vice-diretor do South River country, onde era comerciante já há algum tempo em

²³ Publications of American Jewish Historical society, xxi, 80, 87-88, 91, 106,109, 115;xxii, 161;xxvii, 22; Pool, Portraits, p.89. Marcus, The colonial p. 1040 v.II

²⁴ Abigail era filha de Moses Levy, importante mercador da Filadelfia, casou-se com o askenazi Jacob Franks e fundaram o clã Levy- Frank, importante família judaica da elite do século XVIII. Naphtali, David e Phila eram seus filhos. In *Hershkowitz and Meyer. The Lee Max Friedman Collection of American Jewish Colonial Correspondence. American Jewish historical Society. Philadelphia, 1968*

Passayunk, hoje parte da Filadélfia. Este Israel era Isaac ou um dos outros Israel de Nova Amsterdã e teria se convertido ao Cristianismo ou nunca teria alcançado tal posição política, pois no período citado, nenhum judeu tinha acesso a cargos políticos nas colônias holandesas.

Entretanto, a maioria dos judeus lutou para manter a religião e as tradições. Em 1657, depois da revogação do Édito de Nantes na França, famílias de marranos franceses chegaram à Nova Iorque. Entre elas a família Robles, os Gomez e os Lopez. A devoção dessas famílias ao Judaísmo está documentada em lemas familiares:

²⁵“Ilimitados como os peixes do mar
é a honra e a integridade da família Gomez
Apoiados pela força do leão, eles mantêm sua fé
Não a trocariam nem por uma coroa de ouro”

Essas famílias tiveram grande participação na Congregação Shearith Israel de Nova Iorque.

O cristão-novo Aaron Lopez chegou diretamente de Portugal, em Newport, no ano de 1752, trouxe a esposa Abigail, sua filha Sarah e seu irmão David. Tinha aproximadamente 21 anos na época. Sua esposa possuía parentes em Nova Iorque; a família Gomez os auxiliaram nos tempos iniciais.²⁶ Os Lopez eram fugitivos da Inquisição portuguesa, por isso rapidamente trocaram seus nomes cristãos e adotaram nomes judaicos. Os cristãos-novos que fugiam da Inquisição portuguesa eram bem recebidos pelos membros da comunidade judaica de Nova Iorque. Alguns

²⁵ American Jewish Archives, XIV, 66; Marcus, American Jewish Documents, I, 42 ff., 56-57 .

“Boundless as the fishes of the sea/ Was honour and integrity of the Gomez family,/ Supported by lion’s strength they did their faith uphold,/ Nor would they chang it for a crown of gold”

²⁶ A família Gomez chegou à Nova Iorque entre os anos de 1685 e 1743. Vieram de Curaçao e foram acompanhados pela família Rivera. Praticavam a endogamia, fortalecendo os laços entre as famílias. Após a morte de Abigail, esposa de Aaran Lopes, ele casou-se com Sarah, filha de Jacob Rivera, que além de sogro tornou-se parceiro nos negócios. Ver: Arbell, Mordechai. Early relations between the Jewish Communities in the Caribbean and the Guianas . Sefard publication ; Marcus, vl. II pp. 642 op. cit

chegavam a submeter-se a circuncisão, como foi o caso do próprio Aaron Lopes em 1750, que havia sido recebido pelo seu primo Daniel Gomez, que permaneceu ao seu lado no momento da cerimônia de circuncisão e o saudou dizendo que esta era a manifestação da Lei sagrada.²⁷

Tanto os Lopez quanto os Gomez eram grandes mercadores e contribuíram para o crescimento econômico e espiritual dessa comunidade, mantendo suas tradições e colaborando para a manutenção da sinagoga.

Parte dos judeus que viveram no Recife holandês, ao deixar o Brasil seguiram para a Inglaterra. As famílias Nunez e Machado, parentes entre si, sofreram a trágica experiência dos cárceres inquisitoriais em Portugal, e em 1733 buscaram refúgio na região de Savannah. O patriarca da família Nunes, Moses Nunes viveu no Brasil holandês, em 1654 partiu para a Inglaterra. Anos depois, seu filho, Dr. Samuel Nunes, já com cinquenta anos, acompanhado de seu neto, Moses Nunes que herdou o nome do avô, chegou à Savannah. Tornaram-se os judeus pioneiros na região, fazendo parte de um grupo de aproximadamente quinze pessoas.²⁸

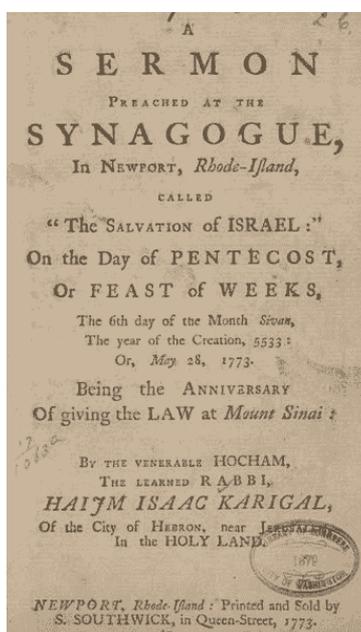
Em meados do século XVIII, a comunidade judaica de Nova Iorque começou a sentir necessidade de traduzir as rezas em hebraico para o inglês. Em 1766, Isaac Pinto, *Chazan* da sinagoga sefaradi, publicou um livro de rezas em inglês para o *Shabat*, *Rosh Hashanah* e *Yom Kipur*, as orações seguiam o ritual português e espanhol.²⁹

²⁷ Aaron Lopes tornou-se o maior homem de negócios de sua época. Realizava transações comerciais com o Golfo da Guiné, Inglaterra e Índias Ocidentais. Mantinha correspondentes (escritórios associados) no Mediterrâneo, na Península Ibérica, Holanda, Alemanha e Escandinávia. Chegou a ser proprietário de trinta navios de carga.

²⁸ Dr. Samuel Nunes, nasceu em Portugal em Beira Alta, aparentemente, seus pais retornaram a Portugal, não permanecendo todo o tempo em Londres. Os fatos ocorridos entre a saída do Brasil e a chegada da família à Savannah, ainda são nebulosos. Ver: Stern, Malcolm. *First American Jewish Families*. 600 genealogies; Marcus, vl. pp.355

²⁹ Shaabat é o Sábado sagrado dos judeus. Rosh Hashana é o Ano Novo Judaico. Yom Kipur é o dia do perdão para os judeus, um dia dedicado a rezas. Chazan é o cantor litúrgico.

O primeiro sermão judaico publicado na América do Norte foi escrito em 1773 pelo rabino Haim Isaac Carigal, um judeu palestino que passou cinco meses viajando pela Filadélfia, Nova Iorque e Newport. Durante sua visita a Rhode Island fez amizade com o ministro da Congregação cristã local, Ezra Stiles, que mais tarde tornou-se presidente da Universidade de Yale. Stiles ajudou Carigal a publicar seu sermão proferido em espanhol e entremeado de palavras em hebraico na sinagoga de Rhode Island, Newport, no dia 28 de maio de 1773, em comemoração à festa judaica de *Shavuot*.³⁰ Tornaram-se grandes amigos e após a partida de Carigal, ele e Stiles passaram a trocar correspondências, especialmente devido ao interesse de Stiles pelo hebraico. O discurso, "The Salvation of Israel", foi traduzido para o inglês pelo sefaradi Abraham Lopes de Newport, Rhode Island tornando-se o primeiro sermão judaico a ser publicado na América do Norte.³¹



Capa do primeiro discurso judaico publicado na América do Norte

³⁰ A festa de Shavuot se refere à época em que os judeus receberam as tábuas da Lei, os dez mandamentos, no Monte Sinai.

³¹ Haim Isaac Karigal (1729-1777). *A Sermon Preached at the Synagogue, in Newport, Rhode Island, Called "The Salvation of Israel."* (May 28, 1773). Newport, Rhode Island: S. Southwick, translated by Abraham Lopez, 1773. Rare Book and Special Collections Division; Pestana, Carla Gardina. *Liberty of Conscience and the Growth of religious Diversity in Early America, 1636-1786*. The John Carter Brown Library. Providence, Rhode Island, 1986 p.64

Durante o período da Revolução Norte-Americana, a sinagoga *Shearith Israel* representou o principal centro de apoio aos revolucionários. O *Chazan* da sinagoga da ilha de Manhattan era Gershon Mendes Seixas, que havia nascido e estudado em Nova Iorque. Em agosto de 1776, quando George Washington perdeu a batalha do Brooklyn Heights, Seixas fugiu da cidade com o rolo de Torá escondido entre seus pertences e se juntou a outros patriotas em Newport, Rhode Island e Connecticut.

Às vésperas da Independência, existiam na América do Norte onze comunidades judaicas, todas predominantemente de origem portuguesa e espanhola. Em Charleston, encontrava-se a maior concentração de judeus, contando com aproximadamente 400 pessoas. As outras eram comunidades menores, mas que assumiram importância fundamental no crescimento do Judaísmo no que viria a ser os Estados Unidos da América.

2. Atividades Profissionais

Judeus portugueses, “homens de negócio” da Holanda, buscavam aproveitar as novas oportunidades econômicas que se abriam na colônia holandesa da América do Norte. Entre seus interesses havia também um projeto de abrir para os andantes sefaraditas uma região segura para viver. Temos notícias de que muitos vieram com suas famílias ou se casaram logo após sua chegada com mulheres protestantes ou judias de Amsterdã, que chegaram após 1655 à colônia com seus parentes.

Nova Amsterdã, no século XVII, era um entreposto comercial da Companhia das Índias Ocidentais. O xerife Nicassius de Sille a descreve como “uma vila dependente do comércio de peles entre colonos e índios, onde todos os habitantes são mercadores, a riqueza consiste em cavalos de puxar arado, vacas, ovelhas e cabras. Os rios possuem peixes em abundância e dos arbustos colhe-se morangos e amoras”.¹

Com o passar dos anos, o comércio se desenvolveu e a pequena vila transformou-se pouco a pouco em cidade. As rústicas casas de madeira foram substituídas por construções de alvenaria, as ruas foram pavimentadas, os jardins podados e simetricamente dispostos, os animais retirados das ruas e o pequeno córrego que passava pelo centro da cidade foi ampliado, formando um canal, com as margens reforçadas por estacas. As poucas tabernas foram transformadas em

¹ Pool, David de Sola. “Shores of Hope” in *Portraits Etched in Stones: Early Jewish Settlers*. New York : Columbia University Press, 1955

atraentes cafés, onde os moradores se reuniam para trocar idéias, planejar negócios e comentar o passado e o futuro².

A alimentação da futura Nova Iorque, tinha como base o queijo e a manteiga e muitas vezes estes alimentos eram utilizados como produtos de troca, o que conferia às vacas leiteiras grande valor econômico. O sistema de trocas era largamente utilizado. Produtos agropecuários como trigo, aveia, cevada, milho, carne de porco e de boi foram transformados em bens e utilizados para o pagamento de impostos. Serviam de moeda corrente também, peles de castor, uma espécie de cinto de contas e conchas chamado de “wampum”, além dos florins holandeses. A utilização do “wampum” entrou em declínio na metade da década de 1650, quando a participação dos produtos agrícolas nos negócios se intensificou. A desvantagem da utilização de cereais como forma de pagamento, estava atrelada à qualidade da colheita, e muitas vezes, nos contratos o valor da negociação era assegurado em guilders, que por sua vez, seriam convertidos em trigo ou outro produto agrícola. A terra era muito fértil, permitindo a produção de diversos gêneros alimentícios.³

Entretanto, a agricultura se tornou uma atividade econômica menor enquanto o comércio de peles com os índios se tornou mais vantajoso.

A sociedade na nova Holanda enfrentou graves problemas de sobrevivência, disputas e animosidades eram freqüentes. As negociações ainda tinham as marcas das estruturas medievais.

² Dennis J. Malka, *Commerce and Community: Manhattan merchants in the seventeenth Century*, PhD Dissertation, New York University, 1995; *Narratives of New Netherland, 1609-1664*, New York: Scribner, 1909.

³ Oliver A. Rink. *Holland on the Hudson: An Economic and Social History of Dutch New York*. Ithaca, NY: Cornell, 1986; Dennis J. Malka, op. Cit.

Trabalhadores diaristas passaram a ser remunerados somente após a chegada dos primeiros judeus, em 1654. Recebiam dois “guilders” por dia em milho, castor ou “wampum”.⁴

Discriminados, como vimos em capítulo anterior, a liberdade econômica concedida aos judeus limitava-se ao pequeno comércio dirigido para o próprio grupo de refugiados do Brasil. Entretanto, apesar de algumas restrições existentes, que também vigoravam em Amsterdã, os holandeses não tinham interesse em perder os judeus imigrantes no momento em que a Inglaterra era o principal rival da Holanda, e que ampliava seu domínio no Caribe.

A liderança econômica entre a pequena comunidade Judaica de Nova Amsterdã, foi de início centrada em cinco mercadores de origem portuguesa que teriam chegado de Amsterdã, depois dos refugiados do Brasil, em 1655 : Abraham de Lucena, Salvador Dandrada, Jacob Cohen Henriques, Joseph d`Acosta e David Ferera. Esses homens assinavam as importantes petições na colônia e tinham poder suficiente na metrópole europeia para fazer com que seus associados judeus intervissem junto aos diretores da Companhia das Índias Ocidentais e aos burgomestres de Amsterdã.⁵

Judeus, da mesma maneira que no Brasil holandês, serviram de insubstituíveis intérpretes nas transações comerciais ou em casos de litígios, com as colônias espanholas e com as colônias do Caribe. Eram homens engajados em diversas atividades, de açougueiros e padeiros a grandes negociantes. A classe mercante em Nova Amsterdã desafia qualquer categorização. Mesmo os homens de grande prestígio econômico e social desenvolviam atividades simples como a

⁴ idem

⁵ idem

fabricação de pão, o abate de animais ou a fabricação de cerveja.⁶ Podemos citar como exemplo, Jacob Henriques Cohen, um dos vinte e três refugiados do Brasil, tentou obter licença para fabricar e vender pão, mas teve seu pedido recusado. Cohen não era um humilde padeiro, era um homem de negócios que queria diversificar suas atividades e quebrar o monopólio dos padeiros locais. No Brasil holandês, foi um comerciante próspero, membro da diretoria da comunidade judaica de Recife, seu filho Abraham Cohen Henriques ou Francisco Vaz de Leon, era acionista da Companhia das Índias Ocidentais e viveu nas colônias holandesas do Recife e de Nova Amsterdã, estabelecendo negócios em ambas. Certa vez, no ano de 1659, processou um holandês, de nome Cornelis Janss Plavier, pelo pagamento de um empréstimo de 1625 guilders. O pagamento deveria ser feito com a venda de um carregamento de peles de castor naquele outono em Amsterdã, o que não ocorreu. Teve como advogado Asser Levy, que exigiu o pagamento e ganhou a causa. A corte decidiu que o réu hipotecasse sua residência em Manhattan, Heere Street (hoje Broadway St.) e honrasse a dívida.⁷

Judeus concentraram-se também nas vendas a atacado e a varejo, mas em uma escala modesta. Havia alguns que importavam mercadorias diretamente da Holanda para revendê-las na colônia. Outros se envolveram em negócios maiores, chegando a estabelecer sociedades com holandeses e ingleses.

O dinâmico emigrante do Brasil, Asser Levy, em certa ocasião, comprou um carregamento de manufaturas holandesas, e deu ao dono 75% do seu valor em adiantamento. Agindo como um agente comercial, deu como garantia ao fornecedor a hipoteca de sua casa em Nova Amsterdã.

⁶ Maika, "Merchants of New Amsterdam"; Gering Council Minutes, 1652-1654 ; Simon Middelton, "Artisans and Trade Privileges in New Amsterdam. University of East Anglia. Trabalho apresentado durante o "2001 Rensselaerswijck Seminar, NY

A população da colônia, gradativamente foi ocupando um lugar na estratificação social, que se revelava no refinado mobiliário e utensílios domésticos que adquiriam dos mercadores e comissários. Pequenos luxos europeus foram chegando a Manhattan, como tecidos adamascados, açafrão, papel de qualidade, sassafrás, salsaparrilha, remédios e equipamentos de medição.⁸

Havia um jornal local e os produtos importados da Europa eram anunciados em forma de propaganda. Já no século XVIII, em 3 de março de 1729, o judeu Luiz Gomes, anunciou na “Gazeta de Manhattan” um lote de finas taças que exibiam brasão de armas. Vários judeus expandiram suas atividades para outras regiões como o Caribe, principalmente Curaçao, que concentrava na época o maior núcleo judaico do Caribe e onde havia grande produção de açúcar.⁹ Essa conexão encontra-se documentada pela família Pisa, que constam nessa mesma época como habitantes de Nova Amsterdã, Suriname e Barbados. Também negociava nessa rota Issac de Mesa, de South River. Seu nome aparece em contratos comerciais também em Suriname e Barbados.

Era habitual mercadores holandeses do Caribe e Nova Amsterdã, entre eles, os judeus, estabelecerem negócios para ambas as colônias, sob a mesma bandeira e o mesmo governo.

O governador, hostil aos judeus, tentou impedir que participassem do comércio de peles de castor no Forte Orange, entre os rios Hudson e Monhawk, que experienciava franco desenvolvimento, com a instalação de serrarias e olarias. Construções rapidamente formaram um pólo comercial. O grande crescimento

⁷ Hershkowitz, Leo. Dutch notarial records pertaining to Asser levy, 1659-1692 (Part Three: New Documents for the study of American Jewish History). American Jewish History- september 1, 2003

⁸ Maika, Dennis. Merchants of New Amsterdam, p128-129; Gehring, Concil Minutes, 1652-1654

⁹ Arbell, Mordechai. Early relations betwin the Jewish Communities in the Caribbean and the Guianas and Those of the near east 17th to 19th Centuries

urbano da região do Forte Orange e o número crescente de emigrantes levou à construção de um abrigo para pessoas que chegavam sem nenhuma condição econômica.¹⁰ Em 1660, já era o segundo maior vilarejo da colônia, contando com mil habitantes.

Também foi proibido aos judeus fazer o comércio ao sul com os índios de Delaware e do Hudson¹¹. Os líderes da comunidade judaica, Abraham de Lucena, Salvador Dandrada e Jacob Cohen Henriques apelaram para o governador e seu Conselho, argumentando que a Companhia das Índias Ocidentais tinha concedido permissão para que qualquer membro dessa comunidade pudesse negociar com qualquer região sob a jurisdição do governo holandês. A apelação foi negada, mas conseguiram permissão para que dois homens viajassem para o sul da região para averiguar as possibilidades futuras. Entretanto, os judeus tiveram permissão para negociar nas fronteiras ao norte de Nova Amsterdã, acima do rio Hudson, enquanto que ao sul, só puderam atuar com mais liberdade após os holandeses ocuparem as colônias suecas do Delaware, em setembro de 1655¹².

Os primeiros judeus de que se têm notícia acerca de investir nessa região foram: Abraham de Lucena, Salvador d'Andrada e Jacob Henriques Cohen. Dois jovens recém-chegados do Brasil via Holanda, Benjamin Cardozo e Isaac Israel foram por eles convidados para se associar nesse negócio.¹³

¹⁰ Martha Shattuck, "A Civil Society: Court and Community in Beverwijck, New Netherland, 1652-1654"

¹¹ O Forte Orange era um posto comercial na junção dos rios Mohawk e Hudson . ver: Van Laer, A. J. F. New York Historical Manuscripts: Dutch. Vol 1, Register of Provincial Secretary, 1638-1642. Baltimore Genealogical Publishing Co, 1974

¹² Os colonizadores suecos chegaram à região do Delaware em 1638 e fundaram a colônia da Nova Suécia. Os suecos foram enviados pelo governo de seu país com a intenção de desenvolver o comércio na região. Em 1655, os holandeses se organizaram com a intenção de tomar a região para o governo holandês. O ataque nas colônias do Delaware contou com 600 homens distribuídos em sete navios. Ao fim da batalha os suecos não resistiram e entregaram a região.

¹³ Marcus, op. Cit. v. II

Os judeus tiveram diversos problemas para entrar em acordo com os Índios da região. As pessoas que se arriscavam nessa região, não tinham suporte militar do governo colonial, e ficavam à mercê da hostilidade dos nativos.

Na primavera de 1656 os negócios dos judeus em South River já se encontravam licenciados. Trocavam com os índios mercadorias e bebidas por peles e tabaco, que eram revendidos em Manhattan. Um judeu que adquiriu certa relevância na época foi José da Costa¹⁴. Acionista da Companhia das Índias Ocidentais, seu nome se confunde com o sobrinho homônimo, que também embarcava mercadorias por aquele porto.

Além dos produtos citados, os judeus da colônia negociavam com peles, trigo, gado, manteiga, queijos, roupas, carneiros e ferramentas. Como os outros habitantes da colônia, os judeus também realizavam suas transações em forma de barganhas, como por exemplo trocando sapatos por trigo ou cerveja por tabaco.

Os três *commodities* mais utilizados pelos judeus foram – Licor, Tabaco e peles. Segundo os relatórios de Peter Stuyvesant, o licor em particular, fazia parte da economia de Nova Amsterdã e uma em cada quatro casas na cidade vendia licor. Comerciantes judeus também negociavam com o licor forte, a cerveja e o vinho, mas geralmente essas bebidas eram importadas do Caribe, apesar de pequena parte ser produzida na colônia por artesãos locais ¹⁵.

O tabaco foi um dos principais produtos, plantado em grandes quantidades, trazido de Maryland e Virgínia, era trocado por produtos europeus. Jacob Lumbroso, um dos vinte e três refugiados do Brasil, cultivava o tabaco em Maryland e o vendia aos judeus mercadores. No fim de 1650, o cultivo do tabaco foi utilizado como

¹⁴ José da Costa fez parte da diretoria da comunidade Judaica do Recife, no Brasil.

¹⁵ Maika, Dennis. *Commerce and Community: Manhattan Merchants in the Seventeenth Century*. PhD. Dissertation, New York University, 1995; Marcus, op. Cit.

moeda e nessas transações, judeus como Jacob Cohen Henriques, Abraham de Lucena, e David Ferera participavam ativamente. David Ferera também comprava e vendia tabaco e outras mercadorias de Maryland de 1656 até 1660, fazia o transporte dos produtos em seu próprio navio, conforme registros oficiais.¹⁶ Abraham de Lucena estabeleceu parceria com Luiz Gomez, marrano recém-chegado de Portugal, exportando grande quantidade de trigo de Lisboa e importando vinho português.¹⁷

Contudo, apesar dos vestígios de um dinamismo comercial, a circulação monetária era escassa. O que tornou comum o hábito dos comerciantes judeus, reproduzindo o costume dos outros negociantes, de pagar o aluguel de suas instalações comerciais com peles de castor, brandy ou qualquer outra mercadoria acertada pelas duas partes. Somente nos anos de 1680, foi introduzida a utilização das moedas de prata como forma de pagamento.¹⁸

A economia em Nova Amsterdã ganhou impulso quando redes familiares de judeus da Inglaterra migraram para Nova Iorque no fim do século XVII e início do XVIII. Entre as famílias, podemos destacar: os Levy, Frank, Simson, Nunes, Pacheco, Machado, Seixas, todos aparentados de alguma forma. Essas famílias trouxeram novas conexões que ampliaram o comércio, além de aumentar a entrada de divisas na forma de empréstimos ou financiamentos.

No fim do século XVII, os judeus ainda encontravam muitas restrições para seus negócios. Até 1690, não podiam possuir lojas varejistas. Na tentativa de superar esta restrição improvisavam pequenas lojas na frente ou no fundo de suas

¹⁶ Marcus, J. *The Colonial American Jew*_v.2. Wayne State University Press. Detroit, 1970

¹⁷ Feldstein, Stanley. *The Land that I Show You- Three centuries of jewish life in America*. Anchor Press/ Doubleday. Garden City, New York, 1978

¹⁸ Oliver A Rink, *Holland on the Hudson: An Economic and Social History of Dutch New York*, Ithaca, NY: Cornell, 1986

casas. Alguns deles contavam com seus parentes de Londres ou da Holanda, e iniciaram suas atividades capitalizados. Esse foi o caso de David Ferera, em Maryland, que entre outras atividades de mercancia, apesar das proibições, possuía uma loja de utensílios domésticos. Moses Levy e Jacob Frank, dois dos mais proeminentes homens de negócio de Nova Iorque e Filadélfia no século XVIII, iniciaram seus trabalhos como lojistas, contando com o apoio financeiro de seus irmãos de Londres, através de sociedade. Para que isso acontecesse havia uma parceria entre os empresários e os lojistas. Os mercadores forneciam produtos em consignação ou créditos em mercadorias e prazos para pagamento, ficavam responsáveis pela importação dos produtos e faziam o embarque de Londres ou de outros portos no Caribe. A dívida contraída seria paga somente após a venda ao consumidor final.

Os grandes lojistas ofereciam ao seu cliente uma variedade maior de bens de consumo. Em 1745, o estoque do lojista Isaac Levy de Nova Iorque incluía desde chá, cera de abelha, tinta para caneta, caneta, vestuário feminino e infantil até instrumentos musicais, como vinte e quatro tipos de harpas.

No Leste e na Europa Central, as mulheres judias também deram sua contribuição ao comércio local, tinham longa tradição na participação nesse setor, e em Nova Amsterdã essa tradição foi retomada. Como pequenas lojistas ou grandes negociantes, viúvas administravam os negócios dos falecidos maridos, ou mesmo casadas e solteiras cuidavam de pequenas lojas. O exemplo de uma grande negociante foi Rachel Levy, irmã de Asser Levy, que dirigia o comércio de importação de rum de Boston e Rode Island e por vezes trazia chocolate de Curaçao.¹⁹

¹⁹ Idem; Maika, op. Cit.

Na maioria das vezes o comércio a varejo era um ramo de atividade modesto, direcionado para pequenos utensílios domésticos, remédios e jornais locais. Frequentemente, a maior parte das vendas era realizada de porta em porta diretamente ao consumidor, a loja servia somente de estoque para a mercadoria. Por vezes essa atividade confundia-se com o ofício de mascate, onde judeus tinham somente uma pequena atuação, foram encontrados raros registros de judeus atuando no ofício, alguns em Connecticut e outro em Nova Iorque, mas isso ocorreu após um século de colonização judaica na América do Norte. É importante destacar a diferença entre o vendedor ambulante ou prestamista e o mascate. O ambulante concentra-se nos limites da cidade, principalmente nos subúrbios. As vendas são realizadas predominantemente à prestação, sua mercadoria lhe confere um retorno de médio ou longo prazo, pratica a sucessividade da dívida do freguês; assim que o cliente salda sua dívida ele já inicia uma nova com a compra de mais mercadorias. O mascate trabalha principalmente na zona rural, em vilas ou pequenos povoados e em alguns vilarejos, viaja através de extensas regiões, visitando principalmente lugares ermos. O mascate carrega uma mercadoria de retorno rápido, mais barata, por que vende, na maioria das vezes, à vista.²⁰

O ofício de mascate foi exercido pelos judeus em diversos países da diáspora, segundo Werner Sombart, existia entre os judeus uma categoria de negociantes que prestavam serviço às pessoas menos afortunadas. Esses negociantes vendem à gente pobre roupas e fazendas, e recebem o que lhes devem

²⁰ Lewin, Helena. *A Economia errante: A inserção dos imigrantes judeus no processo produtivo brasileiro* In Ato de presença: hineni- Homenagem a Rifka Berezin. Org. Moacir Amâncio. Associação Editorial Humanitas. São Paulo, 2005

em prestações”²¹. O judeu então, enquadraria-se na categoria de prestamista e não de mascate.

Na América do Norte a atividade de mascate enfrentou diversos obstáculos, por necessitar de boas rotas comerciais, de centros organizados na zona rural e tranqüilas estradas, características raras de serem encontradas na América Colonial. Além disso, o comércio sedentário enfrentou forte oposição de mercadores e lojistas que construíram uma série de calúnias contra eles, uma vez que eram concorrentes nos negócios. Foram divulgados rótulos difamatórios que associavam os mascates a trapaceiros, receptadores de mercadorias roubadas e ainda agentes transmissores de doenças. Os governos das províncias, influenciados pela classe mercadora, aprovou leis que limitavam a atividade dos mascates impondo-lhes pesadas taxas para obtenção da licença, que eram apenas válidas por um curto período. O preconceito contra a atividade dos mascates foi resultado de motivos econômicos e não se referia apenas aos judeus, mas também a indivíduos de outras crenças religiosas. Temos registro, do ano de 1660, sobre mascates judeus que trabalhavam na região de Connecticut, negociando gado, cavalos e produtos locais com as fazendas da região. Em 1680, Isaac Gabai Faro, de Nova Iorque, é mencionado como mascate, trabalhando em parceria com Joseph Brown (Pardo), parente do *chazzan* de Nova Iorque, Saul Pardo (Brown).²²

Era difícil para os judeus na América colonial iniciar um trabalho ou ingressar numa carreira profissional. Uma oportunidade era às vezes oferecida a um jovem, que era treinado por um experiente comerciante que o iniciava na profissão. Como

²¹ Sombart, Werner (1923). *Les Juifs et la Vie Economique*. Paris: Seoul, p. 201, citado por Lewin, Helena, op. Cit.

²² Book F, p 94 (1707-1711) Emanuel Marques, Register of the Province, .S.C. Archives, Columbia;The South Carolina Historical and Geological magazine, XXIX, 273; Mordechai Nathan, Charleston, S.C., to Nathan Simsom, New York, april 29, 1914, Simson Papers; Publications of American Jewish Historical Society XLIX, 36ff; Force tracts, I, 27; Publications of American jewish historical Society, X, 72, 88-89 in Marcus, J. The Colonial America Jew, V. II pp.552

ajudante e “aprendiz”, a exemplo das Corporações de Ofício medievais, o jovem judeu servia o comerciante por cinco anos, e em troca recebia lições de contabilidade e artesanato de manufaturas, além de alojamento, roupas, comida e escola noturna no inverno. Após algum tempo, o comerciante era obrigado fornecer em consignação, dez toneladas de provisões, para que o aprendiz iniciasse seus negócios.

Um dos judeus do século XVIII de Nova Amsterdã, Salomon Morache, fundador da Sinagoga da Filadélfia, Mikveh Israel Sinagogue, parente distante de Asser Levy, iniciou sua carreira dessa forma. Sua mãe o encaminhou a um judeu holandês de Nova Iorque, Isaac Hays, importante homem de negócios, quando ainda tinha cerca de catorze anos. Morache aprendeu o ofício com Hays, mas não concluiu o prazo de cinco anos, por Hays ter retornado à Holanda. Morache se tornou lojista e mercador e em 1760 fez sociedade com Hayman Levy, mercador da família Levy de Londres.²³

O preconceito e a discriminação contra os judeus se estendeu até proibições manufatureiras. Em 14 de junho de 1656, Peter Stuyvesant recebeu um carta da Companhia das Índias Ocidentais para que proibisse os judeus ou portugueses cristãos-novos a se estabelecerem como mecânicos, de acordo com o regulamento holandês. Entretanto, judeus traziam consigo habilidades manuais, muitas vezes herdadas de seus pais. À medida que judeus europeus foram excluídos da “guildas”, formaram suas próprias “guildas” e havia uma área dedicada à produção industrial. Em Amsterdã, alguns setores não excluía os judeus, em particular o tabaco, o chocolate e a lapidação de diamantes.²⁴ Os ofícios eram transmitidos de pai para

²³ Marcus, J. *Jewish Businessmen* in op. cit vol. II pp. 559 . Hayman Levy era também parente de Morache, parente distante também de Asher Levy e cunhado do famoso joalheiro Myers Myers.

²⁴ Israel, Jonathan. *Diasporas within a Diaspora*. Brill. *Jews, Cripto-Jews and the World Maritime Empires (1540-1740)* Leiden. Boston. Köln, 2002. pp. 395

filho. Em Nova Iorque, alguns judeus destacaram-se em atividades manufatureiras e no artesanato. Nos registros da cidade de Nova Iorque encontramos uma lista dos homens livres, onde constam judeus fabricantes de sabão, relojoeiros, joalheiros, sapateiros, alfaiates e padeiros, entre outros.

O mais famoso artesão judeu do século XVIII, foi Myer Myers, nascido em Nova Iorque, parente distante de Asser Levy que produzia artigos em prata e ouro. Foi eleito presidente da “Sociedade de joalheiros em Ouro e Prata de Nova Iorque”, organização que fazia parte da “Sociedade geral de Mecânica e Negócios”.²⁵ Fabricava desde artigos finos para residências, jóias, até ornamentos para os rolos da bíblia hebraica da sinagoga de Nova Iorque, da qual foi presidente nos anos de 1780. Seu irmão confeccionava sinos que foram exibidos no topo da penitenciária e na Bolsa de Valores de Nova Iorque. Outro joalheiro de destaque foi Levy Simons, que fazia propaganda de sua oficina no jornal da cidade de Nova Iorque. Lembramos que, algumas décadas antes, Isaac Navarro destacou-se na arte da ourivesaria no Recife e em Nova Amsterdã, sendo responsável pela pintura da sinagoga de Nova Iorque, depois mudou-se para Annapolis, em Maryland, onde passou a fabricar chocolate.

Samuel de Lucena, descendente de Jacob de Lucena, obteve o monopólio na construção de uma fábrica de *potássio*, abarcando uma área de 20 milhas, e James Lucena, em 1760, obteve monopólio, por dez anos, para fabricar sabão em Rhode Island.

²⁵ Trad. “Gold and Silversmith’s Society” que fazia parte da “The General Society of Mechanics and Tradesmen”, fundada em 1785 com os slogan *By hammer and hands all arts to Stand* Sobre Myers Myers ver: Rosenbaum, Jeanette. Myers Myers, Goldsmith 1723-1795. Philadelphia, 1964; Garret, W. Colonial Craftsmen and Clientele: Jewish Silversmith in early New York. Myers Myers(1723- 1795)

Judeus se salientaram também como profissionais liberais. Em Maryland, Jacob Lumbroso, que chegou do Brasil no navio Saint Catherine, atuava como advogado e exercia também outras atividades como, médico, agricultor e comerciante. Havia uma demanda da profissão de advogado devido aos litígios comerciais. Jacob Lumbroso advogou em muitos desses casos.

Apesar de não possuir licença de magistrado, Lumbroso foi muito requisitado, principalmente em pendências comerciais com as colônias caribenhas. Asser Levy também se destacou nesse ofício, representando legalmente muitos de seus amigos. Em uma ocasião auxiliou José da Costa em uma pendência que havia deixado no Recife com um holandês. O processo já havia sido julgado no Brasil e a dívida só não foi saldada devido a guerra de restauração dos portugueses. Serviu também a Abraham Cohen, de Amsterdã, recebendo como pagamento 1620 guilders.

Nos séculos XVII e início do XVIII era comum mesmo sem ter diploma acadêmico, advogarem junto aos mercadores em geral, intervindo em disputas comerciais com o Caribe.

Nos anos de 1760, o filho de um importante mercador - David Franks, foi o primeiro judeu a possuir o direito de estudar na Universidade da Pensilvânia. Moses Franks, após completar seus estudos, foi aceito em Londres para aprimorar seus estudos. Exerceu oficialmente a profissão de advogado e mudou-se para as Bahamas, onde se tornou chefe de justiça.²⁶

A atividade da medicina representou em todos os tempos uma tradição na vida judaica. Famosas eram as academias árabes na Península Ibérica onde auxiliavam dentro e fora da comunidade judaica. Data da década de 1650, o registro do médico, Dr. Jacob Lumbroso, que vivia na colônia de Maryland.

Em 1738, Dr. Issac Abrahams, filho do “mohet”, que era também professor e mercador, Abraham Israel, que viveu no Brasil durante o governo holandês, foi o primeiro judeu a graduar-se em medicina no King’s College na cidade de Nova Iorque.²⁷

Como forma de diversificar seus negócios, os judeus atuaram de forma discreta no setor imobiliário. A compra de bens de raiz como forma de investimento não era usual entre a comunidade judaica da Nova Holanda. Mesmo após conquistarem o direito à propriedade, o aluguel de imóveis prevalecia. Não há documentação que demonstre uma compra de grandes imóveis comerciais durante os cinco primeiros anos, o que difere do Brasil, aonde judeus chegaram a ser proprietários de grandes fazendas e engenhos de cana de açúcar.

Em Nova Amsterdã, a primeira propriedade foi adquirida por Asser Levy, em 1661. O imóvel localizava-se em Beverwyck, hoje em dia Albany, e foi vendido um ano depois. Levy nunca chegou a residir nessa propriedade que foi arrendada. Não conhecemos nessa época outro exemplo de imóvel para investimento.²⁸

O sistema de burgos, adotado em Nova Amsterdã, incentivava os habitantes a prestarem apoio mútuo e quando as importações aumentaram no porto, todos se beneficiaram. Mas, a instalação desse sistema não conseguiu combater a fiscalização portuária. Riscos comerciais eram típicos nessas comunidades pioneiras, e Nova Amsterdã não foi exceção. Quando em 1656 Isaac Israel, judeu que havia vivido no Recife holandês, embarcou uma carga de produtos para o South River e um acidente destruiu seu barco, uma parte dos produtos foi salva, mas durante o resgate, dez galões de brandy e quinze pacotes de queijo foram roubados.

²⁶ Publications of American Jewish Historical Society, XVIII, 213; XIX, 107, 120; XXII 149-50

²⁷ Abraham Israel é descendente de David Israel, um dos pioneiros do Saint Catherine, refugiado do Brasil

²⁸ Marcus, op. Cit. v. II

Israel moveu processo judicial contra a administração colonial por perdas e danos. Era essa uma época onde trapanças e contrabando eram corriqueiros. Certa vez, o mercador Salvador Dandrada que chegou na colônia em 1655 direto da Holanda, foi acusado de comprar um taça de prata que havia sido roubada. Por vezes, algumas mercadorias que chegavam à colônia eram extraviadas e passavam às mãos de alguma autoridade. Podemos citar outro exemplo, quando Moses da Silva, mercador judeu holandês enviou uma carga de brandy para Nova Amsterdã, esta foi entregue por engano ao xerife Cornelis Van Tienhoven, que se apropriou da mercadoria.²⁹

Após três difíceis anos iniciais, os judeus conseguiram adquirir diversos direitos necessários para sua sobrevivência. Em 1657 novas oportunidades se abriram, permitindo que os chegados do Brasil se movimentassem com mais desenvoltura.

Os direitos que os judeus gradativamente alcançaram em Nova Amsterdã, não foram concedidos voluntariamente pelos colonos holandeses, mas foram impostos por ordem de autoridades da metrópole. O suporte político recebido da Holanda não pode ser superestimado. Apesar de os judeus da Holanda possuírem certa influência capaz de pressionar o governo holandês em favor de seus companheiros nas colônias, outros interesses entravam em jogo. Havia por exemplo, a necessidade de encontrar novas regiões para onde enviar os judeus humildes da Holanda, os centros urbanos já não comportavam a população pobre, especialmente a judaica, por ter sua atuação na produção manufatureira restrita. A solução encontrada foi o direcionamento dessa população para colônias que possuíam como

²⁹ Marcus, op. Cit. v. II

base a agricultura, como foi o caso da Nova Zelândia e do Caribe, onde os judeus operariam na abertura de novos mercados e na produção agrícola.³⁰

Foi sabendo lidar com os diversos interesses que os sefaraditas da Nova Holanda conseguiram se destacar economicamente na colônia norte-americana.

³⁰ Israel, Jonathan. *Diasporas ... op. cit.*

Capítulo VIII- O Legado dos descendentes Luso-brasileiros

Encontramos descendentes dos pioneiros sefaraditas presentes no século XVII, no âmago dos principais eventos da história norte-americana.

Nos anos que antecederam a Revolução norte-americana, em 1733, o judeu Rodrigo Pacheco foi um dos cinco líderes do protesto contra o “*Molasses Act*” imposto pelas autoridades britânicas. De acordo com essa lei todo o melaço de cana que fosse transportado por navios não ingleses deveria ser taxado, tornando o produto mais caro do que aquele comercializado pelos ingleses. Os judeus que desde o fim do século XVI e início do século XVII tinham experiência no comércio de açúcar foram duramente atingidos por essa lei. Os mercadores cristãos buscaram apoio nos judeus e fizeram um grande protesto, que culminou com o não cumprimento da lei. Outros judeus aderiram ao protesto, foram eles: Mordechai e David Gomes, Bernard Hart e Solomon Simson.¹ Esse ato britânico foi precedido por uma série de outros impostos e taxas, que levou a população das treze colônias a se rebelar contra a metrópole inglesa, exigindo sua independência.

Nos primeiros anos do século XVIII, diversos sefaraditas, membros da sinagoga Shearith Israel de Nova Iorque foram eleitos para agentes policiais da cidade, honra até então só permitida aos protestantes. Entre os eleitos estavam Nathan Simson e Samuel Levy, em 1718, Moses Levy, em 1719, Jacob Franks em 1720 e Jacob Hays em 1726.²

Na Revolução Americana, muitos descendentes dos primeiros sefaraditas lutaram lado a lado pela liberdade da nação norte-americana. Como já citado

¹Angel, Rabi Marc. Remnant of Israel. A Portrait of America's First Jewish Congregation. Riverside Book Company Inc. New York, 2004

² idem

anteriormente, o neto de Asser Levy lutou ao lado das tropas revolucionárias por Nova Jersey. Outros colaboraram no conflito de diversas formas, tanto no combate como em ocupações civis. O superintendente das finanças das tropas coloniais, Robert Morris, teve três judeus como auxiliares, Haym Solomon, da Filadélfia, Jacob Hart, de Baltimore e Isaac Levy, de Nova Iorque, que chegou ao posto de tenente-coronel.

A família Levy teve seus descendentes intimamente envolvidos na causa revolucionária. A filha de Moses Levy, Billah Abigail casou-se com Jacob Franks, importante judeu mercador da Filadélfia. Jacob Franks era secretário do coronel Isaac Franks, oficial do exército Continental, que lutou na batalha de Long Island. Franks também era parente do tenente-coronel David Salisbury Franks, oficial do grupo da tropa do coronel Washington. David Franks foi condecorado marechal no dia em que George Washington tornou-se presidente. A outra neta de Moses Levy, Phila, casou-se com o general Oliver de Lancey, oficial da Revolução, que mais tarde tornou-se *Chaplain in Ordinary* do rei George III. O cunhado de Phila, James de Lancey era governador da Província de Nova Iorque.³

Joseph Simon, Bernard Gratz e Aaron Levy, mercadores judeus da Filadélfia, supriram as tropas da Pensilvânia com armas, alimentos e roupas. Isaac Levy e Myers Michaels financiaram a causa da Virgínia. Manuel Josephson, de Nova Iorque equipou o exército continental de armamentos.⁴ Como prova de gratidão ao apoio recibo dos judeus durante as campanhas militares, em 1790, o Presidente Washington enviou cartas aos líderes da comunidade judaica assegurando aos judeus igualdade como cidadãos.

³ Cardozo's papers. Columbia University in the city of New York. Microfilm. The Jewish National and University Library. Jerusalém, Israel.

⁴ Feldstein, Stanley. *The Land that I Show You- Three centuries of Jewish Life in America*. Anchor Press/ Doubleday. Garden City, New York, 1978

O artesão e ourives Myer Myers, judeu descendente da comunidade de Amsterdã, também lutou na milícia americana durante o período da revolução. Myers foi mantenedor da sinagoga portuguesa de Nova Iorque nos anos de 1759 a 1770. Em 1784 foi membro do comitê que negociou terras para a expansão do cemitério judaico da cidade. Teve seu trabalho reconhecido no ano de 2001, quando a Galeria de Arte da Universidade de Yale organizou uma exposição com o seu trabalho.



Em 1768, Isaac Moses, judeu português da Holanda, mantenedor da sinagoga portuguesa de Nova Iorque, foi um dos fundadores da Câmara de Comércio de Nova Iorque. Ele foi o responsável pelo esboço da constituição dessa Câmara.

Em 1792, vinte e quatro mercadores e corretores de valores se reuniram para criar a Bolsa de Valores de Nova Iorque e assinar o Acordo de *Buttonwood*, que estabelecia as regras e o compromisso entre os investidores e a instituição recém-formada. Entre eles encontravam-se três judeus, o sefardi de Nova Iorque Benjamim Nathan Mendes Seixas, filho de Isaac Mendes Seixas e neto de Gershom

Mendes Seixas, grande líder religioso da sinagoga portuguesa Shearith Israel, e os askenazitas Ephraim Hart e Alexander Zuntz.⁵ Benjamim Mendes Seixas uniu duas famílias sefaraditas de prestígio ao casar-se com Zipporah Levy, filha do empresário Hayman Levy e neta do mercador e benfeitor da comunidade judaica de Nova Iorque, Moses Levy.⁶

Gershom Mendes Seixas destacou-se também por ter sido o único judeu a pertencer ao grupo de incorporadores da *Columbia University*. Seixas integrou o quadro da diretoria da Universidade de 1787 a 1815. Seu sobrinho neto, Benjamim Nathan Cardozo, pertenceu à mesma diretoria anos depois, de 1928 a 1932.⁷

Benjamin Nathan Cardozo foi um sefaradi de destaque na sociedade nova-iorquina. Formou-se em Grego e Economia Política pela *Columbia University*. Era antes de mais nada, um jurista de grande popularidade. Foi designado para servir como juiz na Suprema Corte de apelações do Estado de Nova Iorque. Anos mais tarde, em 1932, uma comoção popular fez com que o presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, apontasse Cardozo como Chefe da Suprema Corte de Justiça do país. No dia em que assumiu o cargo o jornal *New York Times*, deu a notícia “A determinação final do presidente Hoover mostrou que o jurista de Nova Iorque era o melhor homem para a política. Isso deu ao país o melhor tipo de juiz”.⁸

No século XIX, membros da sinagoga portuguesa Shearith Israel, fundaram o primeiro Hospital judaico de Nova Iorque, que ficava na rua 28. Sampson Simson, Benjamin Nathan, Henry Hendricks, Theodore Seixas fundaram o hospital que se

⁵ Idem

⁶ O Pai de Gershon Mendes Seixas era Isaac Mendes Seixas, que deu nome ao neto. Nascido em Lisboa, chegou em New York em 1740. Casou com Raquel Levy, que era sobrinha-neta de Asser Levy, constituindo um núcleo familiar judaico de grande tradição na cidade. Ver: Malcolm H. Stern. *First American Jewish Families-600 Genealogies. 1654-1988*. Ottenheimer Publishers, Inc. Baltimore, Maryland, 1991

⁷ Columbia University Press. Benjamin Nathan Cardozo. 89C, 90AM, '92, '15LLD. September 23, 1938. The Jewish National and University Library. Jerusalém, Israel.

tornaria um centro de referência médico-hospitalar, renomeado em 1866 de Hospital Monte Sinai.

Anos depois, em 1884, a partir da preocupação em atender maior número de pessoas carentes, outros membros da sinagoga portuguesa, liderados pelo Dr. Henry Pereira, estabeleceram mais um hospital, o Montifiore. O doutor Pereira, preocupado com a questão da inclusão na sociedade de crianças com necessidades especiais, fundou no fim do século XIX, uma escola para crianças com deficiência auditiva.⁹

Entre os fundadores do Hospital Monte Sinai, citamos acima, Henry Hendricks, empresário responsável pelo início da indústria de cobre e pela modernização da indústria naval norte-americana. Hendricks esteve envolvido sempre com o financiamento a entidades assistenciais judaicas, como a *Hebrew Benevolent Society*, que ajudou a criar em 1833 em sociedade com seu cunhado Benjamin Nathan. Sua família destacou-se em diversas áreas, como Annie Nathan Myers, fundadora do Barnard College. A décima geração da família Hendricks ainda vive em Nova Iorque. Ruth Hendricks Shulson, de 84 anos, colaborou para este trabalho relatando o orgulho de ser descendente dos primeiros sefaraditas da ilha de Manhattan. Seu antepassado Louis Moses Gomes foi o primeiro *Parnas* da sinagoga portuguesa *Shearith Israel*.

Ao fim do século XIX, Nova Iorque recebeu uma massa de imigrantes askenazitas fugitivos dos pogroms da Europa Oriental. Os recém-chegados experienciavam uma situação de grande miséria e diferença cultural, mas encontraram uma voz em sua defesa, Emma Lazarus, sefaradi, de uma família já

⁸ Idem. "...president Hoover's final determination to turn to the New York Jurist was the best kind of politics. Its give the country the best kind of judge"

⁹ op. Cit .nota 5

bem estabelecida na cidade. Emma era filha de Esther, irmã de Benjamin Nathan Mendes Seixas e filha de Gershom Mendes Seixas. Esther casou-se com Moses Lazarus e tiveram duas filhas, Emma e Josephine. Essa família destacou-se por sua veia artística. O irmão de Moses Lazarus, Jacob R. Lazarus foi um famoso pintor do século XIX. O Metropolitan Museum of Arts de Nova Iorque possui uma coleção chamada *Lazarus Collection*.¹⁰

Emma Lazarus tornou-se uma grande defensora dos novos imigrantes, expressou sua empatia em diversos poemas. Sempre envolta em grandes causas, vendeu parte de seus escritos para arrecadar fundos para a construção do pedestal onde ficaria a estátua da liberdade. Seu poema “Colossus” foi afixado no pedestal em 1903 e pode, ainda hoje, ser visitado.¹¹

*“Give me your tired, your poor
Your Huddled masses yearning to breathe free,
The Wretched refuse of your teeming shore
Send these, the homeless, tempest-tost to me,
I lift my lamp beside the golden door!”*

Entre os escritos dessa poetisa encontramos a preocupação com o lugar dos judeus no mundo. No artigo intitulado “O Problema Judaico”, Lazarus questiona que talvez mesmo a América não comporte os judeus e sua necessidade de segurança, decência e oportunidade. O contato com os judeus *askenazitas* da

¹⁰ Cardozo Papers. op. Cit.

¹¹ Trad. “De-me seu cansaço, sua pobreza/ sua aglomerada massa anseia por respirar liberdade/ O infeliz recusa sua costa repleta/ enviem-me os desabrigados/ Eu levantarei minha luz além da porta dourada!” ver: Rabi Marc D. Angel op. Cit.

Rússia trouxe a Emma Lazarus o despertar para a questão do anti-semitismo e sua aproximação com o ideal sionista.¹²

Estes foram alguns exemplos da contribuição de um pequeno grupo de judeus e seus descendentes para a formação da América.

¹² Cohen, Martin and Peck, Abraham J. Sephardim in the America- Studies in Culture and History. The American Jewish Archives. The University of Alabam Press, 1993

Considerações Finais

A Invasão holandesa no nordeste brasileiro foi movida pelo interesse da Companhia das Índias Ocidentais pelo controle do comércio do açúcar brasileiro. Ao vislumbrar possibilidades de projeção econômica, judeus da comunidade de Amsterdã seguiram em companhia dos holandeses nessa empreitada.

Os judeus, nas colônias holandesas da América, usufruíram de uma relativa “tolerância”. Puderam manter suas tradições e costumes, além da prática religiosa a portas fechadas. Como administradora das novas colônias, a Companhia das Índias Ocidentais garantia o exercício da tolerância em favor de maiores lucros, apesar de o anti-semitismo ter se pronunciado em diversos momentos, principalmente por parte dos clérigos da igreja Reformada.

No Brasil, os judeus procuraram organizar-se e criar uma comunidade segundo o modelo holandês. Receberam apoio religioso e financeiro da Congregação Judaica de Amsterdã, que estabeleceu filiais de suas organizações assistenciais, como por exemplo a “Companhia de dotar órfãos e donzelas pobres” que funcionou em Pernambuco, sendo seu representante e procurador Moisés Navarro (1639-41).¹

No Recife, os judeus alcançaram um nível de participação na sociedade, único exemplo nas comunidades judaicas do mundo, muito aquém do considerado em outras regiões da Europa. Incentivados pelo governador Maurício de Nassau, destacaram-se na engenharia, na botânica, na ourivesaria, na medicina, na poesia. Com a chegada dos rabinos de Amsterdã, a filosofia e a literatura sofreram grande impulso.

¹ Ribemboim, José Alexandre. Senhores de Engenho- Judeus em Pernambuco colonial 1542-1624. 20-20 Comunicação e Editora. Recife, 1995 pp. 95-99

Um novo tipo de sociedade foi criado no Novo Mundo, diferente em diversos aspectos. Foi possível aos judeus, no nordeste brasileiro, participar da agricultura, o que lhes era negado na Europa, bem como do comércio, da mercancia e das finanças. Estiveram presentes no meio urbano e rural. Serviram de conexão entre judeus e cristãos, agindo como intermediários nas relações comerciais entre o oeste-europeu e a América Ibérica.

Criaram redes internacionais de negócios e desempenharam um papel primordial no nordeste brasileiro, introduzindo artigos de luxos até então desconhecidos pela população local. Recife transformou-se em um pólo de desenvolvimento no Brasil do século XVII.

Apesar da tolerância religiosa garantida pela Companhia das Índias Ocidentais, católicos e calvinistas, liderados principalmente por padres e pastores ressentidos com o destaque social e econômico dos sefaraditas na sociedade pernambucana, foram agentes de discriminação e violência contra os judeus. Muitas foram as queixas e reclamações endereçadas aos diretores da Companhia das Índias Ocidentais, na tentativa de excluir os judeus dos negócios e da sociedade local.

Durante a guerra de reconquista do nordeste brasileiro, a Inquisição conseguiu retomar suas atividades na região, nesse período aproveitou-se da conturbada atmosfera para remeter a Lisboa cristãos-novos presos nas vilas retomadas pelos portugueses. Foi durante as batalhas que a Inquisição prendeu o maior número de soldados de origem cristã-nova.

Com a derrota holandesa no Brasil, os judeus não puderam optar por permanecer na região, pois com o retorno do governo português, a Inquisição teria liberdade para voltar a agir.

A guerra no nordeste brasileiro terminou em um acordo, onde os holandeses teriam um prazo estabelecido para deixar a região. Em um momento singular na história moderna os judeus foram tratados com respeito e dignidade pelo governo português, que aceitou a inclusão de um termo no acordo firmado com os holandeses, para que os judeus fossem tratados igualitariamente ao fim da guerra. A posição do governo português deveu-se principalmente a postura do general lusitano Francisco Barreto, responsável pelas negociações de retirada das tropas holandesas do Recife.

Segundo Evaldo Cabral de Mello, a saída dos holandeses e judeus do nordeste do Brasil fez parte de negociações entre Portugal e Holanda que se estendeu até 1661, teve repercussão diplomática mundial e terminou com vantagens comerciais para a Holanda.²

Os cristãos-novos foram, então, obrigados a um novo êxodo, espalhando-se entre as colônias holandesas do Caribe e da América do Norte(Nova Holanda). Entretanto, a “tolerância” defendida pela Companhia das Índias Ocidentais foi perdendo força. Após 1654, houve uma transferência do eixo econômico Brasil-Holanda-Portugal para o comércio entre o Caribe, Amsterdã e Espanha, ao mesmo tempo em que a Inglaterra suplantava Portugal no comércio marítimo colonial.³ A Companhia das Índias Ocidentais, na década de 1650, teve sua liderança nos negócios ameaçada pela nova força marítima que a política econômica inglesa de Cromwell impunha. No contexto de disputa mercante, os judeus e cristãos-novos vistos até então como fortes aliados econômicos passaram a ser encarados como concorrentes pela Companhia.

² Mello, Evaldo Cabral. O Negócio do Brasil. Op. cit. p.13

A partir desses acontecimentos houve relutância por parte da República holandesa em estender os benefícios dados aos judeus no Recife a outras colônias holandesas na América. Mesmo na colônia do nordeste brasileiro, já havia por parte de alguns investidores protestantes da Companhia das Índias Ocidentais, uma freqüente oposição a participação comercial judaica. Essa oposição foi intensificada após a derrota holandesa no Brasil e o conseqüente prejuízo experienciado.⁴ A Companhia passou, então, a incentivar os assentamentos judaicos nas colônias onde as habilidades agrícolas e os conhecimentos da produção da cana-de-açúcar dos cristãos novos fossem necessários.⁵

Na colônia de Nova Amsterdã essa política foi amplamente difundida na figura do governador da colônia Peter Stuvesant, que pretendia manter afastados os judeus do comércio local e mesmo da colônia. A permanência dos judeus só foi consentida sob rígidas restrições econômicas e religiosas.

Durante toda a duração do governo holandês na região da Nova Holanda, essas restrições foram sendo combatidas pela comunidade judaica que se formava. Distante do desenvolvimento cultural e artístico que os judeus viveram no Recife, a pequena colônia tornou-se um marco na luta pela sobrevivência e direitos de cidadania dos judeus. A presença judaica em Nova Amsterdã representou um novo ímpeto ao combate à política xenofóbica de Peter Stuyvesant.

Em meio a todas as vicissitudes encontradas, e algumas superadas pelos judeus na Nova Holanda, uma pessoa se destacou pelo seu espírito de liderança e

⁴ Israel, Jonathan. *Diasporas Within a Diaspora. Jews, Crypto-Jews and the World Maritime Empires (1540-1740)*. Brill's series in Jewish studies. Vol. 30. Brill, Leiden, Boston, Koln, 2002.

⁵ Os assentamentos nas colônias de Curaçao, Barbados e Antilhas foram encorajados, para que o cultivo da cana-de-açúcar prosperasse a partir dos conhecimentos dos sefaraditas nessa cultura. A Holanda passou a cultivar o açúcar nas Antilhas e exportar para a Europa, oferecendo concorrência para o açúcar brasileiro, o que desencadeou uma queda internacional no preço do açúcar e no Brasil provocou a ruína de muitos senhores de engenho. *in* Cannabrava. AP. "A Influência do Fabrico do açúcar nas Antilhas Francesa e Inglesa no meado do século XVII" *in* Anuário da faculdade de ciências Econômicas e Administrativas. São Paulo, 1946.

diplomacia, Asser Levy. Circulava entre cristãos e judeus com a mesma desenvoltura e se tornou um dos homens mais respeitados daquela sociedade, mantendo íntimas relações com a comunidade protestante. Para outras minorias, tais como presbiterianos e luteranos, Levy, por nunca se conformar em viver à margem da sociedade, tornou-se um símbolo da luta por direitos civis.

Ao mesmo tempo em que Manhattan ia se modificando e ganhando ares urbanos, os judeus, com muita dificuldade, iam adquirindo o direito de participar dos negócios da região, possuir seu próprio abatedouro de animais e construir um cemitério.

Em 1660, a colônia holandesa de Nova Amsterdã foi tomada pela Inglaterra. A administração não sofreu profundas alterações, muitos que integravam o governo colonial permanecerem em seus cargos como auxiliares dos ingleses. Para os judeus, as restrições, principalmente à participação política, foram mantidas, bem como os direitos que já haviam conquistado.

Profissionalmente os judeus obtiveram sucesso em diversas atividades, ampliaram seus negócios com o Caribe, que nesse momento destacava-se na produção de cana de açúcar. Houve também um aumento do intercâmbio social e econômico entre as comunidades judaicas de Londres e a que se estabelecia em Nova Amsterdã, devido principalmente às relações de parentesco que unia seus integrantes.⁶

O estabelecimento de uma sinagoga só foi documentado oficialmente em 1700. Contudo, registros indicam uma sinagoga funcionando em casas de particulares desde 1656. Shearith Israel foi o nome escolhido para esta Congregação que no século XVIII passou a centralizar todas as atividades

comunitárias, tais como as cerimônias de nascimento, maioridade judaica, casamento e morte, além dos cuidados com a dieta alimentar, educação e filantropia. Seus líderes espirituais, apoiados pelos integrantes da Congregação, participaram ativamente da luta pela liberdade colonial, contra a opressão da metrópole inglesa.

Com o passar dos anos, descendentes dos pioneiros sefaraditas casaram-se com judeus que chegavam de outras regiões, principalmente da Inglaterra e do Caribe, suas famílias alcançaram posição de destaque na elite colonial. Construíram hospitais, os mais bem conceituados, escolas, bibliotecas, integraram o meio acadêmico, contribuíram ativamente para o progresso econômico e ocuparam altos cargos públicos.

Somente após a independência norte-americana os judeus puderam alcançar sua plena cidadania. A constituição dos Estados Unidos passou a garantir os princípios de igualdade e liberdade a todos, independentemente de seu credo e a vida judaica floresceu, tanto do ponto de vista religioso como econômico.

⁶ A Comunidade judaica de Londres inicialmente foi formada por judeus e cristãos-novos sefaraditas da Holanda, Brasil, Veneza e Livorno.

Bibliografia Consultada

I - Fontes primárias

a) DOCUMENTOS MANUSCRITOS

Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo- Lisboa- Cópia do Arquivo particular Anita Novinsky – processos da Inquisição de Lisboa

Miguel Fracês- nº 7276

Diogo Henriques – nº 1.770

Gabriel Mendes- nº11.362

João Nunes Velho – nº 11.575

b) DOCUMENTOS IMPRESSOS

Asser Levy. The New York Genealogical and Biographical Record. Vol. 2, July 1971
nº3

American Jewish Archives. V. 1 June, 1942- *Jewish complains during Civil War.*

New York Historical Records: Early Colonial Settlements (cartas entre os judeus e a Companhia das Índias Ocidentais)

CARDOZO'S papers. Columbia University in the city of New York. Microfilm. The Jewish National and University Library. Jerusalém , Israel

COLLECTIONS of Connecticut Historical Society XVI, 200 ff

DAG. NOTULE de 22 de janeiro de 1654, Algemeen Rijksarchief, Haia , Holanda, Criminele Papieren, 1624 nº 22 Portefeuille van

DAG NOTULE de 21 de fevereiro de 1654. *Oude West Indische Compagnie*, coleção de MSS (códices e maços), 75 . Algemeen Rijksarchief, Haia, Holanda

DEZESSETE Cartas de Vicente Joaquim Soler 1636-1643 in *Brasil Holandês*.

Editora Index. Rio de Janeiro, 1999

DRUCKER, Erna. Jewish Settlers in New Amsterdam and Early New York. 1654-1824. A Selected Annotated Guide to Source Materials. New York: City College of New York, Master of Library Science Thesis at Queens College, 1984..

FERNOW, B. *Documents Relating to the History of The Early Colonial Settlements* . Albany, NY. Parsons and Company, 1883

-----Documents relating to the History of Early colonial Settlements principally on Long Island, With a map of its western parts, made in 1666. Albany, NY : Weed . Parsons and Company, 1883

-----*The Records of New Amsterdam from 1653 to 1674 Anno Domini*. Baltimore: Genealogical Publishing Co. Inc. 1976

GEHRING, Concil Minutes, 1652-1654. New York State Public Library. Manuscripts division

HAIM, Isaac Karigal (1729-1777) A Sermon Preached at the Synagogue, in Newport, Rhode island, called "The Salvation of Israel"(May 28, 1773). Newport, Rhode Island: S. Southwick, translated by Abraham Lopez, 1773. Rare Book and Special Collections Division

-----*. Asser Levy and the inventories of early New York Jews* in American Jewish Archives Vol LXXX September 1990 n° 1

----- The Mill Street Synagogue Reconsidered in *American Jewish Quartely* Vol LIII , June 1964 n° 4

----- Dutch notarial records pertaining to Asser Levy, 1659- 1692 (Part Three: New Documents for the study of American Jewish history) American Jewish History- september 1, 2003

LAER, Van, A J.F. *New York Historical Manuscripts: Dutch* . vol.1, Register of Provincial Secretary, 1638-1642. Baltimore Genealogical Publishing Co, 1974

MELO, Francisco Manoel .*Termo de capitulação da guerra luso-holandesa. Restauração de Enáfora triunfante e outros escritos.* Secretaria do Interior. Recife, 1944 pp. 55-57

MENDES, David Franco e J. Mendes dos Remédios. *Os Judeos Portugueses em Amsterdão.* Lisboa: Edições Távola Redonda. 1990

MORTERA, Saul Levi. *Tratado da Verdade da Lei de Moisés* (Edição fac-similada, leitura do autógrafo (1659), introdução e comentários por H. P. Salomon) Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1988

_____ , “Providência de Dios com Ysrael” de 1662. Trad. Yehuda Machabeu. Publicado por David Franco Mendes no periódico hebraico *Há- Measeph* ,1784. American Jewish Historical Society

NEW Netherlands Council. Minutes, 1654, January 10-18. From the Arents Collection at New York Public Library, Rare Books and Manuscripts Division, The center for the Humanities. New York City, NY

NARRATIVES of New Netherland, 1609-1664, New York: Scribner, 1909

OPPENHEIM, Samuel. *A contemporary Account of how the Jews came to arrive in New Netherland.* American Jewish Historical Society Foundation, Philadelphia. October ,1926

OPPENHEIM , Samuel *The early History of the jews in New York. 1654- 1664. Some New Matter on the Subject* in Public at American Jewish Historical Society v. XVIII , 1909

----- . Notulen van Brasilië dated April 8. 1654. Copy furnished by R. Bijlsma in letter of January 22, 1925 in *Samuel Oppenheim Papers*, box 28- Brazil and Surinam- Notulen van brasilië, 1649-1654. American Jewish Historical Society.

----- . Archief Staten General dated June 25, 1657. N° 7406- Letter to the Estates General of Holland from Jewish Community in Amsterdam in *Samuel Oppenheim Papers*, box 29- Brazil and Suriname- Notulen van Brasiliën , 1649-1654. American Jewish Historical Society.

----- Minutes of States General dated november 14, 1654 in *Samuel Oppenheim Papers* , box 29 – Brazil and Surinam.American Jewish Historical Society

----- Stuyvesant, Peter. “Letter to the Dutch West India Company dated september 22, 1654 “in *Samuel Oppenheim Papers*, box 32- Brazil and Surinam. American Jewish Historical Society.

-----Megapolensis , Johan, Letter to the classis of Amsterdam dated March 18, 1655 in *Samuel Oppenheim Papers*, box 32- Brazil e Surinam. American Jewish Historical Society.

----- *Administrative Minutes. New York, 1661-1662 in Dutch* in *Samuel Oppenheim Papers*, American Jewish Historical Society

-----*An Early Jewish Colony in Western Guiana* in *Samuel Oppenheim Papers*. Unpublished Manuscripts and Variant readings of Published Articles. American Jewish Historical Society

-----*Excerpts from the Story of the Jews of Brazil, 1626-1654. A Paper Read at the meeting of American Jewish Historical Society, February 7-8, 1925* in *Samuel Oppenheim Papers*. Unpublished Manuscripts and Variant readings of Published Articles. American Jewish Historical Society

-----*Newport Early Jewish History : The first Arrivals, The Cemetery, the vote for protection in 1684 and the Early Freemasonry in Rhode Island-Some New Matter on the Subject* in Samuel Oppenheim Papers. Unpublished Manuscripts and Variant readings of Published Articles. American Jewish Historical Society.

-----*Letter of Hendrick van Reede van Reenswoode to the States General , dated at Madrid, 1658, circa February 1* in Samuel Oppenheim Papers. American Jewish Historical Society.

-----*Letter of Staten General to King of Spain and mutatis mutandis to Baron van Vatterville, Governor of St. Sebastiaen. Rijksarchief, Staten General, n° 3613, July 23, 1657* in Samuel Oppenheim Papers. American Jewish Historical Society.

-----*Resolutien van Staten Generaal dated november 14, 1654* in Samuel Oppenheim Papers. American Jewish Historical Society.

----- *Resolutien Staten Generaal, Archive Staten General n° 82* dated June 25, 1657 in Samuel Oppenheim Papers. American Jewish Historical Society.

O'CALLOGAN'S Collection: *New York Manuscripts* – New York Public Library, Manuscripts Division

-----: *Papers Relating to the City of New York*. Albany, 1849

-----*Documents relative to the Colonial history of State of New York: procured in Holland, England and France by John Romeyn Brodhead. Vol. 1/2/3. Albany: Weed, Parsons and Company, 1856*

RECORDS of Connecticut (1717-1725) P. 423,488,576,577

SILLE, Nicassius de. List of the houses of New Amsterdam , July, 10, 1660 in *New Netherland Papers*. New York Public Library, Manuscripts Division.

SOUZA Coutinho, Francisco de. Correspondência diplomática de Francisco de Suza Coutinho durante sua Embaixada em Holanda. Publicada por Edgar Prestage e Pedro Azevedo. Vol. 2, 1647-1648 (maio). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926

STRUCKER – Rodda. Harriet (Mott). Asser Levy in *The New York Genealogical and Biographical Records* vol 102 nº 3. New York Genealogical and Biographical society, 1971

THE JEWS of New York City 1654-1926- a Record of cooperation and service. New York: The Jewish tribune, 1927

TUCKERMAN, Bayard. *Peter Stuyvesant , Director- General for the West India Company in New Netherland*. New York: Dodd, Mead and Company, 1905

II - Bibliografia específica- Parte I

ASSIS, Angelo A Faria . SANTANA, Nara M. ALVES, Carlos Ronaldo S. Paes. Org. Desvelando o Poder- Histórias de dominação: Estado, Religião e Sociedade. .Ed. Vício de Leitura. Rio de Janeiro, 2007

BARLEUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Prefácio e notas de Mário G. Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia e São Paulo, EDUSP , 1982.

BODIAN , Mirian. Hebrews of the Portuguese Nation- Conversos and Community in early Modern Amsterdam. Indiana university Press. Michigan, 1999

BOXER, Charles. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola 1602-1686*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional / EDUSP, 1973.

------. *Os Holandeses no Brasil, 1624-1654*. São Paulo, Cia. Editora nacional, 1961

CALLADO, Padre Manuel. *O Valoroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1987 v.1

CARNEIRO, Maria Luiza. *Preconceito racial em Portugal e Brasil Colônia- os cristãos novos e o mito da pureza de sangue*. Ed. Perspectiva. São Paulo. 2ª ed., 2005.

DAVIS, David Brion. "The Slave Trade and the Jews". *New York Review of Books*. December, 22, 1994 p.14-16

DRESCHER, Seymour. "Jews and New Christians in the Atlantic Slave Trade," in *The Jews and the Expansion of Europe to the West, 1450 to 1800*, ed. Paolo Bernardini and Norman Fiering. New York: Berghahn Books, 2001, p. 455.

------. *From slavery to freedom: Comparative studies in the rise and Fall of Atlantic Slavery*. New York, New York University Press, 1999

EIRICEIRA, Conde. *História de Portugal restaurada*, 4 vols. Portugal, Porto, 1945-46.

FRANÇA, Eduardo D'Oliveira, *Portugal na época da Restauração*, S. Paulo, Haucitec, 1997.

GORENSTEIN, Lina e Carneiro, Maria Luiza Tucci (org.) *Ensaio sobre a Intolerância- Inquisição , Marranismo e Anti-semitismo*. São Paulo. Ed. Humanitas/LEI, 2ª ed. 2005

JEFFREIS, Leonard. "Speech made on July 20at the Empire state Black Arts and Cultural Festival in Albany". Publicado pelo New York Post an Account of a vitriolic anti-Semitism and Racist Speech. Agosto, 1991

KAYSERLING, Meyer. *A história dos Judeus em Portugal*, São Paulo. Editora Pioneira, 1971

KAPLAN, Yosef. *Judios novos en Amsterdam-* Estudio sobre la historia social e intelectual del judaismo sefardí en el siglo XVII. Gedisa editorial. Barcelona, 1996

LEWIN, Helena. *A Economia errante: A inserção dos imigrantes judeus no processo produtivo brasileiro* in Ato de presença: hineni- homenagem a Rifka Berezin. Org. Moacir Amâncio. Associação Editorial Humanitas. São Paulo, 2005

LIPNER, Elias. *Izaque de Castro, o mancebo que veio preso ao Brasil*. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 1992.

MELLO, Evaldo Cabral de. *O Negócio do Brasil- Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669*. Ed. TOPBOOKS. Rio de Janeiro, 1998

----- *Olinda Restaurada- Terra e açúcar, 1630/1654*. Rio de Janeiro, Forense, São Paulo, EDUSP, 1975

----- *Rubro Veio- O Imaginário Pernambucano*. 1º ed., Rio de Janeiro, Topbooks, 1997.

----- e outros. *O Brasil e os Holandeses 1630-1654*. Organização Paulo Herkwnholf. Ed. Sextante Artes. Rio de Janeiro, 1999

MELO, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação: Cristãos Novos e Judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana . Recife, 1996.

MENEZES, José Luis Mota. *A Cidade de Maurício- Observações sobre a história urbana de Recife* in A Presença Holandesa no Brasil: memória e imaginário. Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, 2004

NOVINSKY, Anita. *Cristãos Novos na Bahia: A Inquisição*. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1992.

----- “A Sobrevivência dos judeus na visão de Baruch Spinoza : O exemplo da Paraíba”. Artigo apresentado no congresso

----- “Uma devassa do bispo Dom Pedro da Silva 1635- 1637. Ed. Paulista nº .XXII”, p. 217-285, 1968

----- “A Historical Bias: The New Christians contribution of the dutch invaders of Brazil (17 Century) “The fifth World Congress of Jewish Studies”, 1972 p.141-154

----- *Inquisição – Inventários de bens confiscados a cristãos novos*. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Livraria Camões, 1976

----- *Marranos e a Inquisição : Sobre a rota do ouro em Minas Gerais* in *Judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Org. Keila Grinberg. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005

----- *Padre Antônio Vieira, A Inquisição e os Judeus*. Revista Novos Estudos CEBRAP nº 29- março de 1991. pp. 172-181

OLIVEIRA, Antônio de. *Poder e Oposição política em Portugal no Período Filipino, 1580 – 1640*. Lisboa, Difel, 1990.

RAMOS, Frank dos Santos. *O Paradoxo da América Católica: Kahal Kodosh Zur Israel.- a primeira comunidade judaica legal no Novo Mundo* in *Desvelando o Poder- Histórias da dominação: Estado, Religião, Sociedade*. Ed. Vício de Leitura.

REINAUX, Marcílio. *A Rendição dos Holandeses- Uma pintura de Baltazar da Câmara*. Prefeitura da cidade do Recife. Recife, 1983

SALVADOR, José Gonçalves. *Os Magnatas do Tráfico Negro*. Ed. Pioneira/ EDUSP-1981,SP

SANTOS, João Henrique. “A Inquisição Calvinista- O Sínodo do Brasil e os judeus no Brasil Holandês” in *Desvelando o Poder- Histórias de estado, Religião e Sociedade*. Org. Angelo Faria de Assis, Nara M. C. Santana, Ronaldo S. P. Alves. Ed. Vício de Leitura. Niterói, Rio de Janeiro, 2007

SILVA, Leonardo Dantas. “Zur Israel, Uma comunidade Judaica no Brasil” in *O Brasil e os Holandeses*. Ed. Sextante Artes, Rio de Janeiro, 1999

SILVA, Silvia Cortez. “O discurso anti semita na obra de Gilberto Freyre” in *O anti-semitismo nas Américas*. Org. Maria Luiza Tucci Carneiro. Edusp. São Paulo, 2007 pp. 323-350

SCHAMA, Simon. *O desconforto da riqueza- cultura holandesa na época do ouro*. Companhia das letras. São Paulo, 1992

TEIXEIRA, Dante Martins. “O Mito da natureza intocada: a história natural no Brasil Holandês (1624-1654) e sua contribuição para o conhecimento da história recente da fauna no Novo Mundo” in *A Presença Holandesa no Brasil: Memória e Imaginário*. Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, 2004

VAINFAS, Ronaldo. “A questão dos judeus novos” in *A Presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. Livro do Seminário Internacional. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2004.

WEITMAN Rabino Y. David. *Bandeirantes Espirituais do Brasil – séc. XVII*. Ed Mayaanot , 2003

WÄITJEN, Hermann. *O Domínio Colonial Hollandez no Brasil*. Rio de Janeiro. CEN, 1938

WIZNITZER, Arnold. *Os Judeus no Brasil Colonial*. Ed. Pioneira. São Paulo, 1966.

----- *The Exodus from Brazil and Arrivel in New Amsterdam of The Jewish Pilgrim Fathers, 1654*. American Jewish Historical Society, vol 44, 1954

----- *The Members of Brazilian Jewish Community 1648-1653* . Publications American Jewish Historical Society, vol. 42, 1953

----- *Jewish Soldier in Dutch Brazil (1630-1654)*. Publications American Jewish Historical Society, vol. 46, 1956

WOLFF, Egon e Frieda. *A Odisséia dos Judeus do Recife*. Centro de Estudos judaicos. São Paulo, 1979

Bibliografía específica – Parte II

ANGEL, Rabbi Marc D. *Remnant of Israel A Portrait of America's First Jewish Congregation- Shearith Israel*. Riverside Company Book Inc. 2004

ARBELL, Mordechai. *Early Relations between the jewish communities in the Caribbean and the Guianas and those of the near east 17th to 19th century*.
www.sefarad.org/publication

BECKER, Charles S. *Knickerboker Yontof: a play about the first settlers in New Amsterdam. Cincinnati*. OH: Bureau Publications. Bureau of Jewish Education, 1959

BEAUCHAMP, Valdivia S. *Stigma- Saga for a New World*. Pacific Cities Press. New York, 2004

BLACK, Mary. "A Brief History of the New York Jewish Community" in *City of Promise, Aspects of Jewish Life in New York 1654-1970*. New York Historical Society, 1971

BOYAJIAN, James C. "New Christians and Jews in the Sugar Trade , 1500-1750: Two centuries of development of Atlantic Economy" in *The Jew and Expansion of Europe to the West , 1450-1800*. Ed. Berghan Books. New York, 2001

BUTWIN, Francis. *The Jews of America – History and Sources*..Behrman House, New York, 1969

COHEN, M. and Peck, Abraham. *Sephardim in the Américas- Studies in culture and history*. American Jewish Archives. The University of Alabama Press. Tuscaloosa and London, 1993

COSTABEL, Eva Deutsch. *The Jews of New Amsterdam*. New York : Atheneum, 1988

DYER, Albion Morris. "Points in the First Chapter of New York Jewish History" in *Publication at American Jewish Historical Society, 1894, 2nd edition 1915.*

DRUCKER, Erna. *Jewish Settlers in New Amsterdam and Early New York. 1654-1825. A Selected Annotated Guide to Source Materials* .New York: City College of New York , Master of Library Science Thesis at Queens College, 1984.

DIMONT, Max. *The Jews in America- The roots and destiny of American Jews.* Simon and Schuster, New York, 1978

EMERSON, Caroline D. *New Amsterdam, Old Holland in the New World.* Champaign. IL: Garrard Publishing Co., 1967

FABER, Eli. *A Time for planting : The first migration 1654-1820.* Baltimore and London : Johns Hopkins University Press, 1992

FELDSTEIN, Stanley. *The Land that I show you – Three centuries of Jewish Life in America.* Anchor Press/ Doubleday, Garden City, New York, 1978

GRINSTEIN, Hyman B. *The rise of Jewish community of New York 1654-1680.* The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1945

GLANZ, Rudolf. *The History of Jewish Community in New York: an Analysis of Hyman B. Grinstein's The rise of Jewish community of New York 1654-1680* in Yivo Annual of Jewish Social Science. Vol. IV , 1949

GOLDEN, Harry and Gold Hurst, Richard. *Travels through jewish América.* Doubleday and Company, Inc. Garden City, New York, 1973

GOODMAN, Abram Vossen. *American Overture- Jewish Rights in Colonial Times.* The Jewish Publication Society of America, 1947

GROLLMAN, Earl A. Gollman . *Dictionary of American Jewish Biography in 17th century in American Jewish Archives,* 1950, Rosenbloom and Samuel Oppenheim Collection

GWYNN, Collen. *Jewish migration and settlement in the United States, 1654-1860* in Genealogical Journal, v. 7 n° 4 dec 1978

HERSHKOWITZ, Leo. *New Amsterdam's twenty-three jews: Myth or Reality* in Hebrew and the Bible in America : the first two centuries. Ed. Shalom Goldman . Hanover and London: University Press of New England. 1993. p 169-183

----- . *Asser Levy and the inventories of early New York Jews* in American Jewish Archives Vol LXXX September 1990 n° 1

----- “The Mill Street Synagogue Reconsidered” in *American Jewish Quartely* Vol LIII , June 1964 n° 4

----- *Dutch notarial records pertaining to Asser Levy, 1659- 1692* (Part Three: New Documents for the study of American Jewish history) American Jewish History- september 1, 2003

HUHNER, Leon. *Asser Levy : A noted Jewish Burgher of Amsterdam* in Publications American Jewish Historical Society VIII (1900) v.8

----- . *Whence came the first Jewish settlers of New York?* Publications American Jewish Historical Society v. IX, 1909, pp 75-85

HECKELMAN, Joseph . *The First Jew in the New World: The dramatic odyssey of the early jews into the Werstern Hemisphere* . Jay Street Publishers, New York, NY 10023. 2001

ISRAEL , Jonathan. “The Jews of Dutch America” in *The Jew and Expansion of Europe to the West, 1450 –1800*. Ed. Berghan Books. New York, 2001

----- . *Diasporas within a Diaspora. Jews, Cripto Jews and the world Maritime Empires (1540- 1740)* Brill's series in Jewish studies. Vol. 30. Brill, Leiden, Boston, Koln. 2002

JAMESON, J.E. *Narratives of Netherland 1609-1664*. New York: Charles Scribner's sons, 1909.

KAPLAN, Yosef. *The Curaçao and Amsterdam Jewish Communities in the 17th and 18th centuries* in Public at American Jewish Historical Society vol. LXXII , 1982-1983

KLOOSTER, Wim. *The Dutch in the America 1600-1800*. The John Carter Brown Library. Providence, Rhode Island, 1997

KESSLER, Henry and Eugene Rachlis. *Peter Stuyvesant and his New York*. New York : Random House , 1959

KOHLER, Max. *Civil Status of the Jews in Colonial New York* in American Jewish Historical Society v. VI , 1897

----- *Beginnings of New York Jewish History in Points in the first chapter of New York Jewish History* in Public at American Jewish Historical Society I, 1892 , 2nd edition, 1905

----- *Phases of Jewish Life in New York Before 1800* in Public at American Jewish Historical Society II, 1893, 2nd edition , 1915

LIBO, Kenneth. *In Footsteps of Columbus- Jews in America 1654-1880*. Tel Aviv : Beth Hatefutsoth. The Nahum Goldmann Museum of Jewish Diaspora, 1986-1987

----- and Irving Howe. *We lived there too: in their own words and pictures- Pioneer Jews and the Westward Movement in America , 1630-1930*. New York: St. Martin's/ Marek, 1984

LUTZ, Donald S. and Warren, Jack . *A Convenanted People- The religious tradition and the origins of American Constitutionalism*. The John Brown Carter Library. Providence, Rhode Island, 1987

MARCUS, J. *The Colonial American Jew*_v.1. Wayne State University Press. Detroit, 1970

-----OP.CIT V. 2

-----OP. CIT.v. 3

----- *The American Colonial Jew – A Study in Acculturation* . Syracuse: Syracuse University, 1967.

----- *The American Jewish Woman, 1654-1980*. Publishing House, Inc. New York. American Jewish Archives Cincinnati.

-----*Early American Jewry: The Jews of New York, England and Canada 1649-1794*. Vol 1. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1951

MAIKA, Dennis J. *Commerce and Community: Manhattan Merchants in the seventeenth century*. PhD Dissertation, New York University, 1995

OLIVER A, Rink. *Holland on the Hudson: An Economic and Social History of Dutch New York*. Ithaca, NY: Cornell, 1986

PESTANA, Carla Gardina. *Liberty of Conscience and the Growth of religious Diversity in Early America 1636-1786*. The John Carter Brown Library. Providence, Rhode Island, 1986

PHILLIPS, Rosalie S. *A Burial palce for Jewish Nation Forever in Public at American Jewish Historical Society* XVIII, 1909.

PHILLIPS, N. Taylor. *The Congregation Shearith Israel : An Historical Review in Public at american jewish Historical society* VI, 1897, reprint 1964

PTAK, Diane Snyder. *Lost and Found Albany : Albany area church and sinagogue vital records 1654-1925*. Albany: By the author, 1993

POSTAL, Bernard and Lionel Koppman. *American Jewish Landmarks*. Vol 1. New York : Feet Press Corporation, 1977

POOL, David de Sola. *Portraits etched in Stones : Early Jewish Settlers, 1682-1831*. New York : Columbia University Press, 1955

-----and Tamar de Sola. *An Old Faith in the New World: Portrait of Shearith Israel 1654-1954*. New York: Columbia University Press, 1955

POOL, David de Sola and Raphael Patai and Abraham Lopes Cardozo. *The World of Sephardim*. New York: Herzl Press, 1960

ROOSEVELT, Theodore . *A Sketch of the City's Social, Political and Commercial Progress from the first Dutch Settlement to Recent Times*. New York : Charles Scriber's Sons, 1909

_____ *Stuyvesant and the end of Dutch Rule. 1647-1664*

SACHAR, Howard M. *The course of Modern Jewish History*, New Revised Edition. New York: Vintage Books, 1990

SARNA, Jonathan. *American Judaism- a History*. Yale University Press. New Heaven & London. 2004

SCHAMA, Simon. *O desconforto da riqueza- cultura holandesa na época do ouro*. Companhia das letras. São Paulo, 1992

SCHAPPES, Morris U. *A Documentary History of the Jews in the United States 1654-1875*. Third Edition. New York: Schocken Books, 1971

STERN, Malcom H.. "Portuguese Sephardim in the Americas" in *Sephardim in the Americas: Studies in Culture and History*. Martin A . Cohen and Abraham J. Peck eds. Tuscaloosa and London: American Jewish Archives and University of Alabama Press, 1993

----- *First American Jewish Families: 600 Genealogies, 1654-1988.*

Baltimore, MD: Ottenheimer Publishers Inc. , 1991

SHORTO, Russel. *A ilha do Centro do Mundo*. Trad. de José Roberto Oishea. Rio de Janeiro : Objetiva, 2004

YERUSHALMI, Yosef Haym. *Between Amsterdam and New Amsterdam : The Place of Curaçao and the Caribbean* In Early Modern Jewish History in Public at American Jewish Historical Society vl. LXXII , 1982-83

VALENTINE, David. *History of the City of New York*. New York: G.P. Putnam and Company, 1853

III- Bibliografia auxiliar

BERGER, P. *O Dossel Sagrado- Elementos para uma teoria sociológica da religião*. Edições Paulinas, 1984

BOURDIEU, P. *Gênese e estrutura do Campo Religioso. A Economia das trocas Simbólicas*. Ed. Perpectiva, São Paulo, 1974

----- *Outline of a theory of practice*, trad. R. Nice, Cambridge, 1977

BURKE, Peter . “Abertura: a nova história , seu passado e seu futuro.” In *A Escrita da História : Novas Perspectivas*. Ed. UNESP. São Paulo, 1992

----- “A História dos acontecimentos e o Renascimento da Narrativa

DAMÁSIO, Antônio. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003. p.224-329

DURKHEIM, E. *Les Formes Elementaires de la vie Religieuse*. PUF, Paris, 1968

ELIADE, M. *Mito e Realidade*. Ed. Perpectiva, São Paulo, 1972

----- . *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Livros do Brasil, Lisboa, s/d.12

ISRAEL, Jonathan I. *Radical Enlightenment. Philosophy and the Making of Modernity 1650-1750*. Oxford University Press. Londres, 2001

MATTOSO, José (org.), *História de Portugal*, Lisboa, ed. Estampa, 1993, vol. 3.

MATOSO, Antônio G., *História de Portugal*, Lisboa, ed. Livraria Sá da Costa, 1939, vol. II.

MARQUES, Oliveira, *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 1983, vols. 1 e 2

MARX, K. e Engels, F. – *Sobre a religião*. Edições 70, Lisboa, 1976

MORIN, Edgard . *Mes démons*, Paris, Stock, 1994, p. 96-126

YEHUDA, Bauer, “Anti-semitism as European and World Problem” *In Patterns of Prejudice vol. 27n* London , Institute of Jewish Affairs, 1993, p15-24.

YOVEL, Yirmiyahu . *Spinoza and other heretics*, Princeton, Princeton University Press, 1988 (2 vols.)

POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano*, trad. Luis João Gaio, São Paulo, Perspectiva, 1974

POPKIN, Richard. *The Third Force in Seventeenth century*, Leiden, Brill, 1992 p. 1-8; 134-171

ROTH, Cecil. *Dona Gracia of the house of Nasi*. The Jewish Publication Society of America. Philadelphia, 1948

WEBER, M. *Sociologia de la Comunidad Religiosa* (Sociologia de la Religión). Economía y Sociedad I, Fondo de Cultura Económica, México/ Buenos Aires, 1964

-----“ Estamentos , Clases y Religión” em *Sociologia de la Religión*, Madrid, Istmo, 1997.

WINTER, JEAN-PIERRE. *Os Errantes da Carne- Estudos sobre a histeria masculina*, Rio de Janeiro Companhia de Freud, 2001.

Anexo I

Membros da Congregação Tzur Israel do Recife no século XVII

Arnold Wiznitzer publicou as assinaturas das Atas da Congregação Tzur Israel em 1953. Posteriormente I. S. Emmanuel corrigiu algumas das interpretações de Wiznitzer, em 1955. Em 1979, Egon e Frieda Wolff questionaram a forma que os nomes foram lidos e sugeriram novas grafias. Gonçalves de Melo, em 1996 faz nova tentativa de leitura, detalhando página a página do Livro das Atas. Em 2003, o rabino David Weitman publicou a lista de nomes com a imagem das assinaturas em paralelo para que possamos comparar.

¹Abaixo segue uma lista baseada nestes historiadores e em ordem alfabética

	Abraham da Gama
Abraham Bueno Henriques	Abrão Glion
Abraham Cohen	Abram Gabay Vila Real
Abraham Yisrael Diaz	Abraham Valverde
Dr. Abraham de Mercado	Aron de la Faya
Abraham Querido	Abraham Mogo
Abraham Faro	Arao Burgos
Abraham de Azevedo	Abrão Decaserez
Abraham de Marchena	Abraham Drago
Abran da Fonseca	Abram Azuly
Abraham de Jeosua Aboab	Aron Guabay
Abraham Ysrael de Piza	Benjamy Barzilay
Abraham Querido Moro	Beniamin Levy
Aharon Serfatti	Benyamin Bueno de Mesquita
Abrão Aboab Paiz	Binjamin de Solis
Aram Jonas	Binjamy Sarfatty
Arom Levy Frezão	David Burgos
Aron Dorta Depaz	David Loeb

¹ Wiznitzer, op. cit pp. 121-122. ;Gonçalves, op. cit pp- 340-344; .Weitman, op. cit pp-43-51

David Mendes	Ishac Franco Drago
David Diaz	Israel Levy Mendes
David Senior Coronel	Isaac Aboab
David Cardoso	Isaque Abendana
David Aboaf	Isaac Athyas
David Judá Leão	Izaque Gabai
David Atias	Izaque Defontes
David Cohen Casseres	Izaque Isra Quelozo
David da Costa	Isaque Castanho
Daniel Alvares de Torres	Isaque R Dez da Matos
David Alvares de Torres	Ishac Senior Coronel
David Maestro	Israel Abendana
Davi Castiel	Isaque Pereira
David Israel Faro	Ishac Benhacar e Bomdia
David de Figueroa	Isaque Levy
David Zuzarte	Isaque Gabai Side
Daniel de Castro de Hamburgo	Isaque da Silva
David Jesurun Coelho	Isaiah Salom
David Abendana	Isaque da Serra
David Levi Bomdia	Isaque Izarael
Daniel Dormido	Izaia Preto
Davi Lopes	Isaque Baruh
Daniel Belmonte	Ishac Senior Coronel
David Alvares	Izaque Canchess
	Izaque Feboff
Eliauh Veiga	Izaque Rison
Eliau Nahmias	Isaque Montesinos
Eliau Pretto	Isaque Preto
Ishac Franco Drago	Jacob Abendana
Francisco de Faria	Jacob Fundão

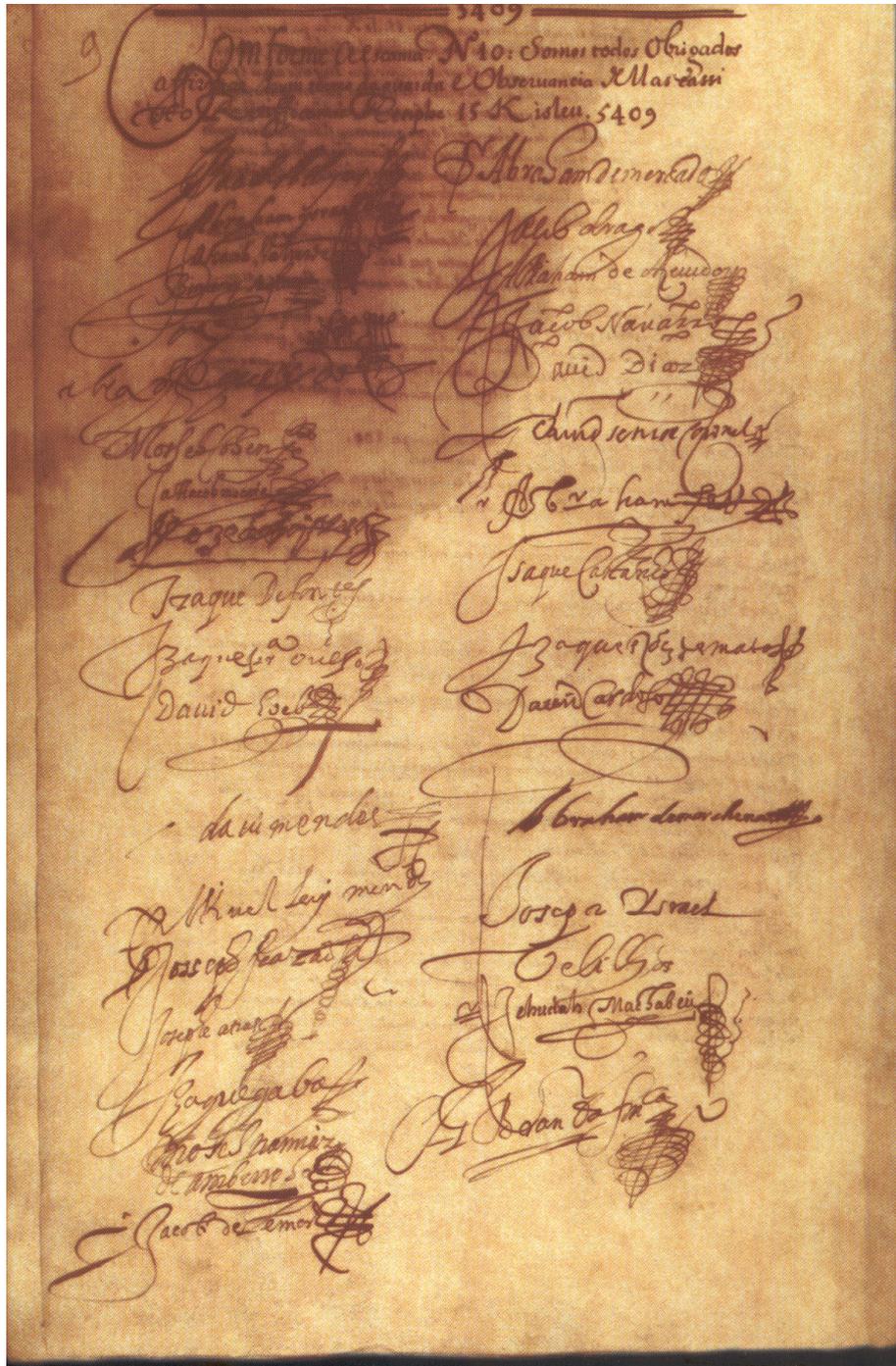
Jaacob Henriques
Josseph Atias
Jahacob Valverde
Josseph Frazão
Jahacob Mocata
Jozea (ilegível)
Jacob Draco
Jacob Navarro
Joseph Ysrael Belillos
Jehudah Machabeu
Jacob Cohen Henriques
Jacob de Lemos
Jaacob Senior
Jacob Franco Mendes
Joseph Francez
Joseph Jesurun Mendes
Joseph da Costa
Jacob Abendana
Jacob Fundão
Joseph Francez
Jacob Frazão
Jacob Zaccuto
Jahacob da Silva
Josseph Bueno Henriquez
Josua de Haro
Jehosuah Senior Coronel
Jacob Gabbay de Morais
Jeuda Bemvenista
Joseph S. Alvares
Jacob Gabai Correa
Jehosuah Ys. De Avila

Jacob Gallas
Jacob Levy
Jeosua Velosino

Yosef Bemvenist
Yacob Mochoro
Yizhak Al Farin
Ysra Lemos Dormido
Yshac Henriquez

Mosseh Cohen
Moseh Namiaz de Amburgo
Moshe Peres
Moseh Aboab
Mosseh Nunez
Moseh Levy Rosso
Moseh Navarro
Moseh de Leão
Moseh Cohen Henriques
Moseh de Mercado
Moseh Doliveyra
Moseh Nhemias Crastoz
Mordechai Senior
Moseh Netto
Moseh Zacutto
Mordehay Machorro
Mosseh de Azevedo
Moseh Abendana
Matathathias Moreno
Mosse de Castro David Cera
Manoel Levy

Mose Lumbroso
Mosses Baruch Alvares
Moseh Henriques
Mosseh Rel d'Aguilar
Moshe Nunes
Samuel Barzilay
Simson Guzdorff
Simeon Cardoso
Semuel Frazão
Samuel da Veiga
Salomão Cardozo
Salo Ysrael Mendes Diaz
Salomão Gabay
Salamão da Sylva
Semuel Montesinos



Extrato do Livro das Atas da Congregação Tzur Israel contendo as assinaturas referente a lista descrita anteriormente (Rabino David Weitman, Bandeirantes Espirituais, op. cit. pp- 42:44:46:48:51)

ANEXO III

Senhores de engenho judeus e cristãos novos do nordeste holandês (1630-54)¹

<p>David Senior Coronel (Ou Duarte Saraiva)- Um homem de grande destaque na comunidade judaica do Recife. Possuía um imóvel na rua dos judeus onde era realizadas as cerimônias judaica antes da sinagoga ser organizada. Nasceu em Portugal , Amarante em torno de 1570. Foi denunciado por Izaque de Castro no processo inquisitorial do mesmo, em 28 de janeiro de 1647, contava então com aproximadamente 80 anos.</p> <p>Era proprietário dos engenhos Bom Jesus, São João Salgado, Engenho Novo, na região do Cabo, engenho Velho de Beberibe, em Olinda, engenho Camaçari em Jaboatão, engenho Madalena, engenho Torre</p>
<p>Diogo Dias Brandão- Comprou o engenho Pirapama, no município de Escada, em 23 de junho de 1637. Casou-se com uma católica que converteu-se ao judaísmo.</p>
<p>Duarte Dias Henriques- Proprietário do engenho Nossa Senhora da Apresentação. Frequentava a esnoga do engenho Camaragibe. Aos sábados dispensava seus escravos.</p>
<p>Duarte Nunes- Adquiriu o engenho Cucaú, em Sirinhaém , em 1641</p>
<p>Fernão do Vale- proprietário do engenho São Bartolomeu em 1637. Residente em Pernambuco desde 1630 e proeminente personagem da sociedade pernambucana. Foi fiador de Baltazar da Fonseca na construção da ponte que ligava Recife à ilha de Antônio Vaz.</p>
<p>Joseph d'Acosta- Dono do engenho Salgado. Chegou ao Brasil em 1644. Era grande comerciante e homem de negócio. Foi tesoureiro da Congregação <i>Tzur</i> Israel do Recife.</p>
<p>Moisés Navarro- Importante figura da comunidade judaica de Recife, era representante e procurador da Companhia de Dotar Órfãs e Donzelas de Amsterdã no Recife. Proprietário do engenho Juriçaca e do engenho Guararapes, na freguesia de Muribeca.</p>
<p>Moses Mendes- residia no engenho Ubu em Igarassu, por volta de 1644, onde era lavrador de cana</p>

¹ Extraído de : Ribemboim, José Alexandre. Senhores de Engenho – Judeus m Pernambuco Colonial 1542-1654.pp- 150-159 Editora 20-20. Recife, 1995

<p>Pedro Lopes de Vera- Era dono de 5 engenhos em 1640: Engenho nossa senhora do Rosário em Sirinhaém Engenho do Bom Jesus, no Cabo Engenho São João, no Cabo Engenho São Brás em Sirinhaém Engenho nossa Senhora da Palma Foi indicado para compor a Câmara dos Escabinos de Olinda em 1637, mas seu nome foi vetado devido à sua origem judaica. Lutou ao lado dos holandeses pela manutenção do território.</p>
<p>Simão do Vale Fonseca- Nasceu em Portugal, no ano de 1602. Foi lavrador de canas no engenho Jaboatão de Fernão do Vale. Já residia na região quando os holandeses chegaram, na ocasião, retornou ao judaísmo e fez circuncisão. Atuou também como intermediário na venda de escravos e arrematador da cobrança de impostos em 1643.</p>
<p>Vicente Rodrigues Vila Real- Adquiriu o Engenho Guararapes de Moisés Navarro, em 1637. Era judaizante, destruiu a capela do engenho logo após sua compra. Morreu em torno de 1642, decorrente de infecção e hemorragia causadas pela sua circuncisão.</p>

Anexo IV-

Judeus sepultados no Recife holandês

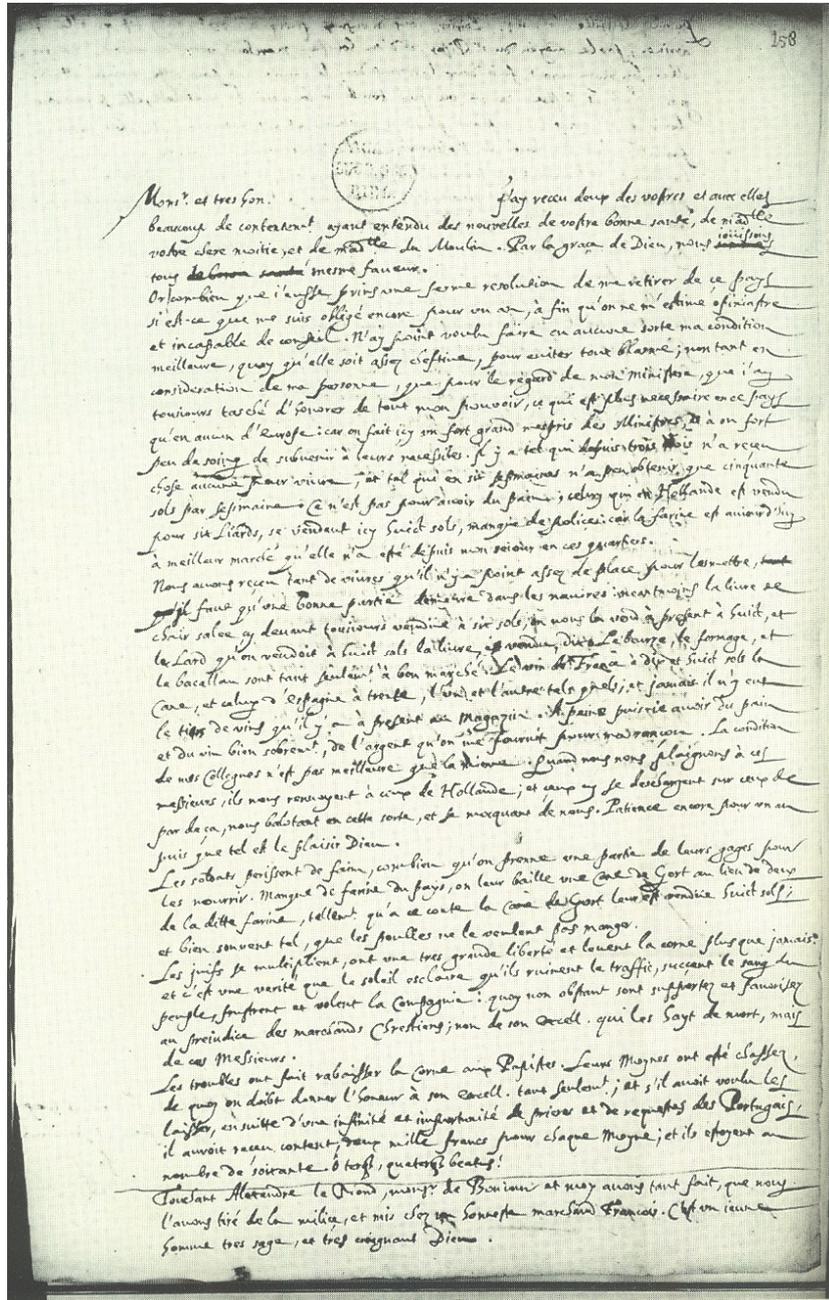
Apresentam-se, abaixo, os nomes de alguns judeus que viveram em Pernambuco, durante a ocupação holandesa, cujos óbitos ocorreram entre os anos 1638 e 1654 e foram sepultados no cemitério judaico do Recife.¹

<u>Nome</u>	<u>Ano do enterro</u>
Manuel Mendes de Castro	1638
Benedictus Jacob	1641
Moses Abendana	1642
Benjamin Pereira	1644
Moses Mendes	1645
Isaac Russon (ou Rusten)	1645 ou 1646
Antonio Montesinos	1646 ou 1647
David Henriques	1648
David Barassar	1648
Baltasar da Fonseca	antes de 1649
Jacob Delian	1649
David Senior Coronel	1651
Salamão Musaphia	1651
Simon Bar Mayer	1653 ou 1654
Antonio da Costa Cortizes	-
Esposa do neto de David Senior Coronel	-

¹ Ribeboim, José Alexandre; Menezes, José Luís Mota. O primeiro cemitério judeu das Américas: período da dominação holandesa em Pernambuco 1630-1654. Recife: Edições Bagaço, 2005. p25.

Anexo V-

Carta de um Pastor Protestante Vicente Joaquim Soler com conteúdo anti semita¹



¹ Dezessete Cartas de Vicente Joaquim Soler 1636-1643. Ed. Index. Organização B. N. Teensma. Rio de Janeiro, 1999. As cartas foram endereçadas a André Rivet- Governador do príncipe Frederico Henrique de Orange- Nassau (futuro Guilherme II), em Haia.

punis à la fille de nous. Lesir, nous en voyez quelque vent, surj est qu'elle fait
 service, par le moyen du 15 Piter, et d'un temps marchand, remis en notre navire au
 elle. son mary ayant fait deux larcins dans le navire, et pour cette cause attaché au
 grand mast, et fustige comme un juif tombé à la mer de malade, elle se devoit aller
 avec que desir, leur oyant plusieurs menaces, et autres autres qu'elle avoit vus par
 foye. Avec l'autorité de Messieurs, nous les fimes venir au Consistoire, afin de leur
 la femme, et l'enfant au premier lit, âgé d'un an, et circoncis à Amsterdam. Comme
 paravant la trouvez fut divorcée, devant tout le monde, en leur quinquante. Manque de
 bon et solide fondement, nous laissâmes l'affaire pendante.
 Ayant reçu vos lettres, nous les avons fait lire deves. L'affaire à été finie par
 en notre dernier colloque, à fin de leur donner son plus grand pitié. Pour l'arrest de
 Casell, et de vos Messieurs, conformément à votre demande: que l'enfant au premier lit
 leur être livré d'entre les mains, pour sous l'ouvrage, et de ce en France aux parents
 son son père; et la mère avec son enfant de nous, renvoyez en Hollande comme seules
 ces Messieurs voyez, nous avons oblige, et nous n'ay plus de la force crance; mais il est certain
 que sans van Casell, nous n'ot aurions tard obtenu.
 Depuis que Dieu nous a délivré des flottes et forces d'Espagne, les Portugais sont retournés à
 nous; et nous à nous en nous ministre, tel qu'il est en nous que nous aurons
 leur instruction aux quelques motifs d'ordre. Car qui ne peut pas le legs des camps de
 Casell, ont toujours demeuré en leur lieu, et pendant qu'il n'y a rien en milieu de
 les soldats exercés, tous les Dimanches.
 Les Indes et toute de lui sont partis depuis quelques jours avec plus de deux mille
 sans les malades. Le temps nous apprendra quelle en sera l'issue. Plusieurs petits partis de
 courent le pays, sans qu'il y ait moyen de les attraper. Ils font beaucoup de mal. Les Portugais
 trouvent toutes les Capitaines malgré toutes nos troupes, et est à présent au Rio Francisco. Nous
 il, qu'il a l'habitation en nous, nous ne pour les donner, sans qu'il n'a point de
 quartier. Le Comiral des Indes nous en veut, après avoir été en prison car trois ans
 nous ont fait trois années prisonniers depuis son.
 Ma femme, ma fille et sa fille, nous présentent leurs très humbles complimens, et font en leur
 à nous le Quatre, et à nous le du malin. Dieu par sa bonté nous donne tout en sa
 sauvegarde. C'est la prière de celui qui est

Henry de la Roche

Votre très humble et très
 affectueux frère et serviteur
 Soler

Au Receiff. ce. 6. May de 1644

O parágrafo referente aos judeus diz o seguinte: “Os judeus se multiplicam, têm grande liberdade e levantam o corno mais que nunca. É uma verdade que o sol esclarece que arruinam o tráfico, sugam o sangue do povo, frustram e violam a Companhia. Isso não obstante, são suportados e favorecidos em prejuízo dos mercadores cristãos; não por Sua Excelência que os odeia de morte, mas por esses Senhores”.

Anexo VIII-

Lista de residências de Nova Amsterdã, 10 de julho de 1660- Censo realizado por Nicasius de Sille¹. Comprovam que os judeus não viviam em bairros separados.

lijste van de opgenomen huysen
op den 10 Julij 1660: binne, deser stede
Amsterdam in N. Nederlandt.

De Heere Straet daer Burgemeester Paulus leende Griff woont sijn	51 huysen
De Heere dwars Straet is neffens t'Latijnsche School Niets de Heere poort op den Waerlemmer wech staen	9
De Princen graft daer des fiscaels ^{huys} staet sijn	24
De Princen Straet is de Brouwerije vande Rooze keem	5
De tuyn Straet daer des fiscaels huys staet	1
De Sude Straet daer Notaris Schelluyne woont	16
Het Stuck Steegje daer Evert Dreyckingh woont	6
De Singel daer Moetman woont sijn	17
De Waeter poort Op de wael daer W. Govert Loquermans woont en Carel van Bouggen sijn	23
De Hooghstaet daer de Notaris van Vloech woont	25
De Heere Gracht daer Jacobus Backer woont	23
De Bevers Gracht daer Eelbert Woutere woont	14
Het Maerck velt daer Teunis Cluick woont	10
Het Maerck velt steegje daer Novius woont	9
De Brouwers Straet daer Burgemeester Cortlant woont	14
De Winckel Straet daer de Fiscaal woont sijn	9
De Nieuwe Bruch bij Hendrick Jansen vande Vin daer Bruch bij Jacob van Couwenhoven	
De Bruch Straet daer Schepen Hendrick Kip woont	11
De Bruch Straet daer Schepen Antonides woont	18
Op't waeter daer Stuyvesant, en Burgemeester Antonides woont	20
De Paerle Straet daer Schepen P. Couwenhove woont	2
De Schryver hvech daer Michiel Jansen woont sijn	5
Stuyvesants hoeck daer Jan Eversta Bouw woont sijn	24
De Voorlaet. Alias de Sancte Valley heeft	2
Op de Kaeij teynse vande Voorlaet sijn	4
Op Belle Videre daer J. Drijck huysen staet sijn	4
	342

¹ New Netherland Papers. Nicasius de Sille, List of the houses of New Amsterdam, July 10, 1660. New York Public Library. Manuscripts and Archives Division- Humanities and Social Sciences Library

Het Casteel Amsterdam staet op Steyversants Hoogh
 De Wint Molen van gelijcken
 De Compagnies huys op de Uere Straet
 De Kerk int Casteel
 De Kerkhoff op de Uere Straet
 Het Stadhuis staet op de Wael
 De Hall inde Hoogh straat achter het Stadhuis.
 De Nismarckt op de Wael voor Hendrick Jansen vander Vin
 De Waech op het Waeter sneffens de Wijnbruch die
 op het Waeter mede vast is.
 Het Gasthuys is inde Bruch Straet achter de Fied.
 cael huys.
 De 5 huysen vande Compagnie staen inde Winkelstraet.
 Het gherecht op het Capske

Namen van alle plaatsen in Nieuw Nederlandt
 onder het Constructie van de Westindische Comp.

Het Casteel Amsterdam	Drupen
De Stadt Amsterdam	Breukelz
Het fort Oragne	Midwout
De Stadt Beverwijck	Vlijfingen
De Colonij Rinselaerwijck	Middelburg
Het fort Altona	Veenstede
De Colonij Nieuw Amstel	Aerunhem
De Colonij Nieuw Swede, Tennessee	Vtrecht
	Haerlem
	Amerfoort
	Rustdorp
	Acopis
	Gravesande
	Oostdorp

Anexo IX

Membros da sinagoga portuguesa de Nova York, *Shearith Israel* no século XVII

Assinavam a lista da Congregação Shearith Israel no fim do século XVII os seguintes:

David Machoro (parente de Mordechai e Jacob Machoro, presentes no Brasil Holandês com a assinatura na lista da Congregação Tzur Israel do Recife)

David (1681) e Raphael Abendana (1694) (pertencentes a congregação do Recife)

Mordecai Abendanon (morreu de catapora em 1690)

Moses Aboab (mercador) – 1684(pode ser Moseh Aboab da Congregação do Recife)

Isaac Asher

Simon Bonam(1687)

David Pardo(1684) e Joseph Pardo(1690)

Saul Brown Pardo (1685) rabino da sinagoga Shearith Israel e sua esposa Esther(1708)

Daniel Campanal (1697)

Isaac Coutinho (1676)

Raba Couty (1666-1674) – judeu italiano

Isaac da Costa (1686)

Benjamim e Esther de Casseres (1689)

Isaac Cohen de Lara (1699)

Benjamim Bueno de Mesquita (morreu em 1683)- viveu no Recife

Holandês

Joseph Bueno de Mesquita , irmão de benjamim Bueno de Mesquita (1682) e sua esposa Rachel Doval

Jacob de Robles e David e Benvenida de Robles – fugitivos de perseguições na França em 1687

Isaac Fernandes Dias

Jacob do Porto (1697)

Isaac Gabai Faro (1686) , sua esposa Esther Bueno de Mesquita e sua filha Billah

Benjamin Franks- joalheiro , chegou em 1696 de Barbados

Bianca Henriques Granada – morreu na epidemia de varíola de 1690

Isaac Henriques – açougueiro- morador do Brasil holandês

Elijah Ilhoa- morreu em 1699

Abraham Isaacs- (1699)

Moses Levi (foi admitido como homem livre em 1695)

Ansell Samuel Levy , açougueiro e sua esposa Margarete, viúva do líder Asser Levy

Moses Levy – morreu em 1728- construiu a sinagoga da Mill street e sua esposa Grace Mears Levy e seu irmão Samuel Levy e sua esposa Rachel (1732)

Isaac(1695) e Rebecca Rodrigues Marques (1697)

Abraham de Sosa Mendes (1683)

Asher e Rebecca Michaels

Isaac e Sarah Naphtali

Joseph Tores Nunes- jovem mercador morreu com 30 anos em 1704

Davis D. Robles (1696)

Davis Valentine van der Wilde – cunhado de Asser Levy

Anexo X –

Modelo de Ketubá (contrato de casamento judaico) século XVII- inscrições em português e hebraico- cedido por um antiquário de



Manhattan

כר מזוזי • דחולק וכך חלף • על חרות העל אחריות וחלף ספר כעבד דא קבולית על
 ועל ידתי בתראי באחריות וכחמר כל שטר כתיב המעו • בתקון חול דלף באסמכתא ודלף
 כעונס: דשטר וקענף מיד חרות העל לכות וכות העל חלפתי • דכשר למקענף ביה על כל קול

Juliano de Tal *Juliano de Tal* *Juliano de Tal*
Testigo *Testigo* *Testigo*

אלו קי התעיס סתמני ביי
 הקמן חול בדין
 קענף חול סתמני
 ויתעיל חול סתמני
 על שם
 בעל כדן היריעה הקדושה הבעל יתע סתמני וקענף חול סתמני
 כיום על עליו יורק
 לחדש
 שנת הקלח והכל שרירי י
 יואו

Juliano de Tal *Juliano de Tal* *Juliano de Tal*
Testigo *Testigo* *Testigo*

Registrada no Livro de R.R. Pag. 0 11



Le poeme... de mes tendres... no primeiro dia de...
 Misandri, de mores e ceteros...
 paando a o fimo...
 de...
 de...
 de...

... de he Donzella se porem...
... a Summa da dita...
... de a nova...
... de tudo far...
... dado, antes de escrever as ultimas quatro palavras...
... quem em...
... e se deve escrever como...
... e se ouver cometido mais de hum...
... das palavras ou mais, se poderã...
... e se se olvidou escrever no fim...
... Mezo com o Novo debario...
... e se se olvidou escrever no fim...
... dizem ser parentes

... he de...
... tudo 750...
... e depois de sua morte esta obrigada a...
... e se se olvidou escrever no fim...
... he o mesmo e arris